

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GESTÃO DO TERRITÓRIO**

HEDER LEANDRO ROCHA

**ESPAÇO ESPIADO: O USO DE CRACK INSTITUINDO ESPACIALIDADES
VIVENCIADAS POR ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO EM PONTA
GROSSA - PARANÁ**

PONTA GROSSA

2013

HEDER LEANDRO ROCHA

**ESPAÇO ESPIADO: O USO DE CRACK INSTITUINDO ESPACIALIDADES
VIVENCIADAS POR ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO EM PONTA
GROSSA – PARANÁ**

Dissertação de Mestrado apresentada para obtenção do título de Mestre, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, Mestrado em Gestão do Território, Setor de Ciências Exatas e Naturais, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Prof.^a Dra. Joseli Maria Silva
Co-orientador: Prof. Dr. Sylvio Fausto Gil Filho

**PONTA GROSSA
2013**

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

R672	Rocha, Heder Leandro Espaço espiado: o uso de crack instituindo espacialidades vivenciadas por adolescentes do sexo masculino em Ponta Grossa - Paraná/ Heder Leandro Rocha. Ponta Grossa, 2013. 116f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território - Área de Concentração: Gestão do Território: Sociedade e Natureza), Universidade Estadual de Ponta Grossa. Orientador: Prof. Dr. Joseli Maria Silva. Co-Orientador: Prof. Dr. Sylvio Fausto Gil Filho. 1.Espaço. 2.Crack. 3.Adolescentes. 4.Masculinidades. 5.Posicionalidade. I.Silva, Joseli Maria. II. Gil Filho, Sylvio Fausto. III. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Mestrado em Gestão do Território. IV. T. CDD: 364.152
------	---

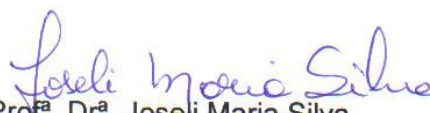
TERMO DE APROVAÇÃO

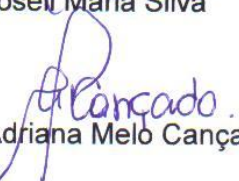
Heder Leandro Rocha

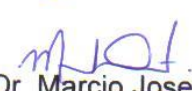
“ESPAÇO ESPIADO: O USO DE CRACK INSTITUINDO ESPACIALIDADES VIVENCIADAS POR ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO EM PONTA GROSSA - PR”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado em Gestão do Território, Setor de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:


Prof.^a. Dr.^a. Joseli Maria Silva
UEPG


Prof.^a. Dr.^a. Adriana Melo Cançado
CESCAGE


Prof. Dr. Marcio Jose Ornat
UEPG

Ponta Grossa, 03 de abril 2013.

Dedico este trabalho a mulher mais forte deste mundo, Marlene minha mãe.
Dedico também a Angelo meu irmão e à Dani minha eterna comparsa,
pelo amor e paciência.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Joseli Maria Silva, cuja responsabilidade enquanto pesquisadora impressiona e inspira; sem essa figura este trabalho não seria possível. Agradeço por todos os ensinamentos e conselhos em minha trajetória acadêmica, seja nos aspectos teórico-metodológicos, conceituais ou políticos, sobre o conhecimento geográfico ou mesmo pessoais. Agradeço pela orientação e pelos quase quatro anos de amizade e confiança.

Aos amigos/irmãos Fernando Bertani Gomes, Henrique Simão Pontes e Everton Mendes Batista que sempre tencionaram – cada um de uma maneira – minhas impressões sobre o mundo.

A todos os colegas do Grupo de Estudos Territoriais, pelas discussões e reflexões sobre o conhecimento geográfico, em especial o Professor Marcio Ornat, ao “Pai” Alides e a Rodrigo Rossi pelas; mais que amigos são meus mestres. Aos parceiros cavernosos do Grupo Universitário de Pesquisas Espeleológicas e a todos aqueles que de uma forma ou outra contribuíram para realização deste trabalho.

A minha mãe e ao meu irmão deixo os agradecimentos pelo apoio de sempre na trajetória que escolhi. E a Daniella Moss, minha querida Dani, comparsa e confidente, amada e carinhosa companheira, agradeço pelo apoio e paciência, mas principalmente pela árdua tarefa de revisão deste texto quando foi necessário. Sem você esse trabalho não seria o mesmo.

Por fim, agradeço a Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro que me recebeu de forma aberta para realização deste trabalho e principalmente, agradeço aos meninos que gentilmente atenderam nossos questionamentos, mas que não podem ter os verdadeiros nomes revelados: *Bola*, *Cavernoso*, *Dentinho*, *MVBill*, *Véio* e *Palhaço*. Sem essas pessoas a possibilidade de execução deste trabalho seria castrada e o título de mestre não seria a mim dado, fica registrada aqui minha gratidão.

Usar crack é você... Causa dependência e tudo depois, mas tipo você se sente o cara por estar fazendo uma coisa que não pode entender; Entendeu qual que era a pira? Tipo o crack, a droga, não pode entender, daí a gente se sente, tipo, vamos supor, igual lá, muito louco né cara? O cara: a o cara é muito louco, esse cara usa e tal. Tipo é sempre ta tipo cada vez mais falado e tal lá na quebrada entendeu, daí os cara... A gente usava por isso e tal; Se eu me preocupasse comigo mesmo nem usava e tal, mais pra se achar e tal, daí usei e tal né cara. (Entrevista realizada com Cavernoso em 05 de Maio de 2012)

Resumo

O objetivo deste trabalho é compreender a instituição de espacialidades relacionadas ao uso de crack por adolescentes do sexo masculino moradores de periferias de Ponta Grossa – Paraná. Suas práticas ligadas ao uso de drogas, roubos, e violência em conflitos com outros grupos fortalecem as representações sociais que incidem sobre seus corpos, considerados como desviantes. Adolescentes que nessa lógica, precisam de correção e tratamento por parte dos aparelhos de Estado e são encaminhados a instituições de tratamento como a Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro, única que recebe crianças e adolescentes do sexo masculino na cidade de Ponta Grossa – Paraná. Os elementos identitários que constituem esses sujeitos, como idade, gênero, raça e classe são experienciados e defendidos cotidianamente nas inter-relações que constituem suas práticas espaciais. O primeiro passo no sentido de mapear essas relações foi a realização de seis entrevistas em profundidade com o uso de um roteiro semiestruturado, que muitas vezes não foi seguido devido as circunstâncias do momento da entrevista, as entrevistas renderam aproximadamente nove horas de falas e dezenas de paginas de transcrição direta. As falas foram separadas em categorias discursivas e sistematizadas a partir de um banco de dados, totalizando 397 evocações organizadas em dois eixos principais. O primeiro traz uma referência direta de espaço evidenciando as espacialidades que compõem a vivência cotidiana dos sujeitos, já o segundo é composto por aquelas que não possuíam uma referencia direta com um espaço, pois tratavam de representações divididas em passado, presente e futuro. O tratamento se assume como um marco em suas vidas, como o antes e o depois. Contudo, os desafios são impostos pelas espacialidades quando no retorno aos antigos locais de moradia. Dar voz a estes sujeitos criminalizados, invisibilizados e comumente mal interpretados é mostrar que existem outras leituras da realidade, que existem outras geografias possíveis. Sujeitos que para além de uma posição de vítima são ativos em suas práticas espaciais e escolhas; entrar para o tráfico de drogas, por exemplo, pode ser uma busca por respeito ou sustento econômico. A própria conceitualização de espaço/espacialidade é tensionada pelas práticas dos sujeitos estudados e a ideia de ‘espaço espiado’ é elaborada (a partir da corporalidade advinda do uso de crack) para dar inteligibilidade ao fenômeno objeto dessa pesquisa. As vivências espaciais dos adolescentes usuários de crack estão conectadas a múltiplas espacialidades que confluem em temporalidades distintas, seus posicionamentos frente às diferentes configurações de poder são fluidas e locacionais, eles transitam entre as posições de margem e centro, numa economia do viver mais ou menos agendada.

Palavras-chave: Espaço, crack, adolescentes, masculinidades, posicionalidade.

Abstract

The objective of this research is to understand the institutional spatialities related to the use of crack by adolescent boys residents of the outskirts of Ponta Grossa - Paraná. Their practices are linked to drug use, theft, and violence in conflicts with other groups empowers negative social representations which focus on their bodies, considered as deviants. Teenagers 'addicts' and 'patients' need correction / treatment by the state apparatuses and institutions are directed to as the Therapeutic Community Treatment Marcos Fernandes Pinheiro, one that receives children and adolescent boys in the city of Ponta Grossa - Paraná. The identity elements constituting these guys, like age, gender, race and social class they are experienced in everyday defended and interrelations constituting their spatial practices. The first step in mapping these relationships has been the realization of six in-depth interviews using a semi-structured script, it often was not followed because the circumstances of the interview. The interviews totaled approximately nine hours of audio and dozens of pages to transcription directly. Talks were organized into categories and discursive systematized from a database, totaling 397 evocations organized into two main axes. The first brings a direct reference of space evidencing spatialities that make up the daily life of the boys, already the second is composed of those who did not have a direct reference to a space, as dealt with representations divided in past, present and future. The treatment is assumed as a mark in their lives, such as before and after. But, the challenges are imposed by spatialities when the return to old homes. Giving voice to these guys sometimes criminalized, invisible and commonly misunderstood is to show there are other readings of reality, that there are other possible geographies. Guys, who beyond of a position of victim are active in their spatial practices and choices, enter to drug trafficking; for example, can be a search for respect or economic support. The very conceptualization of space / spatiality is tensioned by the practices of boys investigated and the idea of "space spied" is elaborated (corporeality arising from the use of crack) to give the phenomenon intelligible object of this research. The spatial experiences of adolescents users of crack are connected to multiple spatialities that converge in different temporalities, their positions in the face of different power configurations are fluid and locational they move between margin and center positions, the economy live more or less scheduled.

Keywords: Space, crack, adolescents, masculinities, positionality.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Distribuição dos adolescentes usuários de crack em tratamento na Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro, por área de moradia.....	14
FIGURA 2	Esquema geral das evocações relacionadas ao tratamento.....	79
FIGURA 3	Esquema geral das evocações relacionadas ao discurso religioso: passado, presente e futuro.....	82
FIGURA 4	Espacialidades do uso de crack.....	91
FIGURA 5	Espacialidades e relações de poder.....	93
FIGURA 6	Espacialidades do tráfico de drogas.....	94
FIGURA 7	Espacialidades da morte.....	95
FIGURA 8	Espacialidades do roubo.....	96
FIGURA 9	Espacialidade da violência.....	97
FIGURA 10	Espacialidades da recaída.....	98
FIGURA 11	Mapa das espacialidades vivenciadas pelos adolescentes.....	99

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	Idade dos adolescentes atendidos pela Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro.....	16
GRÁFICO 2	Evolução das taxas de óbito (em 100 mil) de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos de idade) por causas externas. Brasil. 1980/2010. Retirado de Waiselsz (2012).....	33
GRÁFICO 3	Teses e dissertações - Ciências Humanas, 1987 a 2010.....	43
GRÁFICO 4	Distribuição do total de dissertações e teses acerca do crack – 1987 a 2010.....	47
GRÁFICO 5	Evocações com referência a espaços vivenciados.....	54
GRÁFICO 6	Evocações relacionadas a vila.....	55
GRÁFICO 7	Evocações relacionadas a casa.....	59
GRÁFICO 8	Evocações relacionadas ao corpo.....	61

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Evolução da participação (%) das taxas de óbito por causas externas no total de óbitos de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos). Brasil. 1980/2010. Retirado de Waiselfisz (2012).....	32
TABELA 2	Distribuição do total de dissertações e teses acerca dos assuntos: Tráfico de drogas, dependência química, crackolândia e crack, de acordo com a área do conhecimento e Programa de Pós-Graduação.....	45
TABELA 3	Perfil dos adolescentes sujeitos entrevistados na Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro.....	53

LISTA DE SIGLAS

CAPES	Coordenação Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior
CAPSad	Centros de Atenção Psicossocial para Álcool e Drogas
CEBRID	Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas
CECRIA	Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes
CEPAL	Comissão Econômica para a América Latina
CNM	Confederação Nacional de Municípios
CREAS	Centros de Referência Especializada de Assistência Social
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
GETE	Grupo de Estudos Territoriais
GUPE	Grupo Universitário de Pesquisas Espeleológicas
NEV	Núcleo de Estudos da Violência
ONU	Organização das Nações Unidas
SENAD	Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas
SINASE	Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo
SISNAD	Sistema Nacional de Políticas sobre Drogas
SUAS	Sistema Único de Assistência social
SUS	Sistema Único de Saúde
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 - ESPAÇO, USO DE CRACK E A INSTITUIÇÃO DE MASCULINIDADES NA PERIFERIA DE PONTA GROSSA, PARANÁ.....	21
1 Espaço “espiado”: A Relação entre Espaço, Masculinidades e Uso de Crack por Adolescentes do Sexo masculino.....	21
2 O Uso de Crack como Elemento da Sociedade Contemporânea.....	31
3 Panorama Inicial Sobre a Temática do Uso de Crack no Discurso Científico Brasileiro.....	43
CAPÍTULO 2 - “NÃO DÁ NADA, SE DER, DÁ POUCO”: ESPACIALIDADES VIVENCIADAS PELOS ADOLESCENTES USUÁRIOS DE CRACK NA PERIFERIA DE PONTA GROSSA, PARANÁ.....	49
1 As escalas espaciais vivenciadas pelos adolescentes usuários de crack.....	50
1.1 A Vila e a Rua.....	54
1.2 A Casa.....	58
2 Adolescentes Usuários de Crack: Do Centro a Margem nas Relações Espaciais de Poder.....	60
CAPÍTULO 3 - O MUNDO DO POSSÍVEL E A POLÍTICA DA ESPACIALIDADE.....	73
1 Os Corpos Desviantes, o Poder Disciplinador e o Retorno para o Mundo Após o Tratamento.....	73
2 O Espaço “Espiado” dos Adolescentes Usuários de Crack como uma Proposta de Operacionalização da Ideia de Espacialidade.....	87
CONCLUSÃO	102
REFERÊNCIAS	108
ANEXOS	112

INTRODUÇÃO

O que caracteriza uma pesquisa científica? O esquema de perguntas e respostas? Ou talvez os conceitos fundamentais utilizados? Uma pesquisa precisa ter um objeto de pesquisa bem delimitado, seguro? Essas questões e muitas outras se fizeram presentes em toda minha trajetória de pesquisa. Por muitas vezes a separação entre sujeito pesquisador e sujeito pesquisado não foi cumprida - não que precise ser, mas conheci leituras de mundo e transitei entre existências sendo que ao fim me culpei por não poder fazer mais por elas: inocência. Percebi que meu esquema seguro de perguntas e respostas sofria certos tensionamentos ao explicar aquilo sobre o qual tomava conhecimento. Foi então que entendi que a realidade na forma dos sujeitos dessa pesquisa é inesgotável, foge ao domínio de conceitos fundamentais.

A pergunta inicial era um pouco diferente da que guiou o trabalho, inicialmente queria compreender: como o uso do 'crack' se constitui em elemento de espacialidade para os adolescentes do sexo masculino em Ponta Grossa? Mas o uso do crack não se constitui em elemento de espacialidade, o uso do crack e tudo o que está envolvido com essa prática possibilita determinadas espacialidades que antes não eram possíveis, passam a instituir práticas espaciais. Percebi essa relação quando em meio a pesquisa um dos sujeitos deixou de ser. Deixou de existir, de se constituir no mundo, de ser verbo. Esse adolescente morreu, ou melhor, foi assassinado. Percebi que a questão não é mais a de compreender uma totalidade, pode nunca ter sido, porque as inter-relações que compõe a realidade são inesgotáveis, podem mudar a cada momento e se configurar numa coisa nova, contraditória. Podem morrer.

A escolha conceitual é sempre uma decisão delicada, por isso organizei os conceitos que procuram dar inteligibilidade ao fenômeno do uso de crack por adolescentes do sexo masculino em uma espécie de teia teórica. Ora se o grupo de adolescentes usuários de crack é fluido, mutável e complexo a minha construção intelectual precisaria ser no mínimo algo próximo a isso. Passei a trabalhar então não mais com a ideia de conceito fundamental, mas sim pensando em inter-relações mais ou menos importantes que precisam ser mapeadas, todas compondo a realidade, em temporalidades e espacialidades distintas, mas de uma forma ou outra ocorrendo no mundo, portanto espaciais.

O movimento é inverso: do fenômeno para a construção teórica. Assim, compõe a teia teórica a proposta de compreensão do espaço de Massey (2004), porque tal qual essa autora penso o mundo como espacialidade, ou espacialidades: prática espacial, o espaço político do ser, partindo de três proposições iniciais: o espaço entendido como um produto de inter-relações; O espaço possibilitando a coexistência de diferentes trajetórias – multiplicidade; Por fim, o espaço compreendido como um constante devir. Outro elemento importante na construção teórica são as ideias de James Duncan (1990), onde a paisagem passa a ser objeto de inúmeras leituras, assim como um livro que, pela intertextualidade, cada leitura é uma leitura. O movimento de passar a entender a paisagem como um texto, possibilita a evidencia de leituras outrora marginalizadas.

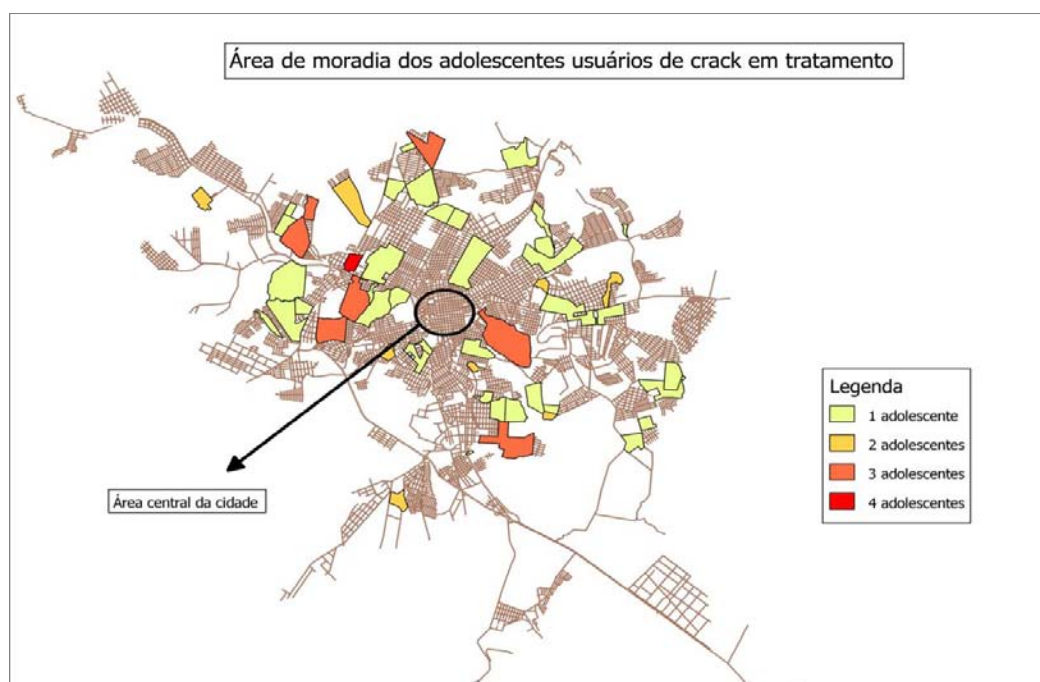
As postulações de Foucault (1971, 1979, 1988, 1996), surgem com grande importância na compreensão do movimento entre as relações de poder. Relações múltiplas e inesgotáveis, pois se passamos do confortável para o desconfortável apenas com a variação de temperatura climática, agora imagina em situações de risco de morte, por exemplo. As ideias de sociedade disciplinar, biopoder e micropoder, também desse autor, são bastante utilizadas principalmente no terceiro capítulo, quando o foco é no pós-tratamento. Para dar conta de mapear a transitoriedade nas relações de poder das práticas espaciais dos adolescentes usuários de crack, as ideias sobre espaço paradoxal de Rose (1993) e interseccionalidade de Valentine (2007) se tornam imprescindíveis. Por fim, a categoria idade exige fluidez em seu entendimento e Hopkins (2007) a entende assim, como uma construção social, mutável ao longo dos tempos.

Após essas reflexões a questão central que guia este trabalho ficou delimitada da seguinte maneira: como o uso do 'crack' institui espacialidades para os adolescentes do sexo masculino moradores da periferia de Ponta Grossa? No sentido de operacionalizar essa questão, ela foi dividida em outras três que guiam a própria estrutura do trabalho: 1. Qual é o perfil de uso do crack entre os adolescentes de baixa renda? 2. Como se institui a existência cotidiana dos adolescentes dependentes químicos do crack? 3. De que forma os usuários de crack representam suas espacialidades?

Para conseguir responder as questões estabelecidas foram realizados alguns procedimentos. O primeiro foi a elaboração de um banco de dados com base nas fichas das crianças e adolescentes internos na Comunidade Terapêutica Marcos

Fernandes Pinheiro. O levantamento esteve condicionado pelo formato da ficha preestabelecida no processo de triagem realizado pela equipe da instituição. Muitas fichas estavam incompletas, pois a informação não fora preenchida pelo funcionário que recebeu a criança ou adolescente na instituição. As informações de maneira geral também eram limitadas, as poucas informações que conseguimos relacionar à pesquisa estão no segundo capítulo do trabalho, quando é formulado um perfil dos meninos. Outra questão é que algumas informações poderiam ser omitidas, como por exemplo, no campo relativo ao tipo de droga já usada e a quanto tempo era usuário, comumente faltavam informações. De qualquer forma essa ficha foi reformulada dentro da estrutura do banco de dados (Apêndice 01) e a principal vantagem do banco de dados é que ele possibilita de maneira mais ágil e precisa a construção de estatísticas sobre o trabalho realizado, além de ter um controle maior sobre todas as informações dos internos. Foi a partir desse primeiro levantamento que a própria questão central foi alterada, pois notadamente os meninos que passam pela Comunidade Terapêutica moram em regiões periféricas em relação ao centro da cidade, conforme podemos observar na figura abaixo, onde os polígonos representam as vilas.

Figura 1 – Distribuição dos adolescentes usuários de crack em tratamento na Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro, por área de moradia.



A Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro foi inaugurada em 12 de Março de 2010 e até 01 de Julho de 2012 havia recebido 77 adolescentes vindos de várias áreas da cidade e essa distribuição apresenta alguns padrões interessantes: Nenhum adolescente mora na área central da cidade, todos vêm da periferia, sendo que as vilas Boa Vista, Coronel Cláudio, Jardim Maracanã, Leila Maria, Cipa e Cristina são áreas de moradia de um maior número de adolescentes dependentes químicos que estão em tratamento na instituição, como podemos observar na figura acima em que cada polígono representa uma vila.

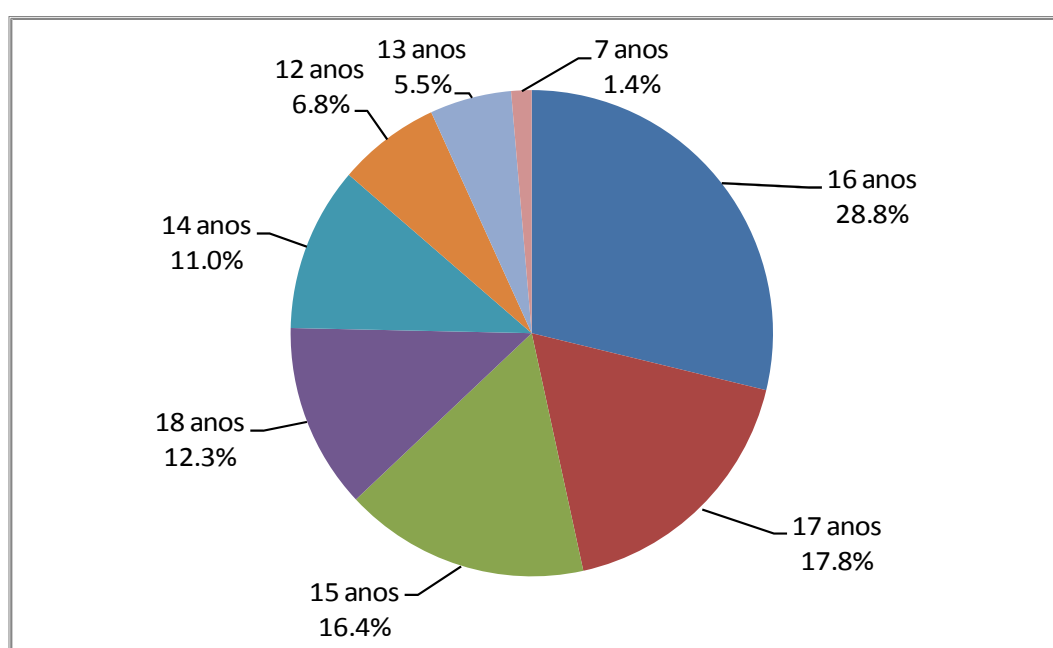
Quando o adolescente entra na instituição é assinado um documento de compromisso entre instituição e o responsável legal pelo interno, nesse documento são acordados os termos do tratamento e da alta. A alta pode ocorrer de duas maneiras principais: solicitada ou médica. A alta solicitada é quando o responsável legal a qualquer momento a pede, desde que o interno não esteja cumprindo medida judicial, se estiver só poderá sair da instituição quando receber alta médica, após nove meses de tratamento. Este é dividido em três partes, ou três grupos e em cada um são trabalhadas questões relativas a espiritualidade. Não tivemos acesso a detalhes estruturais do tratamento, até porque não foi o objetivo inicial da pesquisa.

Nas pastas individuais dos internos que tivemos acesso, foi possível perceber que para passar de um grupo a outro o critério de avaliação é relacionado ao discurso religioso que é utilizado na instituição, ancorado principalmente em textos bíblicos. Em linhas gerais, os meninos precisam assimilar as mensagens bíblicas trabalhadas e reproduzi-las nas avaliações a que são submetidos, mas essa é uma análise em específico que demanda mais aprofundamento e pode ser um campo interessante para futuras pesquisas, pois os meninos podem utilizar essa estrutura para subvertê-la.

A faixa etária que apresentou o maior número de uso de crack no levantamento realizado a partir das fichas cadastrais da instituição é a que compreende os 16 anos com 28,8%, sendo que o período de 15 a 18 anos se somado, resulta em cerca de 75% do total de adolescentes. Como vimos não existe uma definição exata para infância, adolescência e juventude. Pirotta (2006, p.3), por exemplo, considera a adolescência como um “período de duração variável, em que o indivíduo se prepara para assumir as responsabilidades adultas e buscar autonomia”. Para a autora a delimitação mais aceita na área da saúde atualmente seria considerar adolescência como um período que vai dos 10 aos 19 anos. A

perspectiva adotada nessa pesquisa utiliza o recorte do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA¹) porque judicialmente os adolescentes sujeitos dessa pesquisa estão sob tutela da Juíza da Vara da Infância e Juventude de Ponta Grossa – PR até completarem 18 anos. No gráfico abaixo é apresentado um panorama das faixas etárias dos adolescentes que já passaram pela Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro até a realização dessa pesquisa.

Gráfico 1. Idade dos adolescentes atendidos pela Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro



Durante o processo de aproximação com os sujeitos foi utilizado um 'diário de campo' que permitiu o registro de minhas interpretações sobre as relações nas quais, além de presenciar, também passei a fazer parte. Nas primeiras semanas em que estive na instituição fui 'medido' pelos internos, que estavam me analisando. Logo percebi que a linguagem que usava precisava mudar e se adequar aquele conjunto de significados. Este foi o primeiro desafio a enfrentar já o segundo, foi o fato de entrar na vida de outras pessoas e dar uma espiada, principalmente porque não se trata apenas de olhar, mas sim de mapear aquelas trajetórias e fazer parte delas de alguma forma, quando o contato com os meninos foi mais próximo, nas entrevistas. Entendo a entrevista como um acontecimento, um momento que pode ou não marcar as trajetórias tanto do pesquisador como do sujeito pesquisado.

1 Mais informações sobre o ECA serão trabalhadas no capítulo adiante.

Entrando na instituição os educadores me receberam muito bem, já os meninos ficaram um tanto distantes, o que é normal porque era um estranho naquela realidade, mas aos poucos esse quadro de forasteiro mudou. Na verdade, penso que o maior estranhamento foi meu em relação a eles. Percebi que o olhar ou a simples maneira de se olhar diz muito.

As coisas só mudaram quando os primeiros meninos, curiosos começaram a investigar sobre o meu trabalho na casa. Nesse momento iniciou uma aproximação, que na verdade se deu muito mais intensa no sentido pesquisador-sujeito do que ao contrário, custou entender que aquelas trajetórias eram próprias e que eu enquanto pesquisador não devia interferir no sentido de ajudar, de ter a obrigação de ajudar. Nesse momento houve a primeira ruptura entre pesquisador e sujeitos da pesquisa. Uma ruptura relativa, porque essa espécie de dívida para com os sujeitos ainda vai perdurar no sentido do neto que ouve as histórias do avô e é grato por ter o privilégio de ouvi-las, mesmo que sempre se repitam. Essa talvez tenha sido a parte mais importante dessa pesquisa, a fase de amadurecimento do sujeito pesquisador. À medida que me aproximava dos adolescentes para estabelecer uma relação mínima de confiança, conhecia um mundo novo e misterioso onde determinadas relações eram mais ou menos importantes que outras. Utilizei o tempo até o início das entrevistas para elaborar um banco de dados no sentido de atualizar a ficha cadastral utilizada na instituição.

No segundo para o terceiro mês estes conflitos já haviam sido resolvidos, até mesmo pela fluidez que é a passagem dos internos. Três semanas que deixei de ir até a casa e já não conhecia a maioria dos meninos, pois muitos dos que antes estavam lá tinham fugido. Fiquei angustiado em pensar que os laços outrora estabelecidos tinham ruído, mas foi aí que tive uma surpresa. Os mais velhos me legitimaram perante aos mais novos, como o ‘cara das cavernas’, o ‘professor’, aquele momento foi muito gratificante. Nesse mesmo período, enquanto trabalhava com o levantamento documental dos meninos, fui desenvolvendo uma aproximação com eles, pois minha presença passava a ser cada vez mais aceita naquele espaço, até o momento em que já havia vínculos suficientes para o início da realização de entrevistas. O vínculo final ocorreu quando realizei um curso sobre espeleologia, com uma visita a Caverna Olhos d’água no município de Castro - Paraná. Esse curso foi desenvolvido dentro de uma parceria entre o Grupo Universitário de Pesquisas Espeleológicas (GUPE), o qual faço parte, e a Universidade Estadual de

Ponta Grossa (UEPG), por meio do projeto de extensão intitulado “Espeleodiversidade, ensino e conservação”. A UEPG cedeu um ônibus para o deslocamento, o que foi uma experiência muito intensa para os adolescentes, que quase em sua totalidade nunca tiveram algum contato com a universidade. De maneira geral, essa ocasião possibilitou uma grande aproximação com os internos estabelecendo uma relação de confiança. Solicitei então aos internos que se apresentassem de forma voluntária para me auxiliar na pesquisa, a fim de compreender sua trajetória de vida e cerca de 15 meninos se colocaram à disposição (de um total de 24 internos) e destes oito foram entrevistadas.

Muitos conflitos fizeram parte da trajetória dessa pesquisa até sua apresentação final, uma das principais marcas é a dificuldade em definir um tempo verbal e a pessoa de fala padrão para todo o texto. Isso ocorre porque em alguns momentos estou falando dos meninos, em outros, estou me posicionando como pesquisador e apresentando as experiências que pude vivenciar, mas, além disso, por vezes, me refiro ao mundo ou a fenômenos específicos. Essa dificuldade é presente em toda construção textual e também está presente na construção teórica, que foge de um alinhamento conceitual, pelo contrário, se aproxima de muitas correntes do pensamento, como por exemplo, a da Nova Geografia Cultural, mas também tem uma perspectiva próxima das Geografias das Sexualidades. Aliás, isso sempre foi um incômodo em minha trajetória acadêmica: a necessidade de enquadramento teórico, político, etc. Mas a partir de algumas reflexões sobre o instigante livro intitulado *“Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia I”* de Deleuze e Guattari (1995) pude compreender que aquilo que me perturbava era algo que um dia também incomodou estes autores.

Em certo momento percebi que precisava abandonar a ‘Árvore’, com suas raízes, caule e folhas. A árvore a que estes autores se referem é o pensamento arbóreo da Ciência ocidental, baseado em conceitos fundamentais – raízes – e duplicações teóricas. A árvore nessa perspectiva é estruturada a partir de *sistemas arborescentes* onde um elemento “só recebe suas informações de uma unidade superior e uma atribuição subjetiva de ligações preestabelecidas” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p.25). Os *sistemas arborescentes* são para Deleuze e Guattari (1995) tudo aquilo que de maneira hierárquica possui centros de referência em significância, funcionando como memórias organizadas. É preciso então, enxertar esse esquema e fazer com que a árvore trabalhe para fins diferentes, para

‘estranhos e novos usos’, nas palavras destes autores. Temos que produzir filamentos que sejam parecidos com as raízes e que possam penetrar no tronco até que os galhos sejam atingidos, depois as folhas e as flores, extravasando do sistema centrado, criando uma organização a-centrada, brotos de uma nova forma de pensar o mundo, alternativa.

A perspectiva acima está presente neste trabalho que é apresentado e organizado em três capítulos estruturados a partir das questões de partida, mas podem ser lidos como aproximações, separadamente, pois no primeiro é realizado um esforço no sentido de construir uma teia teórica que dará suporte para a investigação. Esse capítulo ainda aproxima a construção teórica do fenômeno do uso de crack no Brasil e em Ponta Grossa – Paraná, além de apresentar os próprios sujeitos da pesquisa. Já o segundo capítulo procura mapear as práticas espaciais, as espacialidades que compõem a vivência cotidiana dos meninos dessa pesquisa. Vivências que só puderam ser conhecidas devido a uma aproximação que levou seis meses para ser concluída, entre o Grupo de Estudos Territoriais (GETE), na minha figura de pesquisador e a Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro.

O terceiro e último capítulo é onde mais me aproximo das idéias de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), dentro da perspectiva desconstrucionista e pós-estruturalista, agregando elementos da Teoria Bootstrap² da Física Quântica. Esse capítulo é dividido em duas partes, sendo que a primeira procura compreender como os sujeitos da pesquisa mudam seu discurso em relação ao mundo e a vida após o tratamento, ancorando esses novos significados na realidade, numa abertura para as possibilidades que o devir reserva. Já a segunda parte faz um debate sobre a conceitualização de espaço e espacialidade, procura operacionalizar essa ideia a partir de uma proposição: o espaço ‘espiado’. Ideia que surge a partir das entrevistas, porque o uso de crack, mais especificamente o comportamento relacionado ao uso é considerado pelos meninos como um comportamento

² Fritjof Capra (1995) em seu livro intitulado de “Sabedoria incomum” aponta que Geoffrey Chew tem sido o líder dessa teoria, onde, juntamente com seus colaboradores elaboram “uma teoria ampla e abrangente das partículas subatômicas, juntamente com uma filosofia mais geral da natureza. Essa filosofia *bootstrap* não só abandona a idéia de blocos de construção fundamentais da matéria, como nem sequer admite entidade fundamental alguma — nenhuma constante, lei ou equação fundamental. O universo material é concebido como uma rede ou teia dinâmica de eventos interrelacionados. Nenhuma das propriedades de qualquer parte dessa rede é fundamental; todas decorrem das propriedades das outras partes, e a consistência global de suas interações determina a estrutura da rede toda” (CAPRA, 1995, p.42) Concepção essa adotada nesse trabalho.

‘espiado’, ‘cabreiro’, que acaba sendo transposto para suas vivências cotidianas, constituindo elementos identitários a partir de suas corporalidades. Enfim, à medida que a reflexão teórica é desenvolvida e os discursos vão sendo mapeados, as inter-relações que constituem a vivência dos adolescentes usuários de crack vão ganhando foco, em uma construção textual que procura fugir da linearidade.

CAPÍTULO I

ESPAÇO, USO DE CRACK E A INSTITUIÇÃO DE MASCULINIDADES NA PERIFERIA DE PONTA GROSSA, PARANÁ

O presente capítulo tem por objetivo construir o quadro teórico de referência sobre o qual a pesquisa foi conduzida. O caminho teórico e metodológico é uma escolha que está mediada, tanto pelo fenômeno como também pelas opções do pesquisador. Não há trabalho investigativo neutro e, portanto, a explicitação do caminhar científico se faz necessário. É o momento de conhecer o novo-mundo (fenômeno), mas ainda com as proposições da metrópole (ciência) que do novo-mundo só especula. Esse capítulo é sedentário, conta uma história, aquela dos outros, é o antes da vontade de conhecer, da descoberta e procura responder ao seguinte questionamento: Qual é o perfil de uso do crack entre os adolescentes de baixa renda? Para isso, o texto é dividido em três seções, a primeira é enraizada em conceitos, os apresenta em forma de uma trama que, de certa forma, procura dar suporte ao fenômeno do uso de crack em Ponta Grossa – PR em relação ao Brasil (segunda seção). Por fim, a terceira parte apresenta a tímida produção do conhecimento geográfico brasileiro em relação ao tema das drogas e do crack em específico.

1 - Espaço ‘espiado’: A Relação entre Espaço, Masculinidades e Uso de Crack por Adolescentes do Sexo masculino

Construir uma inteligibilidade sobre o fenômeno de uso de crack no campo da Geografia não é tarefa fácil. Primeiramente, porque este tema não é usual nesta área de conhecimento, mas também porque os conceitos geográficos ao longo de sua história estiveram apoiados em uma perspectiva de espaço que se fazia a partir de uma exterioridade com o sujeito. O uso de drogas, pelo contrário, traz um componente espacial que envolve as pessoas em sua dimensão mais íntima, o corpo e as sensações. Contudo, a vivência de adolescentes usuários de crack certamente não se dá em um vácuo espacial, mas se concretiza no cotidiano das suas ações, seja no processo de aquisição e consumo da droga ou mesmo quando sua corporalidade expressa a sua dependência química.

Maurice Merleau-Ponty pensa no espaço de uma forma não matemática, geométrica ou cartesiana onde os fenômenos apenas são distribuídos. Para Merleau-Ponty (1999, p. 336) o espaço é a “potência universal de suas conexões”, ele passa de um “espaço espacializado a um espaço espacializante”. Merleau-Ponty nos mostra que a existência é espacial, não se pode pensar no espaço simplesmente como sendo o *onde* as coisas acontecem porque a multiplicidade existente nessas relações é bem maior que isso. Para Dardel (2011) a própria Geografia é “segundo a etimologia, a “descrição” da Terra, mais rigorosamente o termo sugere que a Terra é um *texto* a decifrar” (DARDEL, 2011, p.2), que os elementos que compõe a Terra são os signos do texto e o conhecimento geográfico teria por finalidade esclarecê-los.

A Geógrafa Joseli Maria Silva (2002, p. 119) argumenta que “é a partir do espaço, concebido como uma criação humana que condiciona seus criadores, que se pode desenvolver as percepções, a comunicação entre os indivíduos”. Bom, se a existência é espacial então existem inúmeras “espacialidades”, existem diferentes existências espaciais, o espaço passa a ser prática espacial, ou como nas palavras de Certeau (1998, p.202) “o espaço é um lugar praticado [...] Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito”. Para este autor o espaço é “*um cruzamento de móveis*”. Passamos então para um espaço em movimento, um conjunto de movimentos que se entrecruzam, estamos falando de um espaço relacional, ou melhor, um espaço composto por relações. Falamos então de um espaço praticado, de uma espacialidade que é exercida por alguém, seja um sujeito ou um grupo. Massey (2004, p. 9) apresenta uma proposta de compreensão desse espaço/espacialidade e procura sua conceitualização a partir de três proposições iniciais: (1) o espaço entendido como um produto de inter-relações, desde as pequenas trocas cotidianas até as transações globais; (2) o espaço possibilita a coexistência de diferentes trajetórias, onde “multiplicidade e espaço são co-constitutivos” e; (3) o espaço como um constante devir, eternamente rearranjado, algo que está sempre por acontecer – ou não – porque “estas não são absolutamente relações de um sistema coerente, fechado, dentro do qual, como se diz, “tudo está (já) relacionado com tudo” (Ibid, p.9). Talvez a grande diferença dessa abordagem seja, que nessa forma de conceber e imaginar o espaço ele “pode não ser, nunca, aquela simultaneidade completa na qual todas as interconexões foram estabelecidas, e na qual tudo já está

interligado com tudo” (MASSEY, 2004, p.9). Aqui o espaço passa a ser encarado como prática: espaço/espacialidade.

Ler o espaço geográfico dessa forma é ter uma fonte inesgotável de possibilidades, e dentro das correntes do pensamento que priorizam a compreensão do espaço geográfico é a Nova Geografia Cultural que vai possibilitar a compreensão da produção do espaço a partir de elementos imateriais, na significação construída por determinados sujeitos ou grupos sociais. E dentre os autores que se destacam nessa corrente do pensamento está James Duncan (1990) que em sua célebre obra “*The City as Text*”, sugere que a paisagem seria constituída por vários textos, discursos. Essa paisagem/texto seria entendida como um sistema de significados e práticas que se transformam historicamente, que recebem e transmitem significados, tal qual a linguagem, onde a “intertextualidade” possibilita que um mesmo objeto seja interpretado de diferentes formas.

Essa perspectiva abre caminhos de interpretação do espaço geográfico baseado não na sua objetividade material, mas sim na pluralidade ao qual está relacionada. Ainda no mesmo raciocínio, Silva (2002, p. 190) contribui colocando que “as interpretações das informações dependem dos sujeitos que atuarão no processo de recepção e interiorização da informação que por sua vez é determinado e determinante dos valores culturais”. Já Ornat (2007), quando estuda o território da prostituição e instituição do ser travesti em Ponta Grossa – PR, é categórico e aponta que com a ideia de compreender a cidade como um texto do Geógrafo James Duncan “abre-se a possibilidade de tornarem visíveis outros textos não hegemônicos, e sua dimensão espacial, propiciando através do trabalho científico a visibilidade de grupos tradicionalmente inexpressivos na geografia” (ORNAT, 2007, p. 40).

Mas o trabalho científico, por sua vez, nunca vai reproduzir rigorosamente a realidade, Borges (1989) constrói uma alegoria sobre esses esforços quando utiliza o exemplo de um reino que desenvolveu a arte da cartografia com perfeição, mas os mapas produzidos pelos cartógrafos ainda não eram suficientes. Na busca de confeccionar o mapa mais preciso já visto, eles decidiram construir um mapa cujas extensões eram exatamente as do reino e com o tempo, a utilidade do mapa passou a ser questionada até que as gerações mais novas o considerarem inútil. O exemplo de Borges (1989) nos alerta para um cuidado na produção do conhecimento. O

mundo é inesgotável e jamais conseguiremos representá-lo em sua totalidade e as tentativas de produzir modelos genéricos da realidade muitas vezes obscurecem detalhes e sujeitos.

A esse dilema, Deleuze e Guattari (1995) colocam que é preciso pensar no mundo de forma rizomática³ e ser ‘rizomorfo’ é pensar na multiplicidade, mas não em uma pseudo-multiplicidade, replicada a partir de uma unidade superior ou central, pela estrutura da ‘árvore’ que inspirou todo o pensamento ocidental, das ciências naturais às sociais. É preciso fugir dessa estrutura de replicação do conhecimento que produz um conhecimento para si mesmo. Os conceitos fundamentais funcionam num sistema ‘Um-Dois’, ‘radicular’ como assinala Deleuze e Guattari (1995) permanecendo sempre na duplicação: os troncos emanam das raízes, os galhos dos troncos, as folhas saem dos galhos assim como as flores. Contudo, ao pensar no mundo a partir da ideia de agenciamento, afirmamos uma perspectiva de prática onde as pessoas são ‘agentes’ na produção de espaços/espacialidades em suas vivências. Nessa perspectiva, os sujeitos são retirados de uma posição de inércia onde são passivos em relação aos processos exteriores e passam a produzir, a agenciar. Agenciamentos podem ser mapeados, não de forma definitiva, mas situacional e aberta e, como contribui Deleuze e Guattari (1995, p. 21), “o mapa tem múltiplas entradas contrariamente ao decalque que volta sempre “ao mesmo”. Um mapa é uma questão de performance enquanto que o decalque remete sempre a uma presumida ‘competência’. E mais, o mapa não reproduz para ele mesmo, ele constrói. Um mapa é sempre aberto e conectável a partir de qualquer uma de suas partes ou de suas dimensões, e é possível adicionar modificações, revertendo suas partes, desmontando-o. Ele pode ser encaixado ou enxertado porque se adapta a qualquer montagem, pode ser rasgado, consertado e colado. Pode, enfim, “ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como uma obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação” (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p. 21).

3 Proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari o Rizoma é parte fundamental de sua teoria filosófica, ou como os autores chamam, sua não-filosofia. Trata-se de um modelo epistemológico construído a partir de uma crítica ao pensamento ocidental, baseado em conceitos fundamentais. A ideia de Rizoma foi inspirada na botânica, advindo de tubérculos e bulbos de plantas que conseguem brotar ou se ramificar a partir de qualquer ponto, não necessariamente numa estrutura raiz-tronco-galhos. Os bulbos podem funcionar tanto como raiz, tronco ou galhos, independente de sua localização na estrutura da planta. A analogia para a epistemologia do conhecimento é no sentido de propor um sistema onde não existem raízes ou conceitos fundamentais.

A potência de uma paisagem é inesgotável se flagrarmos a ilusão da imagem de um pesquisador observando e descrevendo uma paisagem distante; desconsiderando que ele próprio se expressa como um ser-no-mundo e se constrói como um ser-na-paisagem, como nos traz Dardel (2011) ao apropriar-se das obras de Martin Heidegger. Para esse autor, a paisagem “é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma “impressão”, que une todos os elementos” (DARDEL, 2011, p. 30). Ele ainda trabalha com a ideia de Geograficidade: onde a Terra ou o espaço seriam o lugar, a base de sua existência enquanto prática, e a paisagem assim entendida é o resultado dessa apropriação de mundo. Para Dardel (2011, p. 34) a Geograficidade é exatamente o lugar onde o ser humano está, são “os lugares de sua infância, o ambiente que atrai sua presença. Terras que ele pisa ou onde ele trabalha, o horizonte do seu vale, ou a sua rua, o seu bairro, seus deslocamentos cotidianos através da cidade”.

Berque (1998) sugere que a paisagem exista em primeiro lugar na sua relação com a sociedade, que a produziu, que a reproduz e a transforma, sendo que a geografia cultural procuraria entender essa relação de movimento: paisagem-marca e paisagem-matriz. Pois ao mesmo tempo em que a paisagem é matriz de significados ela se torna marca - quando representamos.

Porém, nessa lógica, a relação de auto-reprodução aconteceria somente após o reconhecimento dos significados atribuídos à paisagem e o não reconhecimento seria um fator que impediria essa relação. É o que Silva (2002) questiona, pois muitas são as geograficidades, as formas de ‘experenciar’ o mundo. A rua, a casa, a vila, a cidade e o mundo são habitados e ‘experenciados’ de formas distintas. O mundo não é dividido entre forma e essência, as pessoas não têm a possibilidade de separar-se da paisagem, como quem descreve algo que está distante, as pessoas só conseguem se expressar na cumplicidade com o mundo, banhado em uma paisagem, plasmando o mundo. A multiplicidade desses movimentos se torna inesgotável.

A multiplicidade que antes era impossível de cartografar agora vai ganhar novos olhares, porque são os sujeitos que jogam com os elementos identitários, que os constituem e Valentine (2007) quando trabalha a ideia de interseccionalidade demonstra que categorias como idade, sexualidade e raça, por exemplo, são defendidas diariamente e se ‘cruzam’ nos sujeitos em configurações distintas. Valentine (2007) aponta que o conceito de interseccionalidade tem sido pouco

difundido nas geografias feministas, sendo que em poucos trabalhos essas categorias têm sido trabalhadas realmente de forma interconectada, onde que, comumente, apenas uma dessas categorias é eleita e conseqüentemente trabalhada separadamente. Para a autora, os estudos que obtêm êxito na abordagem do conceito são reveladores no sentido de demonstrar que a diversidade ocorre através dos espaços.

A partir de determinadas configurações dessas categorias relacionadas ao espaço, os sujeitos se posicionam nas relações sociais de poder como em um jogo, onde os agenciamentos são possíveis a partir de tais possibilidades de configuração tomada pelas relações de poder. As intersecções podem ainda, confluir em temporalidades distintas, como por exemplo, a sexualidade e a raça que implicam trajetórias específicas ao longo da vida, onde vão sempre coexistir em relação à idade e o que muda é a configuração que podem tomar. Nessa perspectiva, a idade é uma construção social que varia de acordo com períodos históricos, ou mesmo em diferentes espacialidades. Hopkins (2007) ao relacionar idade com diferentes experiências de lugar sugere que os conceitos de espaço e lugar ganham outra visibilidade e ainda aponta que, as apropriações de espaço existem de diferentes formas com relação à idade dos grupos.

Ariès (1973), em seu importante trabalho intitulado de “História social da criança e da família”, demonstra que a categoria ‘criança’ é construída a partir das transformações de instituições sociais - como a família ou a escola - e jurídicas que organizam a sociedade. O autor faz um estudo analisando as representações da escola, da criança e da família na época medieval e moderna. Para o autor, até a modernidade as crianças eram vistas e entendidas como pequenos adultos, o que muda após este período. Para Silva (2005), na modernidade, os significados relacionados a categorias como criança, adolescente e jovem passaram a se distanciar daqueles, porque

o controle das sociedades modernas se voltou para a adolescência e para a juventude, que iam assumindo lugar privilegiado [...]. O espaço público – o parque, a praça, a rua – que antes era visto como um ambiente de aprendizagem, de sociabilidade e de desenvolvimento do mundo social, com a modernidade, passa a significar mais um espaço de brincadeiras, de algazarra e de violência. Nesse espaço, o adolescente/jovem é visto como potencialmente perigoso, comprometendo as relações sociais. E, nas ruas da cidade, os policiais se encarregam de fazer a higiene dos

espaços públicos, aprisionando crianças, adolescentes, jovens e homens pobres, inúteis, improdutivos e insolentes. (p. 37)

Para Chimin (2009), na sociedade moderna ocidental, a ideia de adolescência passou a ser associada à educação para a fase adulta, que se segue. Sendo que os espaços onde essa educação/regulação acontece são a escola e o espaço familiar, privado e nuclear, centrados na figura do pai, mãe e irmãos. Mas as relações que compõe a vivência de um adolescente diferem da forma que a vida se configura para um adulto. Tomemos como exemplo uma rua qualquer: a rua em si, física, materialmente é a mesma em ambos os casos, o que muda são as leituras. Nas palavras de Tuan (1983)

Para a criança pequena, o tempo não “flui”; ela fica no tempo como se estivesse fora dele, permanecendo como criança aparentemente para sempre. Para o adulto o tempo corre, empurrando-o para frente quer queira, quer não. (TUAN, 1983, p.205)

A realidade geográfica se configura então como prática e como tal é exercida por sujeitos. Cassirer (2001) sugere que, se verdadeiramente quisermos compreender estes sujeitos é necessário concebê-los, não apenas a partir dos aspectos relacionados à materialidade, como por exemplo, a estrutura, organização e constituição, mas que, além disso, é preciso compreendê-lo em relação aos outros: aos significados que os outros fazem de suas práticas, ou ainda, seria interpretar os significados que ele faz do mundo. As diversas leituras que compõe a realidade geográfica do ser podem muitas vezes não se dar de maneira harmoniosa, é preciso ter certa cautela quando se procura mapear um sujeito e as relações de poder que os compõe. Foucault (1988) nos lembra de que essas relações de força podem não se dar de maneira muito estável, ou previsível, pois “podem existir discursos diferentes e mesmo contraditórios dentro de uma mesma estratégia; podem, ao contrário, circular sem mudar de forma entre estratégias opostas” (FOUCAULT, 1988, p.112). Isso ocorre porque o poder “se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis” (Ibid, p. 112). Nessa perspectiva, a ideia de compreender as táticas e estratégias ao nível de espacialidades, ou nas palavras de Foucault (1988) o “cinismo local do poder” pode ser revelador, pois “a lógica ainda é perfeitamente clara, as miras decifráveis [...] cujos “inventores” ou responsáveis quase nunca são hipócritas” (Ibid, p. 105). Nunca

são hipócritas no sentido de que as relações de poder se constituem de maneira bastante consciente, objetiva, ou ‘interesseira’ nos agenciamentos realizados pelos sujeitos.

Nesse ponto, o próprio corpo ganha outra visibilidade e para Linda McDowel (1999) ele próprio pode ser entendido como um lugar, um espaço habitado pelo sujeito que se apresenta frente aos outros corpos, é lido e lê, percebe e é percebido, uma vez que essa leitura depende das relações de poder a que os sujeitos estão envolvidos. Para Mayol (1996) o corpo é o suporte de nossas mensagens gestuais, é onde se inscrevem o respeito aos códigos ou o seu desvio e para esse autor é no corpo que as formas simbólicas e de valores se fazem legíveis. Alguns elementos do cotidiano, como as convenções gastronômicas e determinados comportamentos dão visibilidade às práticas culturais de determinado grupo, tal como a enunciação traduz em palavras o discurso. Assim, McDowel (1999) entende o corpo como uma prática, onde de forma fluída e variável exercemos nossa *corporalidade*, ou nossas *corporalidades*.

Corporalidades masculinas podem ser diferenciadas de corporalidades femininas porque afinal de contas são corpos diferentes. Contudo, na perspectiva de Judith Butler (2000) a diferença sexual, como é evocada, não pode ser reduzida simplesmente a uma diferença material, as corporalidades estão sempre associadas, marcadas e formadas por práticas discursivas. O que por outro lado, também não quer dizer que o discurso é formador de diferenças sexuais. Sexo é normativo! Ou nas palavras de Foucault (2011), a sexualidade é um dispositivo regulatório. E, para, além disso, essa prática regulatória – como toda prática regulatória – produz os corpos que governam e que controlam. Esse movimento ocorre na medida em que, o ‘sexo’ - regulatório - é idealizado ao longo do tempo e imposto, materializado e reiterado através da norma, diariamente. Se precisa ser reiterado-praticado, não é uma condição. Porque a materialidade nunca está completa, o ‘sexo’ não é um fato. Mas também não é um ato. Como defende Butler (2000), é uma prática, a prática de reiterar, de fazer, é *performance*. O gênero passa a ser entendido como performático e essa concepção é fundamental nessa pesquisa. Pois os sujeitos, em determinadas condições, podem exercer uma *performance* no sentido de assinalar a posição de centralidade nas relações de poder e para isso práticas violentas podem ser necessárias. Contudo, em outras configurações os mesmos sujeitos podem estar em uma posição menos privilegiada.

Chimin (2009), com base em pesquisa realizada nos periódicos científicos brasileiros, aponta que a produção do conhecimento geográfico sob o ponto de vista das masculinidades ainda é incipiente e como ressalta Rossi (2010) “pode ser afirmado que abordagens referentes às masculinidades e suas relações espaciais fazem parte de um fenômeno científico recente e que requer ainda esforço para o seu desenvolvimento” (ROSSI, 2010, p. 84). Aliás, os estudos destes dois autores constituem importantes referências sobre a abordagem da masculinidade na Geografia brasileira.

Para Butler (2000), as normas regulatórias do “sexo” que classificam corpos e comportamentos atuam de forma performática na própria construção dos corpos. Sendo que o *gênero performático* não pode ser - nunca, nessa perspectiva, pensado como uma construção cultural imposta na matéria – corpo. Ao passo que o corpo, não está separado da materialização da norma regulatória, é sempre um movimento de duplo vínculo. Butler (2000) alerta, ainda, que o ‘sexo’ não é aquilo que se tem, ou o que se é, mas sim aquilo pelo qual o ‘ser’ se torna possível, “é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural”. Assim masculinidade aqui é entendida como prática de um corpo, assumido como masculino que se constrói na repetição do presente, que exige. É uma prática construída por relações de poder. É aquilo que assumimos toda manhã ao olhar no espelho, e como diria Mayol (1996, p. 31) “é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo”, e que pode ser praticada de formas distintas, dependendo da configuração das relações de poder naquele momento. O conceito de masculinidade, portanto, é concebido aqui como um dos elementos que compõe a vivência dos adolescentes homens dessa pesquisa, em suas relações com o espaço, em suas espacialidades.

O gênero como vimos, não existe de forma essencializada, assim como a masculinidade também não. Entretanto, existem representações que criam certo padrão do que é ser homem, mesmo com as masculinidades sendo produzidas localmente, por sujeitos e/ou grupos. Essas formas de ser homem são classificadas pela sociedade e hierarquizadas em boas ou ruins, onde as primeiras devem ser seguidas e as outras devem ser evitadas. Mas os adolescentes usuários de crack, muitas vezes em suas espacialidades não seguem o modelo hegemônico, em verdade transitam entre essas práticas de ser homem como pode ser visto no

próximo capítulo.

Nessa perspectiva, de transitoriedade as ideias da geógrafa Gillian Rose (1993) quando elabora a noção de ‘espaço paradoxal’, os sujeitos estão em contínua construção e afirmação dos elementos que os constituem, onde categorias como sexualidade, idade e classe, por exemplo, são cotidianamente experienciados e postos *a prova*. A esse caráter do espaço paradoxal dá-se o nome de ‘*multidimensionalidade*’. Já ao movimento de transitoriedade e mobilidade nas relações de margem-periferia em diferentes configurações espaciais dá-se o nome de ‘*plurilocalização*’. Em pesquisa realizada com adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei na cidade de Ponta Grossa – PR, Rossi e Chimin (2009) conseguem mapear essa transitoriedade, nesse trabalho ora os sujeitos ocupavam a centralidade das relações, (quando vistos como homens ‘fortes’ e ‘valentes’ pela própria leitura identitária que faziam enquanto sujeitos e enquanto grupo) e ora estavam à margem (enquanto sujeitos das periferias pobres, sendo denominados como ‘marginais’, ‘bandidos’).

Os adolescentes do sexo masculino quando considerados viciados por usar crack, assumem uma posição de desvio da norma perante os aparelhos de – controle – do Estado. No Brasil, o consumo, o tráfico ou a produção de determinadas drogas é considerado um ato infracional, passível de punição/correção, mas quando falamos em menores de dezoito anos a situação muda, essas medidas mudam e passam a ser medidas de proteção/correção (esse assunto será objeto da próxima seção). De qualquer forma, os meninos são submetidos a tratamento. Essas instituições são consideradas por Goffman (1961) como ‘instituições totais’: um lugar onde um determinado número de pessoas/indivíduos são mantidas em afastamento da sociedade por dado período – como no caso da comunidade terapêutica para onde os meninos (do presente estudo) são enviados cujo o tempo de permanência é de nove meses, onde sua vida é regrada e administrada por outras pessoas. Para este autor as instituições totais são diferentes em vários aspectos da vida social, como a família, por exemplo. Já na abordagem de Foucault (1996) essas instituições são disciplinares e este modelo se estendeu por toda a sociedade, em escolas, hospitais, famílias.

Como visto, na Teoria Bootstrap da física quântica à medida que a construção teórica avança por meio de uma rede interligada de conceitos, onde nenhum é mais ou menos importante que os outros, as inter-relações que compõe a própria teia e o

fenômeno em questão vão ganhando foco. Esta seção apresentou e delimitou a posição tomada frente as possibilidades teóricas, onde espaço e espacialidade, juntamente com outras categorias sociais e elementos identitários compõem a existência espacial dos adolescentes usuários de crack. Essa teia relacional dará suporte para a investigação na próxima seção do texto onde o fenômeno do crack ganha foco e aos próximos capítulos onde a construção teórica será tencionada pela análise discursiva de suas práticas.

2 - O Uso de Crack como Elemento da Sociedade Contemporânea

O crack faz parte da sociedade brasileira contemporânea e tem sido utilizado em sua grande maioria por uma população jovem, conforme os dados da Organização das Nações Unidas (ONU), que por meio de um estudo realizado pela Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) em 2000, argumenta que:

Si bien el alcohol y el tabaco son las drogas lícitas que ocasionan mayores daños en la población de América Latina, la marihuana, seguida de la pasta base de cocaína, el crack y el clorhidrato de cocaína son las drogas ilícitas de mayor consumo en la región, generando mayores problemas em jóvenes y adolescentes, y especialmente en aquellos de alta vulnerabilidad social. (p. 201)

O uso do crack bem como o tráfico de drogas é apontado com um importante componente da vida de jovens da periferia urbana no Brasil. Pesquisadores do Núcleo de Estudos da Violência (NEV⁴), vinculado a Universidade de São Paulo argumentam que a violência e a criminalidade urbana têm envolvido jovens, notadamente quando a droga faz parte do cotidiano desse grupo. Embora o uso e tráfico da droga não seja o foco do NEV, Adorno (1999, p. 63) argumenta que os “jovens não são nem mais nem menos violentos do que o comportamento agressivo da população em geral”. Contudo, argumenta o mesmo autor “em virtude de recentes mudanças no consumo e tráfico de drogas, esse comportamento tenha se alterado muito rapidamente, evoluindo na direção de um crescimento acentuado do crime juvenil violento” (ADORNO, 1999, p. 63).

4 Disponível em: <http://www.nevusp.org>, acessado em 15 de Fevereiro de 2013.

Assim, há uma relação entre violência, uso e tráfico de drogas na população juvenil. No mapa da violência de 2012, Waiselfisz aponta que as taxas de óbito por causas externas (transporte, acidentes, suicídio, homicídio e outras) em crianças e adolescentes em 2010 cresceram mais de quatro vezes, em relação ao ano de 1980, passando de um percentual de 6,7%, para 26,5% do total de óbitos por causas externas na faixa etária de <1 a 19 anos. Sendo que a tendência dos últimos anos não indica que esse crescimento vai diminuir. É visível também que as taxas de mortalidade aumentaram consideravelmente na categoria homicídios, onde passaram de 0,7% para 11,5 %, conforme a Tabela 1 apresenta.

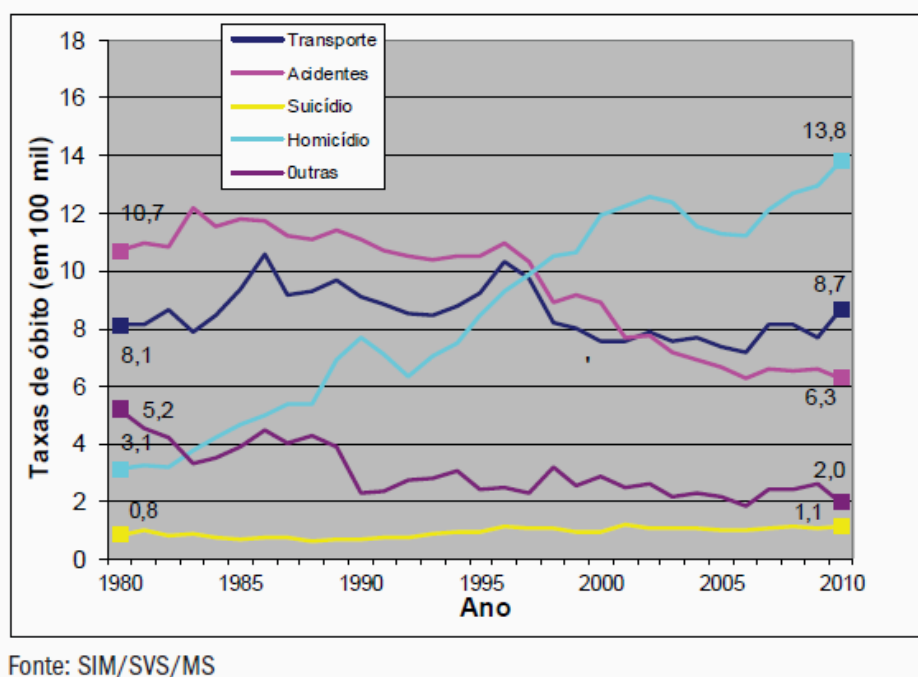
Ano	Acidentes Transporte	Outros Acidentes	Suicídio	Homicídio	Outras Violências	Causas Externas	Total óbitos <1 a 19 anos
1980	2,0	2,6	0,2	0,7	1,2	6,7	100,0
1981	2,1	2,8	0,2	0,8	1,2	7,1	100,0
1982	2,4	3,0	0,2	0,9	1,1	7,6	100,0
1983	2,3	3,5	0,3	1,1	0,9	8,0	100,0
1984	2,4	3,3	0,2	1,2	1,0	8,1	100,0
1985	3,1	3,9	0,2	1,6	1,3	10,1	100,0
1986	3,5	3,9	0,2	1,7	1,5	10,8	100,0
1987	3,3	4,1	0,3	1,9	1,5	11,0	100,0
1988	3,5	4,2	0,2	2,0	1,6	11,4	100,0
1989	4,0	4,8	0,3	2,9	1,6	13,6	100,0
1990	4,1	5,0	0,3	3,5	1,0	13,9	100,0
1991	4,4	5,4	0,4	3,5	1,2	14,9	100,0
1992	4,3	5,3	0,4	3,2	1,4	14,5	100,0
1993	4,2	5,2	0,4	3,5	1,4	14,8	100,0
1994	4,5	5,4	0,5	3,8	1,6	15,8	100,0
1995	5,1	5,8	0,5	4,7	1,3	17,3	100,0
1996	5,7	6,1	0,6	5,2	1,4	19,0	100,0
1997	5,7	6,0	0,6	5,8	1,3	19,4	100,0
1998	4,8	5,3	0,6	6,2	1,9	18,7	100,0
1999	4,9	5,6	0,6	6,5	1,6	19,2	100,0
2000	4,7	5,5	0,6	7,4	1,8	19,9	100,0
2001	5,1	5,1	0,8	8,2	1,6	20,8	100,0
2002	5,5	5,4	0,8	8,8	1,8	22,2	100,0
2003	5,4	5,2	0,8	8,9	1,6	21,8	100,0
2004	5,9	5,3	0,8	8,9	1,7	22,6	100,0
2005	6,1	5,5	0,8	9,3	1,8	23,4	100,0
2006	6,2	5,4	0,9	9,7	1,6	23,8	100,0
2007	6,6	5,4	0,9	9,9	2,0	24,8	100,0
2008	6,6	5,3	0,9	10,4	2,0	25,3	100,0
2009	6,3	5,4	0,9	10,6	2,1	25,3	100,0
2010	7,2	5,2	0,9	11,5	1,6	26,5	100,0

Tabela 1. Evolução da participação (%) das taxas de óbito por causas externas no total de óbitos de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos). Brasil. 1980/2010. Retirado de Waiselfisz (2012).

Quando se analisa a causa de óbito por homicídio, o resultado é preocupante. Entre crianças e adolescentes, a taxa cresceu 346% no período que compreende 1980 a 2010, vitimando um total de aproximadamente 176.044 crianças e

adolescentes, sendo que só em 2010 foram 8.686 crianças assassinadas, uma média de 24 mortes a cada dia do ano. No gráfico abaixo esse aumento fica evidente:

Gráfico 2. Evolução das taxas de óbito (em 100 mil) de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos de idade) por causas externas. Brasil. 1980/2010. Retirado de Waiselfisz (2012).



Mas é a partir de 1996 que a causa de morte por homicídio começa a ser superior a acidentes de trânsito e em 1998 supera todos os outros tipos de morte, sendo que desde 1992 o índice está numa crescente, com leve queda em 2005, quando o Brasil passou a sofrer certa pressão internacional para minimizar o número de homicídios entre jovens homens. Nem todos os jovens morrem devido seu envolvimento com as drogas. Contudo, elas fazem parte das razões de muitos homicídios. Parte dos estudos sobre a violência praticada pela população jovem, segundo Adorno (1999), têm procurado compreender suas causas e é neste contexto que o uso e tráfico de drogas tem sido foco de interesse social. Adorno (1999) adverte que:

expectativas em torno da descoberta das precisas causas da delinquência juvenil estimulam a formulação de programas de intervenção por parte de organizações governamentais ou não-governamentais. São esses programas e planos de ação que alimentam um dos eixos do imaginário onírico da sociedade

moderna: o desejo de uma sociedade sem crimes e sem violência e na qual os adolescentes se encontrassem plenamente ajustados às regras e aos modelos de comportamento social considerados adequados do ponto de vista da moralidade pública e privada. (ADORNO, 1999, p.66)

O estudo das causas da violência praticada por jovens trouxe à tona a responsabilidade social do cuidado e proteção desta parcela da população e assim se formulou em vários países ocidentais, como aponta Adorno (1999), os princípios de proteção à criança e ao adolescente em suas legislações. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)⁵ possibilitou a transformação da antiga concepção da criança e do adolescente como ser tutelado pelo adulto para a concepção de que tais sujeitos são um ser de 'direito' e podem ser responsabilizados pelos seus atos.

O ECA estabelece faixas etárias para determinação dos sujeitos desse grupo social. São consideradas crianças, pessoas com idade menor de 12 anos e adolescentes, pessoas maiores de 12 e menores de 18 anos⁶. Silva (2007) argumenta que as pessoas consideradas crianças e adolescentes pelo ECA são consideradas 'penalmente inimputáveis', mas devem ser responsabilizadas pelos atos cometidos, conforme sua faixa etária. Assim, as condutas de crianças e adolescentes que antes da aprovação do ECA eram descritas como crimes ou contravenções penais, agora são compreendidas como 'atos infracionais'. Os atos infracionais cometidos por crianças e adolescentes devem receber uma sanção social chamada 'medida socioeducativa' que visa reeducar a criança para o convívio em sociedade.

Assim, para dar conta das medidas educacionais a serem aplicadas aos adolescentes e às crianças que cometeram atos infracionais foi necessária a criação do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) em 2004⁷. Além das medidas educacionais, o ECA prevê as medidas protetivas deste grupo social. As medidas de proteção à criança e ao adolescente podem ser utilizadas em casos que os direitos destes sejam ameaçados ou violados por ação ou omissão da sociedade ou do Estado, ou ainda por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsável⁸.

5 Promulgado pela Lei nº 8.069/90 no ano de 1990 para regulamentar os artigos 227 e 228 da nova Constituição da República de 1988.

6 A classificação etária adotada pelo ECA é a mesma utilizada para a presente pesquisa

7 Sua instituição se deu através da lei nº 12.594 de 18 de janeiro de 2012.

8 ECA, art. 98. "As medidas de proteção à criança e ao adolescente são aplicáveis sempre que os

Assim, o ECA tanto prevê as consequências para atos infracionais cometidos por crianças e adolescentes, como também estabelece as formas de proteção para o grupo social. O fenômeno do crack na sociedade brasileira contemporânea tem colocado adolescentes e crianças em uma linha muito tênue entre autor/vítima da violência. Quando usuários, eles têm direito às medidas protetivas porque segundo o ECA, entende-se que seus direitos estão sendo violados e ameaçados⁹. Contudo, a dependência química tem tornado crianças e adolescentes autores de violência, como apontam os trabalhos de Alides Baptista Chimin Junior (2009) e Rodrigo Rossi (2010). Os mesmos sujeitos vítimas da violência social tornam-se autores nas estatísticas policiais.

A legislação brasileira diferencia o uso de drogas do tráfico. A Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006 que instituiu o Sistema Nacional de Políticas sobre Drogas (SISNAD) dá atenção especial ao usuário dependente¹⁰, prevendo medidas educativas e tratamentos de saúde. Ao mesmo tempo, prevê a produção e o tráfico como crime¹¹. É fundamental esclarecer que estas distinções cabem somente para adultos, os casos de dependência química e tráfico cometido por crianças e adolescentes são analisados conforme outros princípios constantes no ECA.

Chimin Junior (2009) e Rossi (2010) evidenciaram a estreita relação entre os atos infracionais cometidos por adolescentes e a dependência do crack em Ponta Grossa quando analisaram os inquéritos da Delegacia do Adolescente e Anti-Tóxicos

direitos reconhecidos nesta Lei forem ameaçados ou violados: I - por ação ou omissão da sociedade ou do Estado; II - por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsável; III - em razão de sua conduta.”

9 ECA, art. 101 estabelece as seguintes medidas protetivas em caso de ameaça ou violação de direitos: Encaminhamento aos pais ou responsável, mediante termo de responsabilidade; Orientação, apoio e acompanhamento temporários; Matrícula e frequência obrigatórias em estabelecimento oficial de ensino fundamental; Inclusão em programa comunitário ou oficial de auxílio à família, à criança e ao adolescente; Requisição de tratamento médico, psicológico ou psiquiátrico, em regime hospitalar ou ambulatorial; Inclusão em programa oficial ou comunitário de auxílio, orientação e tratamento a alcoólatras e toxicômanos; Acolhimento institucional; Inclusão em programa de acolhimento familiar; Colocação em família substituta.

10 Art. 28 reza que “Quem adquirir, guardar, tiver em depósito, transportar ou trazer consigo, para consumo pessoal, drogas sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar será submetido às seguintes penas: I – advertência sobre os efeitos das drogas; II – prestação de serviços à comunidade; III – medida educativa de comparecimento a programa ou curso educativo”

11 Art. 33 considera como crime: “Importar, exportar, remeter, preparar, produzir, fabricar, adquirir, vender, expor à venda, oferecer, ter em depósito, transportar, trazer consigo, guardar, prescrever, ministrar, entregar a consumo ou fornecer drogas, ainda que gratuitamente, sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar”.

da Polícia Civil entre os anos de 2005 e 2007. Embora as pesquisas desenvolvidas pelos referidos autores estivessem voltadas para compreensão da dinâmica espacial dos atos infracionais cometidos por adolescentes do sexo masculino em Ponta Grossa - Paraná, eles detectaram que os adolescentes eram também vítimas da dependência química em muitos casos. Segundo Chimin Junior (2009)

Embora os dados da Delegacia do Adolescente e Anti-Tóxicos da Polícia Civil de Ponta Grossa apontem para apenas 6% de infrações que estão ligadas ao porte e uso de drogas, pode-se afirmar que todos os adolescentes entrevistados eram usuários de drogas (CHIMIN JUNIOR, 2009, p.66).

Chimin Junior (2009) aponta para um problema encontrado nos inquéritos analisados, pois, vários adolescentes que são notificados cometendo atos infracionais como furto e roubo, por exemplo, tem como motivo ao ato a dependência química. Já, para a delegacia, o que fica registrado é o “tipo” de ato infracional cometido e essas pessoas são encaminhadas às medidas judiciais e não de tratamento de saúde. Ainda segundo Chimin Junior (2009), 49% dos relatos de dependência química nos processos analisados eram relativos ao “crack”. A partir dessas pesquisas é que se deu a escolha pela abordagem da dependência do crack em específico e colaborou para o recorte de grupo.

O crack é uma droga que passou a ter atenção por parte da sociedade como um todo. Em 2005 o II Levantamento Domiciliar sobre Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil, realizado pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD), em parceria com o Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas (CEBRID), que envolveu 107 cidades brasileiras em 2011 e 108 no ano de 2005, revelou que além de diferenças etárias quanto ao uso de crack, há diferenças de gênero, pois o uso do

[...] crack é maior entre os homens em todas as faixas etárias; na faixa entre 25 – 34 anos, o número de relatos foi cerca de quatro vezes maior para os homens do que às mulheres. Não houve relatos de *uso na vida* por mulheres entre 12 – 17 e com mais de 35. (BRASIL, 2006, p. 283)

O levantamento realizado pela agência brasileira indica contundentemente haver elementos do universo masculino que contribuem para uma maior intensidade do uso de drogas do que o feminino. Além desse dado, que influenciou a escolha dos sujeitos dessa pesquisa, o levantamento revela que entre os pesquisados, o uso

de drogas durante a vida, exceto álcool e tabaco, aumentou de 19,4% para 22,8%.

A primeira resposta dada pelo governo brasileiro frente às pressões de organismos internacionais foi incluir a dependência química em um amplo programa a ser realizado pelo Ministério da Saúde, que em 2006, através da Lei nº 11.343/2006 instituiu o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas.

Este Sistema é considerado um marco na mudança de paradigma sobre a questão das drogas no Brasil, estabelecendo medidas para a prevenção, atenção e reinserção dos usuários. Em 2009 é criado o “Plano Emergencial de Ampliação do Acesso ao Tratamento e Prevenção em Álcool e outras Drogas”. A comissão criada pelo Ministério da Saúde assume a ausência no atendimento de pessoas com dependência química pelo sistema público de saúde e admite que tais ações tem sido desenvolvidas por entidades religiosas e filantrópicas, após a instituição do Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas de 2006. O referido plano admite que o cenário epidemiológico evidencia a expansão do consumo de algumas substâncias, especialmente álcool e cocaína (esta última na forma de pó ou cloridrato e nas formas impuras da pasta-base, crack, merla e outros preparados para uso fumado. (PEAD, 2009, s/p)

Em 2010, a Confederação Nacional de Municípios (CNM), pela necessidade de construir um panorama nacional confiável em relação ao fenômeno do crack, realizou uma pesquisa bastante ampla e propôs a implantação do observatório do crack e outras drogas. Como denuncia Paulo Ziulkoski, presidente da CNM, no sítio¹² da confederação, o Plano Emergencial de Enfrentamento ao Crack que foi lançado em maio de 2010 não teria chegado verdadeiramente aos municípios, pois dos 410 milhões de reais previstos teriam sido executados pouco mais de 80 milhões até 2011. A pesquisa realizada pela CNM aponta que do universo de 3.950 municípios que fizeram parte do estudo, 98% deles sofrem problemas com consumo ou a circulação do crack e outras drogas.

O referido plano foi lançado em Abril de 2010, pelo então Presidente Luis Inácio (Lula) da Silva, intitulado de “Plano Integrado de Enfrentamento ao Crack e outras Drogas”, que ocorreu por ocasião da XIII Marcha em Defesa dos Municípios, organizada pela CNM. Esse plano institui algumas diretrizes, onde, como aponta a pesquisa realizada pela CNM em 2010, o plano é fundamentado

12 Disponível em: <http://www.cnm.org.br/crack>, acessado em 15 de Fevereiro de 2013.

na integração e articulação entre as políticas e ações de saúde, assistência social, segurança pública, educação, desporto, cultura, direitos humanos, juventude, entre outras, em consonância com os pressupostos, diretrizes e objetivos da Política Nacional sobre Drogas (CNM, 2010, p.6).

Como aponta a pesquisa realizada pela CNM o referido plano tem como objetivos:

- ✓ Realizar ações de prevenção do uso, tratamento e reinserção social de usuários de crack e outras drogas.
- ✓ Assistência aos usuários de crack e outras drogas por meio das redes de atenção à saúde do Sistema Único de Saúde (SUS) e de Assistência social (SUAS) de forma articulada.
- ✓ Capacitação continuada aos atores governamentais e não governamentais envolvidos nas ações voltadas à prevenção do uso, ao tratamento e à reinserção social de usuários de crack e outras drogas e ao enfrentamento do tráfico de drogas ilícitas.
- ✓ Participação comunitária nas políticas e ações da Política Nacional de Enfrentamento ao Crack e outras Drogas.
- ✓ Disseminar informações qualificadas relativas ao crack e outras drogas.
- ✓ Fortalecer as ações de enfrentamento ao tráfico de crack e outras drogas ilícitas em todo o território nacional, com ênfase nos Municípios de fronteira.

A metodologia de ação do plano foi dividida entre ações imediatas e ações estruturantes. Como ações imediatas podemos destacar: (1) ampliação do número de leitos em instituições de tratamento; (2) ampliação da rede de assistência e reinserção social, principalmente em regiões de grande vulnerabilidade; (3) desconstituição da rede de narcotráfico, com prioridade para as áreas fronteiriças, com o fortalecimento e articulação das polícias para o enfrentamento qualificado ao tráfico e consumo do crack; entre outras medidas. Dentro das ações consideradas estruturantes, podemos ressaltar: (1) a ampliação da rede de atenção à saúde e assistência social para tratamento e reinserção social de usuários de crack e outras drogas; (2) a realização de estudos e diagnóstico para o acúmulo de informações destinadas ao aperfeiçoamento das políticas públicas; (3) a formação de recursos humanos e desenvolvimento de metodologias para o enfrentamento, capacitação de profissionais e lideranças comunitárias; (4) a criação de centro integrado de combate

ao crime organizado, com ênfase no narcotráfico; (5) a capacitação das polícias e ampliação do monitoramento, nas áreas de fronteira, entre outras.

A CNM aplicou os questionários diretamente aos secretários de saúde dos Municípios onde a pesquisa foi realizada, a fim de obter informações sobre o que têm feito para esse enfrentamento. Além das ações, o objetivo da pesquisa também foi levantar qual a estrutura existente, os recursos disponíveis e se realmente o programa governamental tinha chegado. No Brasil como um todo, dos 5.563 municípios, 71% do total participaram da pesquisa o que corresponde a 3.950 cidades. Entretanto, 1.643 (29,5%) municípios, por terem menos de 20.000 habitantes, tiveram acesso limitado dentro do programa do governo, para estes, foi disponibilizada a possibilidade de implantação de Núcleos de Apoio à Saúde da Família tipo 3. Dentro desse universo, fizeram parte do estudo 1.169 municípios, ou 71,15% do total. No Paraná, 85,21% dos municípios existentes no estado participaram e 111 municípios estavam na situação de menos de 20.000 habitantes. Em 2011 o Observatório do Crack passou a ser atualizado *online*, pelos prefeitos dos municípios brasileiros, o que fez com que em 2012 a pesquisa chegasse a 88% dos municípios brasileiros, totalizando 4.907 dos 5.563.

Se no ano de 2010 a taxa de municípios que enfrentavam problemas com drogas era 98% dos 3.950 que fizeram parte da pesquisa, em 2012 agora com cerca de 450 municípios a mais e um número de 4.404 municípios a taxa é de 89,7%. A taxa em si baixou, mas se levarmos em conta que o número de municípios cobertos pela pesquisa aumentou consideravelmente, o cenário nacional não é positivo. E em relação ao tipo de droga que circula nas cidades, a pesquisa revela que em 69,8% dos municípios todos os tipos de drogas são comercializados, já em 272 municípios, 6,2% do total em 2012 é o crack em específico que é predominante.

Neste mesmo ano, a pesquisa trouxe muitas informações novas, e a maioria delas se deve ao fato de que em 2011, com a criação do programa “Crack é possível vencer”, instituído a partir do decreto nº 7.637 de 8 de dezembro de 2011, a perspectiva do Governo Federal passou a ser de enfrentamento da agora considerada epidemia do crack. A proposta desse plano é reorganizar a rede de atenção a dependentes químicos, sendo que além de outras propostas procura fortalecer os Centros de Atenção Psicossocial para Álcool e Drogas (CAPSad)¹³. As

13 Centro de Atenção Psicossocial - Álcool e Drogas. Existe também, o CAPS II - Transtorno mental e ainda em fase de implantação, o CAPS – infantil. Estes centros foram criados no âmbito da Lei

instituições da sociedade civil organizada que gerenciam comunidades terapêuticas devem ser contempladas até 2014 com quatro bilhões de reais, segundo o Governo Federal. Mas apenas o valor de R\$ 1.997.025 foi repassado aos municípios, conforme alerta o Observatório do Crack, junto a FNM, até Junho de 2012 e apenas quatro Estados realizaram a adesão ao programa. A crítica ao Ministério da Saúde quando assume a ausência no atendimento dessas pessoas e a perspectiva de que essas ações são desenvolvidas por entidades religiosas e filantrópicas, vai continuar.

O programa 'Crack, é possível vencer' iniciado em 2011 é baseado em três eixos principais: prevenção, cuidado, e autoridade. Tal programa criou algumas demandas a serem executadas pelos municípios que devem agora oferecer uma estrutura de apoio ao dependente. No eixo 'Cuidado', os municípios devem oferecer:

- ✓ Enfermarias especializadas nos hospitais do Sistema Único de Saúde;
- ✓ Consultórios de rua;
- ✓ Centros de Referência Especializada de Assistência Social (CREAS);
- ✓ Centros de Atenção Psicossocial para Álcool e Drogas 24 horas (CAPSad), 7 dias por semana;
- ✓ Unidades de Acolhimento, em regime residencial;
- ✓ Apoio as instituições da sociedade civil.

As estruturas que ainda não existem, deverão ser construídas em uma parceria entre Governo Federal, Estadual e Municipal. Mas o Observatório do Crack denuncia que o próprio plano coloca que a responsabilidade por estruturar a rede é dos Estados e municípios. Porém, essas estruturas que Ministério da Saúde criaria, no Brasil inteiro, seriam de apenas 308 consultórios de rua e ainda somente nos locais onde há maior incidência de consumo de crack. A criação dos CREAS dependeria de investimento de R\$ 45 milhões por parte do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome até 2014 e para criação dos CAPSad a proposta é de que 175 unidades sejam criadas para a demanda de todo o País, onde cada um dos centros ofereceria tratamento para até 400 pessoas/mês. Ainda, conforme o Observatório do Crack alerta, para os atendimentos e internações curtas, o Governo Federal pretende criar 2.462 leitos e para estimular a criação, o valor da

diária de R\$ 57,00 passaria para R\$ 200,00, o que demandaria um investimento 670,6 milhões de reais, que o governo pretende repassar aos Estados e municípios até 2014.

Para o eixo 'Autoridade', a ação das polícias deve se concentrar nas fronteiras e nas áreas de maior consumo de drogas, prioritariamente. Já o eixo de Prevenção é estruturado em três áreas de atuação, compreendendo escola, comunidade e comunicação com a população de maneira geral, basicamente a partir da realização de campanhas informativas sobre prevenção e uso de crack e outras drogas, conforme aponta o Observatório do Crack, que, além disso, denuncia o tímido investimento real do Governo até 2012¹⁴.

A pesquisa realizada pela FNM trás importantes informações sobre o atraso da Política Pública em relação ao fenômeno de crescimento do crack. A Política Pública de saúde, no sentido de prestar assistência aos sujeitos dependentes químicos ainda é precária. Essa pesquisa aponta que em 2010, 91,5% dos Municípios ainda não tinham adotado um programa municipal de enfrentamento ao uso de drogas. O CAPS-ad não é um serviço especializado para o tratamento de adolescentes envolvidos com o uso de drogas, ele recebe apenas maiores de 18 anos, mas acaba sendo uma das únicas possibilidades para os usuários – adultos e, mesmo assim essas unidades não estão presentes em 85,22% dos municípios.

Os adolescentes são encaminhados então, ao Conselho Tutelar para que este tome as devidas providencias. Entretanto, o Conselho Tutelar atua principalmente por denúncia e, mesmo assim, em 2011 (somando os atendimentos por dependência química das regiões leste e oeste da cidade de Ponta Grossa), dos 302 atendimentos efetuados, apenas onze foram encaminhados para tratamento em comunidades terapêuticas de internamento credenciadas - a Comunidade Terapêutica Copiosa Redenção / Rosa Mística (para crianças e adolescentes do sexo feminino) e a Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiros¹⁵ (para crianças e adolescentes do sexo masculino). Essa última é a única instituição pública que recebe adolescentes do sexo masculino na cidade de Ponta Grossa para tratamento e onde esta pesquisa foi realizada. Ela é gerenciada na forma de

14 A CNM investigou a execução orçamentária do Governo Federal de 2011 até maio de 2012. Disponível em: <http://portal.cnm.org.br/sites/9700/9797/Geografia/OsMunicipiosbrasileiroscomoprotagonistasnoenfrentamentoaocrack.pdf>, acessado em 15 de Fevereiro de 2013.

15 Possui este nome em homenagem a um menino morto em razão do crack.

uma parceria público-privada por uma ONG de cunho religioso, o Esquadrão da Vida *Teen*, vinculado a Igreja Cristã Presbiteriana (ICP). O tratamento desenvolvido é baseado em três pilares fundamentais: Amor, Trabalho e Deus, o que será retomado no próximo capítulo. A gestão da instituição é hierarquizada e constituída na seguinte ordem: Direção, Vice-direção, Cargos técnicos como, por exemplo, Assistente Social e Psicólogo, Serviços Gerais e por fim os Educadores, todos estes remunerados, mas existem também educadores voluntários. As crianças ou adolescentes podem ingressar na instituição de duas maneiras. A primeira por encaminhamento da Juíza da Vara da Infância e Juventude de Ponta Grossa, mas aqui o encaminhamento é na forma de medida judicial em contrapartida a algum crime cometido pelo sujeito. Já a segunda forma é via Conselho Tutelar, a criança ou adolescente procura o Conselho Tutelar e este o encaminha a instituição para o tratamento, mas nessa opção existe uma grande fila de espera, pois a demanda é alta, onde em contrapartida a medida judicial é imediata.

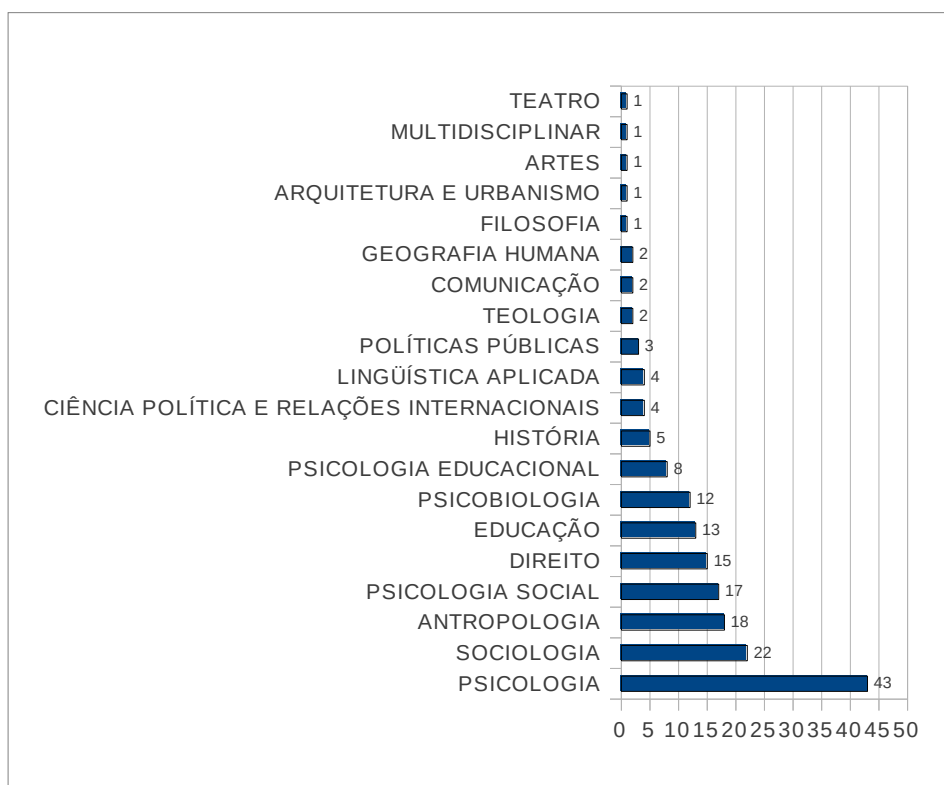
Os recursos para manutenção da instituição vêm da Prefeitura Municipal, a construção do prédio se deu numa parceria entre Poder Público Municipal e a empresa Votorantim S. A. Situação que pouco ocorre no cenário nacional, como evidenciou a pesquisa da CNM em 2010, que, do total de 3.950 municípios pesquisados, apenas 374 tinham alguma ação relacionada ao tratamento dos usuários e dependentes de crack e outras drogas, mas de maneira geral 76% do total não auxiliavam entidades, ao passo que 948 municípios auxiliavam alguma entidade de tratamento. Este quadro sofre pequena alteração a partir de 2011 com a criação de várias estruturas junto ao programa 'Crack, é possível vencer', mas a tendência geral ainda é observada: em 2012 dos 4.907 municípios pesquisados apenas 13,2% possuíam um Conselho Municipal Anti Drogas – COMAD, por exemplo. Ou ainda, 3.950 municípios que fizeram parte da pesquisa em todo o Brasil, em 2010, apenas 333 possuíam algum programa de enfrentamento ao crack. Desses, 208 declararam que não recebiam apoio financeiro dos governos, Federal e Estadual.

O quadro geral apresentado reflete o descaso das políticas públicas no país, onde a responsabilidade pela execução das diretrizes impostas pelo Governo Federal fica a cargo das prefeituras, ao passo que não existe apoio técnico e financeiro, 3.816 municípios não possuem convênio com o Governo Federal para conseguir recursos do Plano Integrado de Enfrentamento ao Crack e outras Drogas.

E mesmo sem um programa institucionalizado ou apoio oficializado, 1.902 municípios realizam alguma atividade de enfrentamento ao crack e outras drogas, sendo que atividades de orientação são feitas em 1.699 municípios, já aquelas de prevenção do uso de drogas são realizadas em 1.518, do total, em 2010.

3 - Panorama Inicial Sobre a Temática do Uso de Crack no Discurso Científico Brasileiro

O uso de crack é um elemento que passou a fazer parte da sociedade brasileira contemporânea e, como visto anteriormente, se a sociedade como um todo ainda não encontrou caminhos compreensivos para o fenômeno, o campo científico também apresenta muitas lacunas abertas. Para construir um panorama inicial de como o tema relativo ao uso do crack tem se colocado como um desafio científico foi realizado um levantamento no banco de teses e dissertações da Coordenação Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES) entre os anos de 1987 a 2010. A busca foi realizada com as seguintes palavras-chave: crack, cracolândia, dependência química e tráfico de drogas. A partir dessas categorias foram computadas teses e dissertações que tinham como tema central as categorias eleitas. No gráfico abaixo podemos observar essa distribuição por campo científico dentro das humanidades.

Gráfico 3 - Teses e dissertações - Ciências Humanas, 1987 a 2010

A investigação aponta que os temas pesquisados não fazem parte do interesse geral da Geografia brasileira, ou não estão na pauta da grande maioria dos programas de pós-graduação vinculados a CAPES. Em um universo de 260 trabalhos de pesquisa levantados, apenas dois deles são contribuições da Geografia e nenhum apresenta como centralidade o 'crack'. Isso não quer dizer, por exemplo, que trabalhos geográficos não tenham sido realizados em outras áreas do conhecimento, mas aqui estamos falando de trabalhos produzidos na Geografia. A Tabela 2 apresenta com mais detalhes os campos científicos que abordam as palavras-chave estabelecidas para a pesquisa.

Área do Conhecimento	Programa de Pós-Graduação	Dissertações	Teses	Nº	Total da Área (%)
Ciências da Saúde	Psiquiatria (e Psicologia Médica)	7	6	13	62 (23,8%)
	Enfermagem	8	1	9	
	Saúde coletiva	6	2	8	
	Saúde Pública	6	5	11	
	Fonoaudiologia	1	1	2	
	Medicina	1	1	2	
	Psicologia clínica	5	0	5	
	Odontologia	1	1	2	
	Ciências (Fisiopatologia Experimental)	4	3	7	
	Toxicologia	1	0	1	
	Educação física	1	0	1	
	Engenharia Biomédica	0	1	1	
Ciências Humanas	Psicologia	6	37	43	175 (67,4%)
	Psicologia (Psicologia Social)	16	1	17	
	Psicobiologia	8	4	12	
	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	7	1	8	
	Educação	12	1	13	
	Direito	15	0	15	
	Antropologia	15	3	18	
	Sociologia	17	5	22	
	História	4	1	5	
	Políticas públicas	2	0	3*	
	Ciência política	3	1	4	
	Linguística	3	1	4	
	Teologia	1	0	2*	
	Comunicação	2	0	2	
	Geografia	2	0	2	
	Filosofia	1	0	1	
	Arquitetura e urbanismo	1	0	1	
	Artes	1	0	1	
	Teatro	1	0	1	
	Multidisciplinar	1	0	1	
Ciências Sociais e Aplicadas	Economia	1	0	1	23 (8,8%)
	Serviço Social	11	2	13	
	Ciências Sociais	6	1	7	
	Política social	1	0	1	
	Desenvolvimento Social	1	0	1	
Total		179	79	260	(100%)

*Consta um trabalho em nível profissional.

Tabela 2. Distribuição do total de dissertações e teses acerca dos assuntos: Tráfico de drogas, dependência química, crackolândia e crack, de acordo com a área do conhecimento e Programa de Pós-Graduação

Podemos observar que na produção do conhecimento científico sobre os assuntos procurados, quem mais contribuiu em termos numéricos foram as ciências humanas com 67,4% (175 trabalhos) das teses e dissertações, em seguida as Ciências da Saúde aparecem com 23,8% (62 trabalhos) e por fim as Ciências Sociais Aplicadas com 8,8% (23 trabalhos).

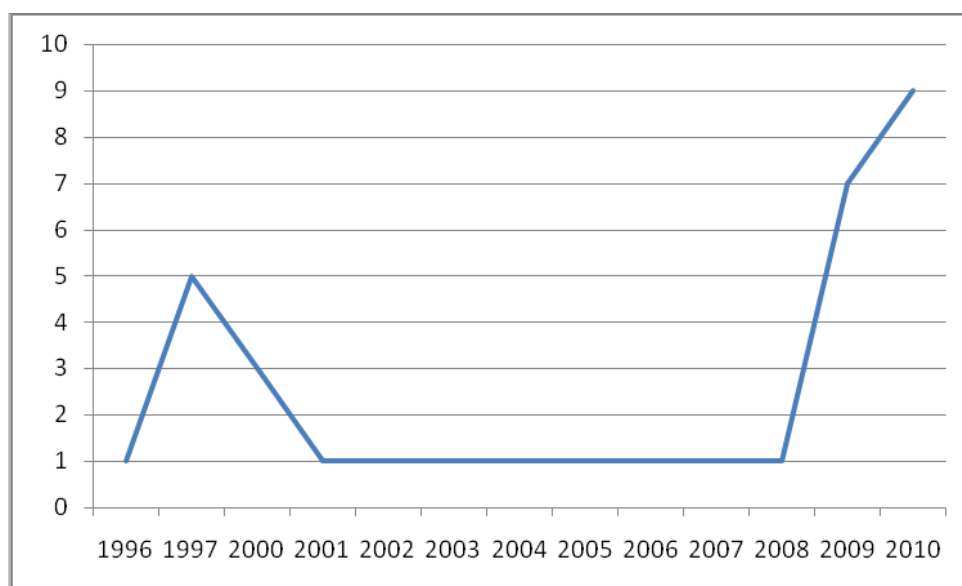
Um dos trabalhos em Geografia é a dissertação intitulada de “O Álibi Cultural: Novas *Formas* para a Valorização e Reprodução do Espaço na Metrópole Contemporânea”, de Julio Cesar Ferreira Santos, tendo como objetivo principal “discutir os termos nos quais o processo de (re) produção do espaço urbano levado a cabo pelo Estado e pelo capital ocorre atualmente nos centros metropolitanos” (SANTOS, 2010, p.16). O autor tem como recorte empírico dois fragmentos representados pelas áreas centrais em revitalização das duas maiores metrópoles brasileiras, Rio de Janeiro e São Paulo. Aborda de forma indireta a área conhecida como ‘cracolândia’ no centro de São Paulo, na verdade a utiliza para realizar um contraponto ao resto de sua dissertação, onde abordou o processo de revitalização urbana no centro da cidade do Rio de Janeiro. A análise que realiza tem no materialismo histórico e dialético uma sustentação teórico-metodológica, por isso o objetivo principal não é analisar as dinâmicas espaciais que constituem a ‘cracolândia’ a partir dos sujeitos, mas a entende como uma espacialidade produzida a partir de um processo de reprodução das relações sociais capitalistas, colocando os sujeitos em segundo plano.

Quando a busca é feita pelo assunto “tráfico de drogas” a geografia contribui com outra dissertação. Sob o título “Do quilombo à favela: o tráfico de drogas enquanto estratégia de sobrevivência ilegal nos marcos de uma ordem segregacionista”, Andreilino de Oliveira Campos procura compreender quais são as estratégias de sobrevivência que os grupos segregados espacialmente e marginalizados economicamente vêm desenvolvendo para buscar sua inserção na sociedade. Nesse trabalho o autor procura entender a origem das favelas na cidade do Rio de Janeiro para num segundo momento compreender a dinâmica de atuação do tráfico de drogas nesses territórios, relacionando a esse processo os quilombos, ligando quilombo e favela em um único processo de formação do espaço urbano da Cidade do Rio de Janeiro, numa proposta inovadora. Esse autor ainda discute o tráfico de drogas de varejo e sua atuação nas favelas, não só como uma estratégia de sobrevivência, mas sim como uma das poucas possibilidades econômicas.

Campos (2005) evidencia como as dinâmicas espaciais do narcotráfico em favelas no Rio de Janeiro se estabelecem, suas estruturas e configurações. Trás importantes elementos para a discussão sobre autonomia, raça, território e poder junto à problemática do tráfico de drogas evidenciando a relação das associações de moradores e suas lideranças com diversos segmentos sociais e outras instâncias de poder legalmente estabelecidas na sociedade, como o Estado, por exemplo.

Em ambos os trabalhos, o foco central era a produção do espaço urbano e as drogas, tanto o uso como o tráfico, aparecem como elementos de desvalorização de áreas e de marginalização social. Assim, a droga é um elemento explicativo do fenômeno dos autores, mas não o seu ponto de interesse. A partir de 2008 há um crescimento da produção científica sobre o tema, conforme gráfico abaixo.

Gráfico 4 - Distribuição do total de dissertações e teses acerca do crack – 1987 a 2010



Nota-se que duas importantes tendências chamam a atenção e podem ser verificadas pelos dados levantados sobre a produção científica em torno dos assuntos procurados: as áreas de maior intensidade de pesquisas estão vinculadas aos aspectos da psicologia, o que traz uma forte carga de análise voltada ao sujeito em seu caráter individual. A outra é a ausência dos temas 'tráfico de drogas', 'dependência química', 'crack' e 'cracolândia' na área da Geografia, mais especificamente o 'crack'. A ausência detectada está pautada nos mecanismos estruturadores da ausência que é a pequena tradição discursiva geográfica no trato

dos sujeitos e seu cotidiano e sua estreita ligação com o espaço material que embora, visto como produto de sujeitos, estes são escamoteados. Os trabalhos geográficos encontrados estiveram ainda pautados no espaço urbano, trazendo seus aspectos materiais como os mais evidentes e os sujeitos, quando não eram inexistentes, estavam diluídos nos processos espaciais urbanos.

Portanto, esse capítulo seguiu um fio condutor de evidenciar a construção teórica realizada para dar inteligibilidade do fenômeno do uso do crack entre adolescentes do sexo masculino moradores da periferia na cidade de Ponta Grossa –PR. Foi detectado que há ainda várias lacunas científicas a serem preenchidas em todas as áreas de conhecimento. Na Geografia, contudo, tal lacuna é maior, já que o tema não fez parte do foco de interesse neste campo científico. Assim, como alerta Foucault (1971) as ausências se estruturam no discurso e ele não é somente aquilo que silencia, é também aquilo pelo qual e com o qual se luta e se fala. É a potência de si mesmo, a arma pela qual se luta e se oprime.

CAPÍTULO II

“NÃO DÁ NADA, SE DER, DÁ POUCO”: ESPACIALIDADES VIVÊNCIADAS PELOS ADOLESCENTES USUÁRIOS DE CRACK NA PERIFERIA DE PONTA GROSSA, PARANÁ

Esse capítulo nasce do seguinte questionamento: como se institui a existência cotidiana dos adolescentes dependentes químicos do crack? A escrita infelizmente não é amiga, não possibilita que toda a experiência seja comunicada, seriam necessárias outras formas de linguagem, exatamente por isso muitas páginas são usadas para trazer as falas dos sujeitos. De qualquer forma, é preciso entender que a pesquisa só foi possível a partir do momento da entrevista, este capítulo é situacional. Nesse acontecimento, as relações de poder foram estabelecidas entre o sujeito pesquisador e adolescente usuário de crack em tratamento na comunidade terapêutica, e mais especificamente isso ocorreu em uma sala fechada, onde estávamos eu, Fernando¹⁶ e o adolescente. Cada momento que a entrevista era interrompida por um educador, ou a cada fala um pouco mais emotiva dos meninos a situação mudava, e a cada entrevista o momento era totalmente alterado. Um exemplo disso é o fato de que não conseguimos seguir fielmente o modelo estruturado de questões em todas as entrevistas, cada entrevista foi uma entrevista. No entanto, as relações de poder não aconteceram de forma vertical, no sentido pesquisador-sujeito. Aliás, a própria separação de sujeito e objeto de pesquisa precisou ser relativizada, pois aquelas conversas vão me seguir pelo resto da vida. Uma gama de trejeitos, olhares, gestos, cheiros, lágrimas não podem ser aqui trazidas. Minha intenção, assim, é que este capítulo mostre um pouco da vida dos meninos que estão em tratamento, ou melhor, da vida anterior ao tratamento. A realidade surge crescente frente ao pesquisador que com suas leis e questões de

¹⁶ Sim, as entrevistas foram realizadas por dois pesquisadores. Fernando Bertani Gomes só não esteve presente na entrevista com Cavernoso. Utilizamos primeiramente de forma experimental essa tática, mas como acabou rendendo bons frutos e não atrapalhando no desenrolar da conversa em si, continuamos com ela. Inicialmente nossa posição foi a de pesquisador, ‘professores da UEPG’ era como os meninos se referiam a nós. Isso acabou por garantir certa segurança dentro da casa em relação à posição nas relações de poder lá estabelecidas, não estávamos em uma posição em que os desafiava, pelo contrário, inclusive. Muitos meninos viam em nós uma possibilidade de desabafar e certos de que isso não seria comunicado aos educadores, o que de fato não aconteceu. Quando as transcrições foram entregues a Comunidade Terapêutica elas não se referiam a nomes, mas eram apenas histórias, falas sem referência a nomes, pois todos os nomes foram trocados.

partida procura compreender. Aqui começa o mapeamento, mas ainda é um mapeamento projetado, calculado. Arborecente nas palavras de Deleuze e Guattari (1995), pois a primeira seção mapeia as escalas espaciais que compõe a vida dos sujeitos da pesquisa, a partir das evocações encontradas nas entrevistas e delas próprias. Sabe-se aonde quer chegar, esse capítulo tem um só objetivo: descobrir o novo-mundo. O texto apresenta um esquema multiescalar no sentido ESPAÇO – EVOCAÇÕES. Já na segunda parte, o pensamento arbóreo começa a ser enxertado, aberto, porque as relações são mapeadas. Essa seção fala dos possíveis agenciamentos, das relações de poder que configuram as práticas dos sujeitos.

1 - As Escalas Espaciais Vivenciadas pelos Adolescentes Usuários de Crack

O espaço aqui retratado foi constituído a partir das entrevistas realizadas com os meninos usuários de crack e assim ele não é preexistente, mas se fez pelos discursos. O desenvolvimento dessa pesquisa só foi possível estabelecendo uma parceria entre o GETE e a organização então responsável pela gestão da Comunidade Terapêutica, o Esquadrão da Vida *Teen*. Após seis meses de aproximação com o grupo dos adolescentes foram realizadas as entrevistas abertas com roteiro semi-estruturado, durante os meses de Maio, Junho e Julho de 2012. No universo de 77 adolescentes atendidos pela casa, foram entrevistados oito adolescentes, sendo que destas, duas entrevistas não foram utilizadas.

As entrevistas seguiram um roteiro semi-estruturado (Apêndice 02) que no momento da entrevista em si, não pode ser completamente seguido devido ao caráter situacional desse momento. Foram utilizadas seis entrevistas, número que já alcançou a saturação das evocações nos relatos, assim como recomenda Sá (1996). As entrevistas foram transcritas de forma literal e todas elas realizadas na Comunidade Terapêutica, em uma sala onde ficamos eu e o entrevistado. As perguntas foram indutoras de respostas impregnadas de simbolismo e classificadas tanto por frequência de evocação, como por sentido que a palavra tomou no contexto da fala do entrevistado, conforme a proposta de Bardin (1977). Como vimos, foi criado um banco de dados para obter um maior controle sobre as categorias discursivas, o que totalizou um volume de 397 evocações e permitiu construir um mapa de significados discursivos dando sentido às formas de relação

que esses meninos desenvolvem com o crack. Ainda sobre as entrevistas, uma informação importante é que para a realização das entrevistas foi necessário uma solicitação formal à Juíza da Vara da Infância e Juventude de Ponta Grossa - Paraná, figura que detém a tutela das crianças e dos adolescentes em tratamento. Somente após a liberação (Apêndice 03) por parte da Juíza é que as entrevistas foram realizadas.

O processo de entrevista é talvez o momento mais delicado da pesquisa, pois depende de muitos fatores externos ao pesquisador. É também o mais rico, pois este se expõe frente ao entrevistado que por sua vez, está na centralidade das relações de poder naquele momento - ele detém a informação. Já o pesquisador é quem precisa delas, assim o jogo que se estabelece é tênue e delicado.

Em uma das entrevistas com o adolescente aqui denominado Véio, tive uma experiência bastante interessante no que se refere ao jogo de poder durante a entrevista. Esse trecho de meu diário de campo ilustra a situação:

Hoje enfim vamos começar as entrevistas. Depois de alguns meses de aproximação, os meninos estão mais próximos. Estamos agora em Junho, a administração da comunidade terapêutica mudou semana passada, fiquei cerca de um mês sem vir até a casa e muitos dos meninos que conhecia não estão mais aqui, entretanto fui legitimado pelos que estavam frente aos novos, o que demonstrou que tenho a confiança do grupo. Fernando me acompanha hoje no início das entrevistas. Vamos conversar com os meninos após o almoço [...] tivemos cerca de 15 voluntários e uma lista com nomes. Os meninos estão empolgados em contar a história de suas vidas para nós. [...] 'véio' é um dos primeiros entrevistados e a querer ser entrevistado. Dentro da casa ele exerce uma certa liderança. Já é a terceira vez ou quarta que passa pela casa. Iniciamos a gravação. 'véio' procura fugir das perguntas incorporando a figura religiosa que é disseminada na casa, mas nas entradas que fazemos em sua vida ele revela coisas realmente fortes. 'véio' é um dos meninos cuja ficha infracional é talvez a mais extensa. Nessa conversa me senti incomodado. Senti que durante a quase uma hora e meia que conversamos eu fui medido, pesado, analisado e minha nota foi dada: é possível confiar nele? Isso era o que o rosto de 'véio' trazia. Fernando e eu nos emocionamos muito com sua história, mas o momento que me incomodou não foi nas horas de emoção e sim numa fala despreocupada de 'véio'. Como se fosse banal – e para ele realmente o é – ele revela:

“virei bandido mesmo, eu falo eu não tenho vergonha, eu virei bandido, pra mim era matá e matá e querer dinheiro e muié né cara, eu nossa... tipo assim que nem você falou é cara, se eu tivesse na rua e você falasse: fale as tuas experiências eu já ia te mandar tomar naquele lugar né cara, falava: ah vá tomar naquele lugar, sai de perto de mim cara, nossa já... altas coronhada que já dei nos outros assim por causa de droga, um real, dois real ficava me devendo, sei lá

cara, era o diabo mesmo”

Nessa fala, pude perceber que primeiro podemos ir do centro a margem muito rapidamente, e eu fui pra margem. E depois, que categorias como violência, morte e masculinidade são realmente muito relativas. Essa fala foi de tal natureza que na hora me espantou, mas pude perceber que ‘véio’ estava sendo sincero.

Diário de campo – nota 13: 28.06.12

Esta nota evidencia que o processo de pesquisa é sempre um jogo tenso que se estabelece entre pesquisador e pesquisado. Ambos se transformam no processo de pesquisa e nossos anseios e medos são também confrontados. A partir daquele dia, conseguimos o respeito de Véio, ele passou a confiar em nós. Véio foi importante para nossa legitimação perante o grupo de adolescentes do sexo masculino em tratamento na comunidade terapêutica, já que ele era considerado um dos garotos mais respeitados e exercia forte influência sobre os demais.

Como dito anteriormente, do universo de entrevistas realizadas, optei por não utilizar duas, cada uma por um motivo diferente. Uma delas apresentava uma péssima qualidade de áudio que ficou comprometida por obras realizadas nas proximidades do local da entrevista, impossibilitando assim, a transcrição e posterior sistematização. Já a outra não foi utilizada porque trazia poucos elementos para a análise, não que eu escolha o que quero e o que não quero aproveitar, mas o processo de entrevista simplesmente não foi produtivo. A conversa com o sujeito não fluiu, pois o momento de entrevista é bastante situacional. O adolescente não se sentiu a vontade para responder as questões que lhe foram postas e eu como pesquisador respeito essa posição. A Tabela 3, a seguir, apresenta as características gerais dos adolescentes do sexo masculino que participaram dessa pesquisa.

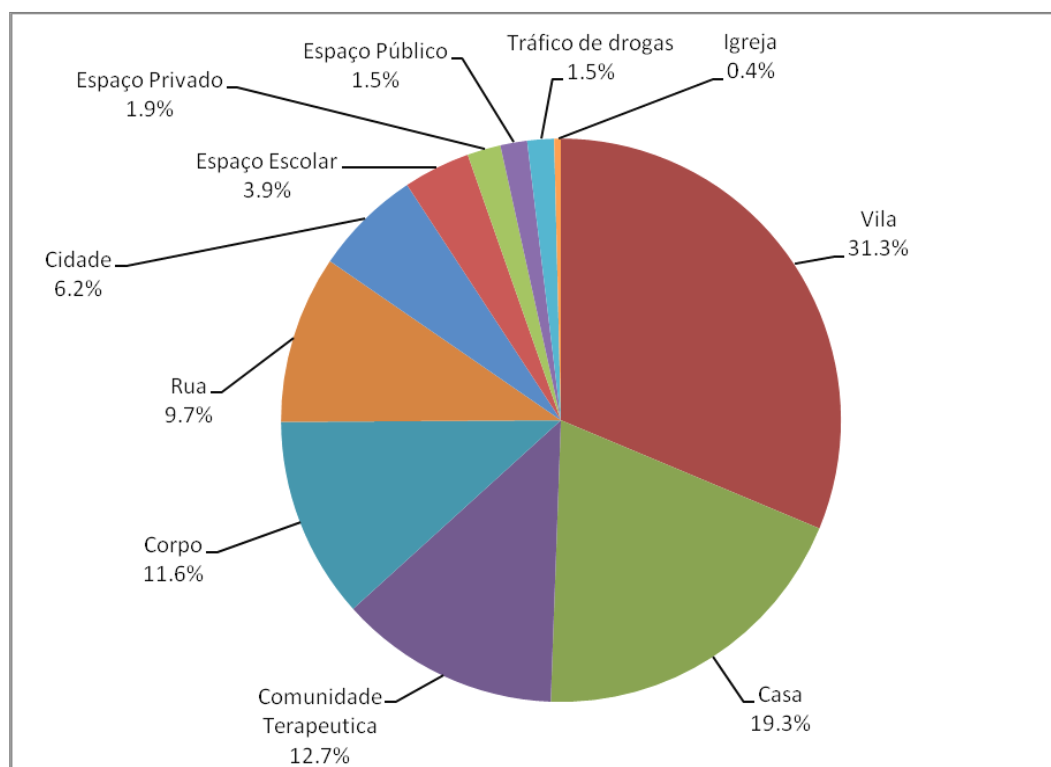
Sujeito	Idade	Moradia	Tratamento	Escol...	Drogas já usadas	Renda média da família ¹⁷
DENTINHO	16	Jd. Aroeira	3 meses	6ª – E. F.	Cigarro, alcool, maconha, crack e cocaína	R\$ 800,00
PALHAÇO	16	Sta. Mônica	7 meses	8ª – E.F.	Crack, maconha e cocaína	R\$ 5.000,00
BOLA	15	Ouro Verde	16 dias	7ª – E. F.	Cigarro, alcool, maconha e crack	NÃO SABE
VÉIO	17	Leila Maria	1 mês	6ª – E. F.	Cigarro, alcool, maconha, crack, cocaína e oxi	Pensão da mãe
CAVERNOSO	17	Pq. Alto estrada	8 meses	7ª – E. F.	Cigarro, alcool, maconha e crack	R\$ 6.000,00
MVBILL	17	Jd. Atlanta	5 meses	8ª – E.F.	Maconha e crack	NÃO SABE

Tabela 3 – Perfil dos adolescentes entrevistados na Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro

As entrevistas foram carregadas de emoção, em muitos momentos precisaram ser interrompidas por lágrimas - dos sujeitos e do próprio pesquisador. Ao relembrar de histórias do cotidiano os adolescentes criam uma representação, criando a própria realidade, em uma expressão da relação entre sujeito e mundo. Através dos símbolos evocados as coisas podem ser (re) significadas infinitamente e ainda continuar com referenciais - espaciais, pois o reconhecimento criativo leva a relação com o outro e com o mundo. O que garante a natureza criativa da atividade simbólica é a referência de mundo, é a ancoragem com o espaço, pois podem ser reformuladas infinitamente.

As evocações foram organizadas a partir do espaço onde as falas estavam associadas, isso quando havia uma ligação direta ou indireta a determinado espaço/espacialidade e que fui capaz de captar na sistematização. Do total de evocações encontradas nas entrevistas as principais associações podem ser visualizadas abaixo:

¹⁷ Nem todos os adolescentes moradores de áreas periféricas da cidade são de famílias pobres, por exemplo, Palhaço e Cavernoso.

Gráfico 5. Evocações com referência a espaços vivenciados

Nesta seção são trabalhadas evocações relacionadas aos espaços: vila, casa, rua, cidade, tráfico de drogas, espaço escolar e espaços privados (mocós). Já os outros espaços são trabalhados ao longo da dissertação. Espaço público está separado de rua porque está relacionado à parques públicos, praças, etc. O 'Tráfico de drogas' (1,5% das evocações) se refere a rede do tráfico de drogas que se estabelece em escala regional de atuação, envolvendo cidades e Estados. 33% do total de evocações foram consideradas como sem vínculo espacial direto, ou seja, tratavam de emoções, mas que de forma direta não citavam espaços, ou estes não foram captados por mim. De qualquer forma elas estarão presentes no próximo capítulo, pois muitas compõem a elaboração de mundo pós-tratamento, construídas pelos adolescentes – Comunidade Terapêutica e Igreja, citadas acima. As evocações relacionadas ao corpo apresentadas no Gráfico 5, serão retomadas na próxima seção.

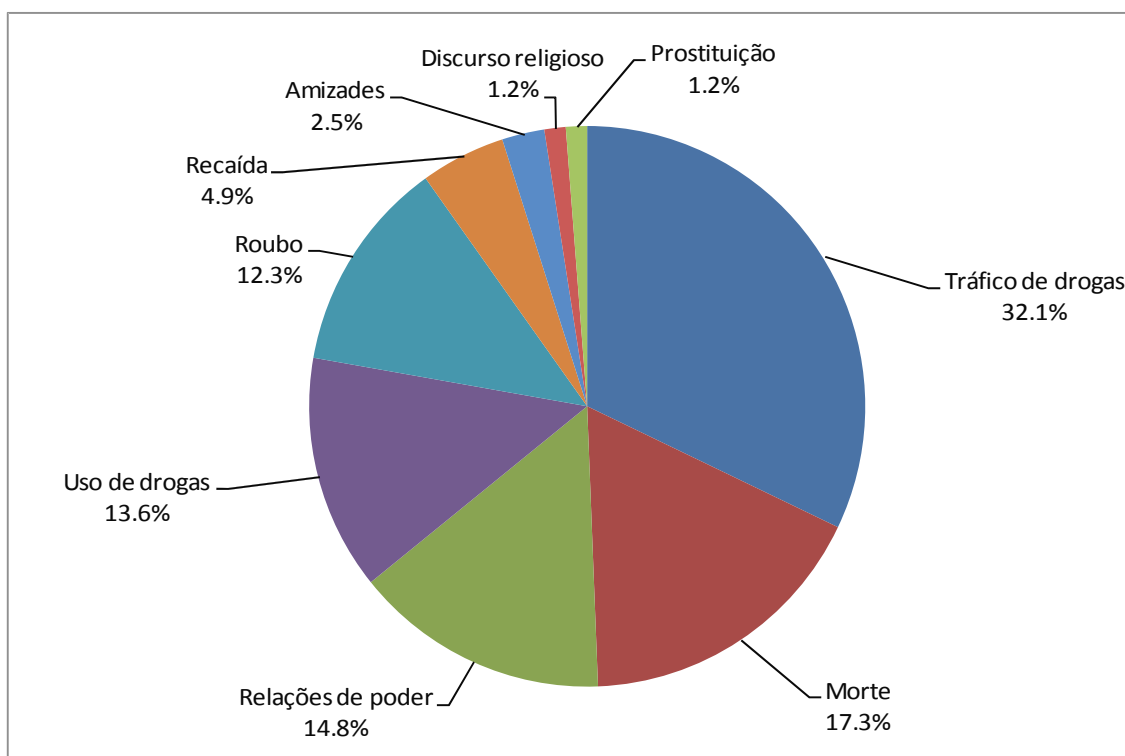
1.1. A Vila e a Rua

Trabalhar com 'vila' não significa um recorte específico, mas sim com a forma

genérica que é a vila, comumente representada por conjuntos habitacionais. É analisar tão e somente a terra onde a ‘vida cotidiana’ acontece como diria Mayol (1996), pois não estamos trabalhando com objetos recortados do espaço, mas sim com relações entre objetos e sujeitos, mais especificamente com o elo entre espaço público e espaço privado. Por isso, é necessário incluir a espacialidade da rua, que mesmo evocada de forma separada de ‘vila’, está na vila. Em verdade, esta escala espacial, materialmente, é composta por ruas e casas, mas se diferencia por ser um espaço privado, o espaço familiar. Logo, vila e rua são trabalhadas de forma relacionada no texto.

Nesse ponto, as ‘táticas’ dos sujeitos se tornam evidentes e moldam a ideia de ‘vila’, porque de forma concreta as pessoas estão ligadas, seja pela proximidade ou pela repetição, mas principalmente porque coexistem. A configuração da ‘vila’ nas categorias discursivas elaboradas a partir das falas dos sujeitos foi essa:

Gráfico 6. Evocações relacionadas a ‘vila’



A ‘vila’ enquanto uma escala da vivência cotidiana dos adolescentes usuários de crack demonstra uma trama de relações possíveis somente nessa dimensão espacial. É nela que ocorre desde o fenômeno do ‘tráfico de drogas’ (32.1%) até a

‘prostituição’ (1,2%), a ‘morte’ é presenciada com 17.3% das evocações e os ‘roubos’ (12.3%) são praticados. Todas essas categorias estão influenciadas direta ou indiretamente pelo ‘tráfico de drogas’. Na espacialidade da ‘vila’ podemos observar trajetórias, movimentos individuais que são aleatórios, não calculados, ocorrendo “pelo acaso dos deslocamentos exigidos pelas necessidades da vida cotidiana” (MAYOL, 1996, p. 46). No entanto, esses deslocamentos podem desencadear constrangimentos, como fica evidente nas três falas paradigmáticas que seguem abaixo.

Tem um maluco lá na vila que anda assim né, com bonézão escrito.... de tão cabrerão que é; Aquele lá fuma na rua, na esquina assim, pode ter gente passando na rua assim, muié tudo com criança, ele ó... Com as mão tudo preta assim, sujo [...] Eu sai com 7 mês e voltei pra mesma amizade, a má influência né cara, voltei pra mesma amizade tal e na primeira visita que eu sai daqui né, já fui e fiquei de boa! Meio constrangido né e olhando aquilo lá né, porque os cara passam na frente assim e daí no mesmo dia que eu fui o cara veio me cumprimentar com droga na mão, me mostrou e tal; Daí eu voltei pra cá, voltei né, tive que voltar; Voltei, só que tipo, eu não tava pensando, maquinando assim, mas lá no fundo né cara eu tava com saudade daquela vida, ambiente, cotidiano assim; Daí eu fugi, depois de uma semana da minha visita eu fugi e, tipo, comecei andar com os cara de novo e tal; Daí era pra mim estudar e fui um dia só pra escola a noite tá ligado e outros dias comecei a gazear e tal (Entrevista realizada com Cavernoso, em 06 de Maio de 2012)

Ali tem mais boca de pedra do que bar na vila; [E outras áreas da cidade que você sabe que tem?] Ih tudo quanto é vila tem, não tem uma vila que não tenha pedra desse bagulho pra vende (Entrevista realizada com Palhaço em 28 de junho de 2012)

As relações de poder (14,8%) constituem um elemento de bastante força na espacialidade da ‘vila’, pois os adolescentes usuários de crack continuamente precisam afirmar sua masculinidade perante o grupo. Eles transitam entre a *margem* e o *centro* das relações espaciais de poder. O adolescente ocupa a margem por ser menor (ou mesmo por usar crack), mas como essa posição não é fixa, tão logo consiga dinheiro para comprar a droga, por exemplo, ele retorna ao centro. As falas paradigmáticas revelam a plurilocalização nas relações de poder.

Quando nós arranjava dinheiro os cara queriam vender pra nós na hora, ainda mais quando aparecia com uns corre de cinqüentão

sabe, cinquentão, cenção; Aparecia lá os cara já engordavam nós; É esse piazinho é correria, piazinho é correria, era bem assim que era... Teve um lugar que nós fumava até, mas eles enxergavam (Entrevista realizada com Palhaço em 28 de Junho de 2012)

Visto como um bandido, um marginal, ó o desandado; Depende né cara, tem duas faze né cara, Uns dia eu só andava nos pano sabe, tinha dinheiro assim quando vendia, mas depois tipo num... num tinha dinheiro, eu andava com os cara com a mesma roupa as veiz, ficava dois três dias sem tomar banho assim, dependente né cara, nóia né cara, pra falar a verdade, eu era nóia, graças a deus eu saio daqui 3 mês; [...] quando o cara fuma assim ele vira bundão assim sabe, um cara com uma pedra assim o cara... ahhh o cara vai ficar louco, o cara não fica loco, fica tipo espiado assim, com medo assim sabe, com medo de qualquer coisa assim, daí o cara... pode ser um piá de bosta assim cara, que vende pedra, vai acelera um cara maiorzão o cara não vai conseguir fazer nada, não vai fazer nada, não adianta, pode ser um cara com 2 metros assim, o cara tá fumando... o cara fuma pedra lá, quando tá na pira, o piazinho diz que vai cobrar os cara tem medo do piá, tem medo. (Entrevista realizada com MVBill em 28 de Junho de 2012)

Por terem pouca idade, os adolescentes são colocados a margem no esquema do tráfico de drogas, mas quando novos elementos surgem (dinheiro, por exemplo) essa posição muda e eles passam a ocupar o centro. Nas falas acima podemos observar a transitoriedade e mobilidade nas relações de margem-periferia em diferentes configurações espaciais. Rose (1993) chama este movimento de *plurilocalização*, mas, também fica evidente a *multidimensionalidade* que a categoria idade assume na lógica do tráfico de drogas, passando a ser relativizada. Outro elemento importante é a significação feita pelos sujeitos em relação às representações sociais dos outros sobre eles, que ocupam uma posição de marginalização.

Seguindo o que se considera como ‘conveniente’ pode-se obter benefícios a partir de certos agenciamentos, numa economia do viver que nas palavras de Mayol (1996) ganha o nome de ‘conveniência’, porque

*Em suma, o corpo, na rua, vem sempre acompanhado de uma ciência de representação do corpo cujo código é mais ou menos, mas suficientemente, conhecido por todos os usuários e que eu designaria pela palavra que lhe parece mais adequada: a *conveniência*. (MAYOL, 1996, p.48)*

Esse autor ainda assinala que a vida cotidiana se articula em pelo menos dois

pontos, os comportamentos e os benefícios simbólicos que se espera obter. No primeiro, estamos falando de corporalidade, trejeitos, linguagem. Já o segundo se refere aos ganhos que determinada maneira de se portar pode garantir. Para os adolescentes homens dessa pesquisa, certos elementos são mais importantes que outros nessa 'economia do viver'.

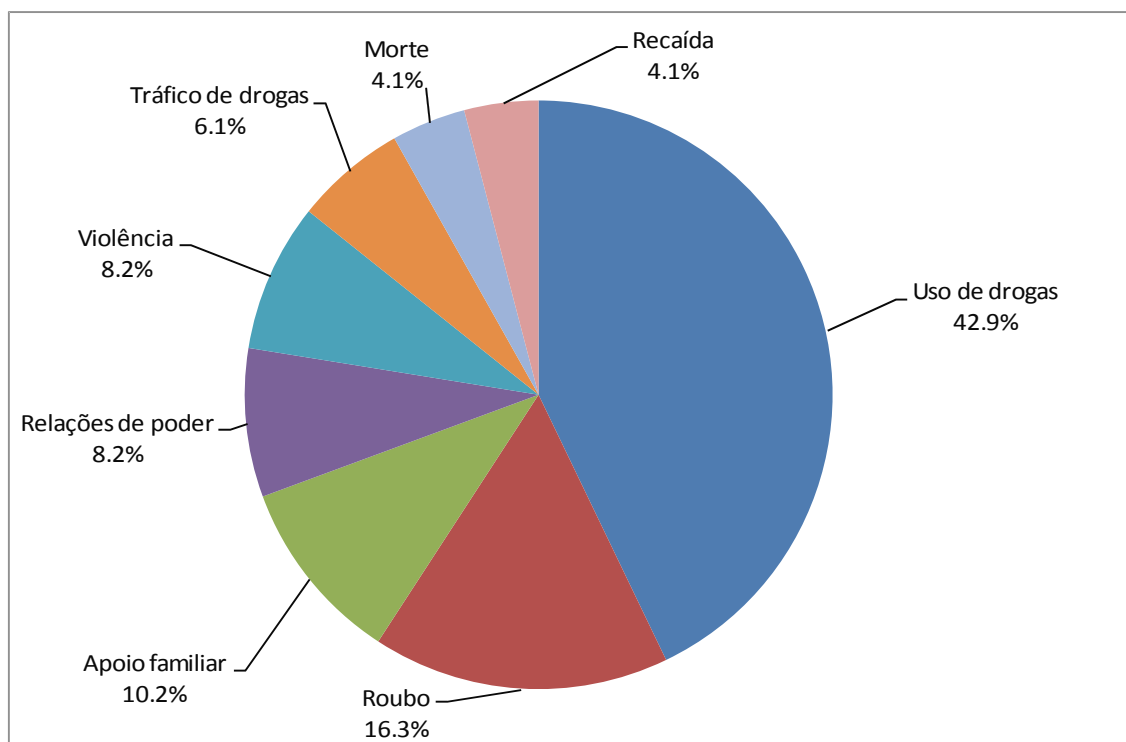
1.2. A Casa

A casa pode ser relacionada a um ambiente frutífero ou um espaço familiar fértil para o estabelecimento de uma vida saudável, estável ou ainda, como diria Bachelard (1974), a casa é “o nosso primeiro universo”, e seria “nesse ambiente que vivem os seres protetores”, ou ainda

A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser "atirado ao mundo", como o professam os metafísicos apressados, o homem é colocado no berço da casa. E sempre, em nossos devaneios, a casa é um grande berço. Uma metafísica concreta não pode deixar de lado esse fato, esse simples fato, na medida em que esse fato é um valor, um grande valor ao qual voltamos em nossos devaneios. O ser é imediatamente um valor. A vida começa bem; começa fechada, protegida, agasalhada no seio da casa. (BACHELARD, 1974, p. 201)

Os sujeitos dessa pesquisa significam a casa, ou as lembranças deste espaço, de uma forma bastante diferente. Abaixo podemos ver que a maioria das evocações relacionadas ao espaço da casa se refere ao uso de drogas (42,9%). Além do uso, surgem categorias como violência (8,2%), tráfico de drogas (6,1%) e roubo (16,3%), sendo que em 4,1% das evocações a própria recaída ao uso de drogas está associada a casa.

Gráfico 7. Evocações relacionadas a casa



É na casa que muitos adolescentes encontram apoio - 10,2% das evocações - para a recuperação. Para Foucault (1988, p. 111), “a família não reproduz a sociedade; e esta, em troca, não imita aquela”, mas as escalas espaciais da vida dos sujeitos se cruzam, se interpenetram umas nas outras. Se tivermos roubo em outras escalas vamos ter em casa (16,3%), se o tráfico de drogas está presente em todo país, como em todo mundo, logo estará presente em casa (6,1%) - mesmo que de maneira periférica. A fala abaixo exemplifica essa situação

Eu sou o mais novo e nós somos em três irmãos homem, eu e mais dois e uma irmã né que é a mais velha; Dos quatro assim, os três homem usavam droga. [...] Bom daí meu pai assim, nossa ele bebia dentro de casa ta ligado toda noite assim; [Teu pai?] Não, o meu padrasto eles bebiam... É que agora assim, meio que chamo de pai assim... Ele bebia dentro de casa e eu tomava assim na colher ta ligado, a gente cresceu assim bem... Né, já feio na foto né. [...] Tipo igual dentro da minha casa mesmo né, esse meu irmão que é de boa esse que não usava comigo, esse de 21 ele... Ele falava assim: a ó o nóia aí, ó o nóinha, vai roubar aí; Falava assim pra mim ta ligado, briguei várias vezes com ele, que eles me excluíam, me julgavam né, falavam: é você não vale nada, ta ligado, falavam assim: você é um nada (Entrevista realizada com Cavernoso em 06 de Maio de 2012)

Ornat (2008), em seu estudo sobre a instituição do território de prostituição travesti na cidade de Ponta Grossa, Paraná, aponta que as representações relacionadas a casa são contrárias a ideia padrão de família (composta por pai, mãe e irmãos), o que ocorre também para os adolescentes usuários de crack. Para Zaluar (2004) é justamente onde os laços familiares ou locais são mais fortes que a pressão social incidente sobre o controle das emoções e uso aberto da violência diminui. Para a autora, isso ocorre porque existem menos sentimentos de culpa em relação ao uso de violência para resolver os conflitos.

É na casa dos sujeitos dessa pesquisa que surgem evocações como a presença da morte (4,1%) e uso de drogas (42,9%), relacionado a familiares usuários de crack. Na próxima seção outras escalas espaciais serão trabalhadas em meio a discussão sobre as relações de poder, que permeiam todos os espaços vivenciados pelos adolescentes sujeitos da pesquisa.

2 - Adolescentes Usuários de Crack: Do Centro a Margem nas Relações Espaciais de Poder

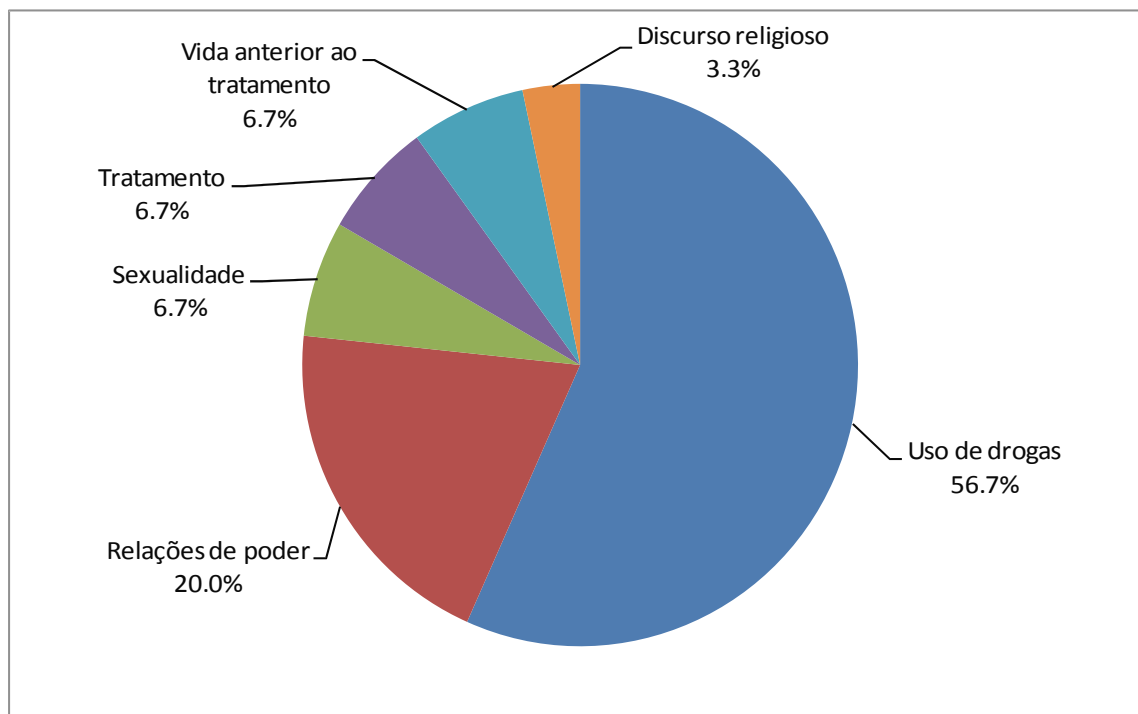
Cada espacialidade possui sua configuração local de poder, entre o que é mais ou menos importante, Foucault (2007) concebe o poder como um feixe de relações provindo de todas as partes, na relação entre um ponto e outro. Essas relações podem destruir grandes sistemas de dominação ou mantê-los, porque são dinâmicas e móveis, relacionais. Ao mesmo tempo em que se apóiam em pontos de resistência são alvo, porque o poder para este autor está em todas as partes,

não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. E 'o' poder, no que tem de permanente, de repetitivo, de inerte, de auto-reprodutor, é apenas efeito de conjunto, esboçado a partir de todas essas mobilidades, encadeamento que se apóia em cada uma delas e, em troca, procura fixá-las (FOUCAULT, 2007, p.103).

Na seção anterior foram apresentados os espaços da 'vila' e da 'casa', importantes escalas espaciais do cotidiano dos sujeitos. O corpo – que surge com 11,6% das evocações como mostrado no início do capítulo – como traz Foucault (1966) é o lugar de onde não podemos escapar porque estamos presos a ele, é uma jaula que estará exatamente onde estivermos. A partir dele, todas as outras escalas espaciais são vivenciadas, mas também é através das grades que nos prendem a essa jaula que falamos, somos vistos e podemos ver. No gráfico abaixo podemos

ver a que o corpo está associado para os adolescentes sujeitos dessa pesquisa:

Gráfico 8 – Evocações relacionadas ao Corpo



Em 56,7% das evocações, o corpo está associado ao uso de drogas e ligado a fuga da norma e da regulação, ou melhor, de sua transgressão. Mas o uso de crack, por sua vez, leva a um comportamento específico bastante influenciado pelas relações de poder (20%). Isso ocorre porque ao usar crack, o adolescente passa a ocupar o centro das relações de poder, já quando está a procura da droga se torna margem. A complexidade desses movimentos surge porque mesmo sendo centro – durante o uso, perante a sociedade ele se torna margem, onde as representações sociais que incidem sobre o seu corpo de usuário de drogas são bastante negativas. O custo deste agenciamento pode ser caro, mas tensionando a norma com suas práticas os adolescentes do sexo masculino ao usar o crack a transgridem, essa é a beleza da subversão.

O relato abaixo é pedagógico em relação a isso.

Primeiro eu comecei na maconha daí já passei pro cigarro já, fumei um beck daí já no outro dia de manhã acho que já fumei o cigarro; Daí fui indo né, meio viciado assim no beck né, tipo todo dia tinha que fumar um beck né; Daí tinha uma casa assim atrás de casa que morava 10 cara Homem! 10 cara Homem, a mãe dos cara era presa,

*o pai dos cara tinha abandonado eles e era 10 cara Homem assim daí a casa dos cara ficava largada assim ta ligado e era um ponto de tráfico entendeu; Até hoje tem lá mas os cara... Os cara moram em outra casa perto ali mas não tão mais lá; Mas a casa era bem largada assim, tipo o cara pegava droga e usava lá dentro mesmo entendeu; Tinha um quartinho lá no fundo, a casa era grande assim e usava lá dentro mesmo e nesse tempo eu usava só maconha né e foi puxando; Daí chegou um dia que não tinha maconha, daí tinha o cara que tava usando lá no canto assim, daí nois: poutz não tem beck né cara, não tinha moeda pra compra, daí nois a vamos rapar essa lata aí e vamos fumar um pitile né cara, daí deu um pitilão bem grande assim tal; Daí pol, fumemo né cara! Noossa, daí tal né cara. **Essa foi a primeira vez?** Foi a primeira vez que eu usei crack; Daí nossa né cara, fiquei meio assustado, me perdi tudo assim, tipo ficou bem cabuloso mesmo. **E como é a sensação?** A é bem sinistro cara, tipo a pira é você fazer, usar crack é você... causa dependência e tudo depois, mas tipo você se sente o cara por estar fazendo uma coisa que não pode entendeu; Entendeu qual que era a pira, tipo o crack, a droga não pode entendeu, daí a gente se sente, tipo vamos supor, igual lá, muito louco né cara; O cara: a o cara é muito louco, esse cara usa e tal. Tipo é sempre ta tipo cada vez mais falado e tal lá na quebrada entendeu, daí os cara... a gente usava por isso e tal; Se eu me preocupasse comigo mesmo nem usava e tal, mais pra se achar e tal, daí usei e tal né cara. (Entrevista realizada com Cavernoso em 06 de Maio de 2012)*

Para Bourdieu (1999) as relações sociais são interconectadas pelo que ele denomina de *capital simbólico*. Esse capital, por sua vez, pode ser adquirido, perdido, mantido, praticado, ou no caso dos adolescentes dessa pesquisa, conquistado e reafirmado pelo conjunto de práticas sociais (ou o que o autor chama de *habitus*) do próprio grupo. Bourdieu (1999) parte de uma perspectiva de estratificação social onde quem está no topo – a elite – não teria poder de dominar a população como um todo, mas teria poder simbólico suficiente para legitimar sua posição, a partir de seu *capital simbólico*. Segundo ele, o *habitus* caracteriza determinado grupo social em relação aos outros grupos, funcionando como um sistema “de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes” (BOURDIEU, 1999, p.88) que geram e organizam as próprias práticas e representações sociais a partir do poder. Poder que é simbólico, e que necessariamente precisa ser praticado por aqueles que o detém, ao passo que os outros o legitimariam, porque justamente não o detém.

Na fala vista anteriormente podemos observar um dos motivos para se usar crack, como também um dos espaços utilizados para o uso. A casa onde moravam

os dez 'cara homem' se estrutura como um 'mocó', que também pode ser outro espaço diferente de uma casa - uma moita, um barraco. Já no que se refere ao espaço público são as evocações relacionadas a terrenos baldios, praças, arroios, que diferem dos 'mocós' e não se referem à rua - diretamente.

A entrada para o tráfico de drogas pode ocorrer como uma busca de centralidade nas relações espaciais de poder, mas o momento do uso em si, é talvez um dos mais delicados e contraditórios. Juntamente à transgressão e a subversão da ordem surge a sensação de liberdade e de centralidade; a margem e o centro das relações de poder se cruzam frente ao sujeito, mas também em relação ao outro e entram em conflito num momento único. As quatro falas abaixo retratam isso:

Na hora assim que você começa a fumar assim sei lá, dava um... O coração acelerava assim tipo; A hora que você sopra assim, teu olho na hora assim; Você já sente teu olho assim espiadão; Não tem uma sensação assim; A sensação é de medo assim; Medo assim de alguém querer pega você por trás e faz alguma coisa assim pra você (Entrevista realizada com Bola em 03 de Junho de 2012)

Ah sei lá cara, foi tipo assim, que nem se fosse como se eu tivesse no paraíso assim, uma coisa boa, primeira vez, mágoa, angustia do pai assim ta ligado da coisarada. A primeira bola que eu dei nossa, senti uma emoção assim sabe: esse é o mundo que eu quero né cara, quero mais, quero mais daí fui fumando, daí eu fui me arrebetando só que eu não conseguia olhar que aquilo lá tava me destruindo, que aquilo tava me levando para o mau caminho eu só queria mais e mais não tava nem vendo, roubava minha mãe, meu pai. O meu viver assim nossa cara, minha alta-estima foi abaixando cara, tinha vez assim que eu pensava só em morrer cara. (Entrevista realizada com Véio em 28 de Junho de 2012)

*A primeira vez eu não senti nada assim; Não senti nada daí depois que eu fui vendo qual que era assim; Sabe a pira assim, o jeito que os caras ficavam, daí eu ficava junto com os piação, cabrero; Ou as vez não né, ficava de boa assim sentado; Daí eu ficava paralisado assim; **Muda muito?** Depende da pedra também né, tem umas pedra ruim, umas pedras boa; Ou depende da pessoa, junto da pessoa que você tá fumando assim né; Você vê a pessoa espiada você fica espiado, mas se você vê que a pessoa fica quieta você também fica quieto; Daí depende assim da cabeça dos outros né, tipo depende da tua mente assim né, você pensa em fazer alguma coisa assim você já... Alguma coisa que vem você já faz; Ou as vez você pensa: ó tem gente vindo, tem gente vindo; Daí você fica... (Entrevista realizada com Cavernoso em 06 de Maio de 2012)*

O comportamento relacionado ao uso de crack é bastante recorrente nas falas e pode variar de sujeito para sujeito ou de como ele ocorre. De maneira geral, o

comportamento é chamado de ‘espiado’¹⁸ pelos adolescentes e se refere a um estado de atenção (ao(s) outro(s)) potencializada e parece ser dividido entre físico e mental. Físico em relação ao corpo e mental em relação ao medo (perseguição). Essa divisão também é encontrada em um estudo realizado por Oliveira e Nappo (2008) junto ao Centro de Informações sobre Saúde e Álcool e ao CEBRID, ambos de São Paulo. Nessa pesquisa o comportamento psíquico relacionado ao uso de crack foi dividido em efeitos positivos e negativos. Os efeitos positivos comumente estão associados ao prazer, como visto nos relatos acima. Já os negativos são as alucinações, delírios, fissuras (incontrolável vontade de usar novamente), sensação de depressão e arrependimento, comumente associados a sensações de perseguição, resultando no quadro de paranóia, ou ‘nóia’ como apontam alguns sujeitos.

O comportamento derivado do uso de drogas gera *corporalidades* específicas e Oliveira e Nappo (2008) apontam algumas que estão diretamente relacionadas ao uso, despertando

intenso medo e angústia no usuário e estimulando-lhe a adoção de comportamentos repetidos e atípicos que aliviem essa condição: abrir e fechar portas e janelas; apagar e acender luzes; buscar incessantemente por restos de crack que possam ter caído no ambiente de uso; entre outros (OLIVEIRA E NAPPO, 2008, p. 667)

O comportamento espiado dos sujeitos dessa pesquisa advém dessas sensações, bastante relacionadas ao medo. A fala abaixo caracteriza o que aqui se entende como ‘espiado’.

Ah acho que pedra e pó é a mesma coisa, você espia assim, eu espiava não sei os outros, eu pra mim que nem se eu fumasse uma pedra com você eu podia ser teu amigo, andar todo dia com você, se eu fumasse uma pedra com você pra mim se você começasse a se mexer é porque você ia puxar uma faca ou um revolve pra me matar, sempre quando eu ia fumar eu já tava com o revolve assim cara, toda hora assim pá, fumava assim, dava um bola pá, ponhava a mão na cintura assim, ficava vendo o bagulho assim, você via as coisas que não tem nada a ver, que nem pegar e ir pro meio do mato assim, quando você via o mato tava se mexendo assim cara, da uma bola assim já pá, pensava assim que tinha alguém lá no mato, você via

18 O próximo capítulo vai utilizar esse termo para operacionalizar a idéia de espaço/espacialidades instituídas pelo uso do crack, constituindo assim o que será chamado de espaço ‘espiado’, o espaço dos meninos usuários de crack.

*assim corria pra traz das árvores. Daí naquela hora você já: quem tá aí maluco, quem tá aí? E não tinha ninguém tá ligado, nem falava nada. **Quanto tempo demorava isso?** Ah eu dava uma bola ficava quase meia hora, fumava outra assim tá ligado, por causa eu se espiava só que eu mandava umas bola gigante assim também, nossa ficava assim, daí os cara falavam: ô não tem ninguém cara, fique de boa, nada a vê, só cabreragem, nada a vê, daí eu: cala boa mano, mandava o cara calar a boca, e ficava: cala boca mano, daí ficava olhando assim. **Nunca dava nenhum engano, nenhuma treta assim entre amigo?** Ah altas vez, de você puxar o revolve na cara do cara pensando que o cara tá na maldade. O cara mexia, você já: é maluco que tá se coçando, porque o bagulho faz né cara a gente ficar espiado. (Entrevista realizada com Palhaço em 28 de Junho de 2012)*

Neste momento, o uso da violência pode se tornar necessário para a conquista ou afirmação da posição de centro nas relações de poder, tanto durante o uso ou mesmo no tráfico de drogas (mais especificamente no ato da cobrança de dívidas), onde essa prática é mais recorrente. A violência para os adolescentes usuários de crack está relacionada a espaços associados a conflitos: Rua (66.6%), Casa (16.7%) e Comunidade Terapêutica (16.7%). Quanto a este último, a violência é relacionada a conflitos com os outros internos e também com os educadores. Já a violência relacionada a espaços, como Rua e Casa, pode parecer surpreendente, mas se alinha ao que discute Abramovay (2000). Esta autora considera a violência como um fruto da vulnerabilidade social, atingindo todas as esferas da vida, espaço público e privado. Para ela, a vulnerabilidade não surge da violência, pelo contrário, gera violência. Entendemos aqui a vulnerabilidade como exposição a esses fenômenos, nos espaços em que vivem em graus maiores e menores.

O tráfico de drogas está presente em diversos espaços do cotidiano dos adolescentes do sexo masculino em tratamento na comunidade terapêutica; a rede do tráfico de drogas se assume como uma espacialidade, os meninos se referem ao tráfico de drogas como um espaço¹⁹. 7.5% das evocações estão associadas a estrutura regional do tráfico de drogas (envolvendo cidades, Estados e Países), outros 7,5% ao espaço da casa, 20% a cidade e em 65% das evocações o tráfico de drogas estava associado à vila.

Chimin (2009) evidencia que as periferias pobres da cidade de Ponta Grossa concentram um grande número de adolescentes classificados como 'em conflito com a lei'. Nestas áreas da cidade a presença do tráfico de drogas é intensa, porque

19 Como vimos no Gráfico 5 no início da seção, com 1,5% das evocações.

muitas pessoas buscam no tráfico de drogas uma oportunidade de sustento econômico. Muitas vezes, os meninos encontram um lugar onde são valorizados, respeitados. No tráfico de drogas podem ocupar cargos, responsabilidades e se as tarefas forem realizadas com competência conquistam o respeito dos outros traficantes. Os trechos abaixo são paradigmáticos em relação ao poder que o tráfico de drogas exerce na vida dessas pessoas, enquanto uma oportunidade.

Daí agora eu, os cara me olhavam assim: a esse cara não vale nada; O único lugar que eu era bem recebido era na quina né, pelos cara né, tratavam todo mundo igual lá. (Entrevista realizada com Cavernoso em 06 de Maio de 2012)

...quando eu comecei no trafico grande mesmo foi a partir dos quatorze, quinze eu já tava quase entrando pro PCC, com quinze anos, eu era bem dizer o flanela que diziam, até esperar o povo eu cortava droga, ia e buscava, fui crescendo, aí os cara falaram: oh quando você tiver com uns dezoito o Comando Vermelho já ta pronto pra te aceitar, beleza, ali eu já fui crescendo, querendo ser mais, entrava no carro, atirando nos outros, mostrar que eu era o tal. (Entrevista realizada com Véio em 28 de Junho de 2012)

*Meu camarada, meu irmão foi preso, daí um deles se conheceram, daí veio outro e se conheceram daí lá na cadeia, daí meu irmão saiu e pá de boas não deixou ninguém lá da vila descer lá na vila lá do piá, os piá ficava cobrindo todo dia lá pra ver os pia da vila, só que os cara não fumavam perto. Não fumavam e não queriam deixar fumar, eu eles não deixavam fumar, se pegasse fumando pedra, nossa mãe do céu. **Por causa da venda...** É por causa de vender com eles que nós conseguimos implantar forte. **Você ia muito pra outros bairros assim?** Ia um monte, todo dia, tinha moto nem parava ali na vila, ia pra tudo quanto é parte. **E tinha algum lugar que você não podia entrar.** Não, ia pra tudo quanto é parte, saía em três, quatro tudo com os béra lá. Depois que desceu a lei ali do Santa Maria não tinha mais essas treta assim de vila, desceu a lei lá de São Paulo, do PCC lá daí não tinha mais treta era tudo na paz só se foi jaguára, se o cara for cagueta ou estrupador, esses bagulho aí sim, mas se for de boas o cara não podia mexer com você. **E agora como é que tá?** Agora to susse, tá a lei do PCC ainda, o cara não pode mais esses bagulho de qualquer coisinha querer se matar, incendiar o outro, tá ligado querer incendiar a caminhada do outro, que nem falar que o cara é Jaguára e o cara não é, e daí todo mundo querer pegar o cara, não é mais assim agora, agora ta acomodado, agora é tudo na paz. **Até de acertar conta matando?** Aham, esses bagulho não tem mais só se o cara for pilantra. **Você falou o PCC e como é que chega esses cara aí?** Ah vem da cadeia né, os cara bate os fio da cadeia, de uma cadeia vem descendo pra outra, vem de Curitiba pra cá porque de Curitiba já vem outra. **É forte essa rede de comunicação dos cara?** Ah é forte né cara. **O que acontece se não obedecer?** Ah os cara te batizam né cara se te batizar você não pode sair mais né, pode sair só se for pra virar pastor só, só pra ir pra*

*igreja pode sair. **Se não, não sai?** É, se quiser sair pra querer mudar de vida os cara de matam. **E daí no teu caso?** Ah no meu caso eu tava fumando um monte né, daí até os cara entenderam que tem que parar de fumar pedra, só que eu nem quero sair vender mais sussegado. (Entrevista realizada com Bola em 03 de Junho de 2012)*

‘Palhaço’ aponta importantes elementos que estruturam o tráfico de drogas no Brasil, como por exemplo, a proteção exercida pelos traficantes para que os adolescentes não usem a droga que vendem; a comunicação que ocorre nas penitenciárias fazendo que lideranças do tráfico regional de drogas consigam organizá-lo mesmo de longe. ‘Palhaço’ evidencia como ocorre a comunicação entre penitenciárias fazendo com que as informações cheguem até as cidades, aos bairros e vilas. A lógica destes recortes espaciais se organiza em função dos acordos feitos pelos grandes traficantes, essa lógica demanda um maior aprofundamento e consiste em fértil tema de pesquisa em Geografia²⁰.

Quando ‘Palhaço’ se refere a ‘cara jaguára’, importantes elementos de masculinidade são ativados, pois ‘uma cara jaguára’ é um homem sem respeito, desleal, uma pessoa em que não se pode confiar, comparado com um estuprador. Um ‘cara jaguára’ deve ser ‘acelerado’ e para isso o uso da violência deve ser usado no sentido de mostrar que ele não pode ser ‘jaguára’. Com a imposição da lei do Primeiro Comando da Capital (PCC) agindo na cidade de Ponta Grossa o uso da violência é relativizado. Algumas práticas como ‘matar’ ou ‘incendiar’ as pessoas que são ‘jaguáras’ não podem mais ser realizadas, porque na lei do PCC, o que deve prevalecer é a paz entre as vilas.

‘Acelerar’ é uma prática utilizada no tráfico de drogas por aqueles sujeitos que atuam na cobrança de quem fica em dívida com o tráfico de drogas. A morte e a violência para os adolescentes usuários de crack são relativizadas. O uso da violência pode ser considerado como prática de morte, ou de tirar a vida. Nessa pesquisa a morte é entendida de duas formas, na primeira enquanto presença²¹

20 Em levantamento realizado no banco de Teses e Dissertações da CAPES, apresentado no capítulo anterior apenas uma dissertação no campo da Geografia foi relacionada a Tráfico de drogas.

21 Mesmo que filosoficamente a morte seja justamente ausência da presença, aqui a morte é considerada em relação aos vivos. A morte aqui é entendida enquanto presença de um corpo morto e enquanto prática de tirar a vida, ou de morte. Este assunto é tema da pesquisa elaborada por Fernando Bertani Gomes, que de forma integrada com esse trabalho, procura compreender: Qual é a relação entre as vivências espaciais de jovens do sexo masculino e a morte por homicídio na cidade de Ponta Grossa - PR?

(corpo morto) e na segunda enquanto prática (homicídio doloso). As evocações relacionadas à morte estão associadas a quatro espacialidades distintas: Vila (66.6%), Rua (14.3%), Casa (9.5%) e Cidade (9.5%). As falas abaixo evidenciam isso.

*Conheço alguém que morreu esses dias mesmo, um camarada meu que os piá mataram lá, um tiro na cara e não sei quantos nas costas. **Porque?** Não sei cara, as treta deles, daí os cara do Mezomo, daí ele pego e ele conheceu um tal de Vandinho lá e esse Vandinho é um Jaguará daí esse Vandinho começou a bater, um cara forte também, o Gardenal os cara forte, daí esse vandinho apareceu lá na vila lá, daí o Rique falou que esse cara é um Jaguará, falou pros cara, esse cara é Jaguará, ligo pros cara, daí os cara: qual que é a da cena? Daí ele começou a explicar qual que é a da cena. Pra mim quem anda com Jaguará, Jaguará é né daí o Rique ficava de boa né cara, foi lá pra casa da mãe dele no Mezomo daí um dia ele apareceu de moto lá pra matar ele, só que ele não falou nada ficou na dele assim, o cara chamando ele de jaguára ele ficou na dele, foi no dia o cara foi e matou ele, o cara nem esperava mas pegou e matou né (Entrevista realizada com Palhaço em 28 de Junho de 2012)*

*... o cara tentou umas ideia errada, falei oh cara o negocio é o seguinte cara, na hora que o cara menos esperou já entortei três sapêco nas costas dele ta ligado, daí eu fui preso. Fiquei um tempo preso, daí saí já fiz o 157, matei um caminhoneiro com dois tiro assim na garganta; **Porque você matou?** Por causa que tipo eu peguei o dinheiro e ele veio atrás chorando: ô cara me dá não sei o quê, me devolva eu tenho família... **Por causa de droga?** Só que nesse tava eu e mais um amigo e o cara deu outro tiro também, esses negocio assim é foda de contar, mas daí as outras parte, tem mais, tem mais as outras coisas, problema do passado sabe que eu prefiro guardar ta ligado porque se for contar é muito embaçado, sei lá, mas é isso minha história de vida é essa (Entrevista realizada com Véio em 28 de Junho de 2012)*

Os maluco mataram o Paulinho lá né... os maluco alugaram outro barraco lá no Santa Mônica lá, na entrada do Scheifer lá, os cara tinham alugado um barraco lá e daí morava eu o Pepeu, o Robert, tudo lá no barraco assim sabe, eu só ia de dia né, eu dormia na casa da mãe né, mas nós ia de dia lá, nós tinha um trinta e oito, daí sumiu o trinta e oito ta ligado, só que era um cara que tava morando com nós, só que nós fiquemo sabendo esses dias na rua, os cara foram atrás do cara, acharam o cara meio caído no mocó lá, o Paulinho, daí os maluco já pá, só que daí o cara diz que tinha o corpo fechado tá ligado esses baguio de sarava, os cara aceleraram ele, amarraram assim e os cara acelerando ele: que maluco foi você que roubou o revolve, não sei que, não sei que, acelerando ele amarrado assim cara, amarrado com a mão pra trás, daí o Robert sempre acelerando ele. Eu não tava nem aí né cara, o revolve nem era meu eu não vou compra cena que nem é minha, nem era meu o revolve e o Robert

acelerando ele assim, o Robert acelerô ele assim pá: que maluco já era você vai morrer daí ele começou a chorar assim cara até eu deu um dó assim na hora sabe, sei lá né, os cara tavam pensando que era o cara mesmo, daí o Robert pegou uma espingarda que tinha no forro que um noinha tinha vendido espingarda por pedra lá, engatilhou a espingarda no peito assim dele bem do lado do coração assim dele, nego o revolve assim ta ligado, fez 'tchec', nem estourou nada, daí o maluco: ih com esses revolve véio vocês não vão me matá, porque diz que ele tinha o corpo fechado essas coisa, o Robert tirou a bala de um cano da espingarda pôs em outro engatilhou pôs na cara, arrancou um pedaço da cara, daí o cara ficou pá assim, só fui tirei o chinelo dele e saí vazado, taquemo fogo na casa e saímo vazado. Altas cena assim cara, embaçado mesmo comentá assim, porque daí de noite o bagulho fica louco (Entrevista realizada com Palhaço em 28 de Junho de 2012)

A violência surge relacionada a obtenção de respeito, cobrança de dívidas, lealdade e afirmação da masculinidade. Contudo, a violência não é uma prática exercida somente pelos meninos no tráfico de drogas, a polícia também a exerce. As estratégias de controle e repressão utilizadas pela polícia, cujo objetivo é encontrar o local ou a pessoa de quem os menores compraram a droga, fazem com que os policiais exerçam uma posição de centralidade nas relações de poder entre os meninos. O relato abaixo mostra isso:

Um dia quando a policia te pega maluco, não aguenta, os cara te arrebentam, dão choque até na tua língua, os cara moiam você assim ta ligado, com água que daí o choque dói mais, para você contar. Ou as vezes pega com uma bucha, eles querem saber onde tem mais, naonde descolo, daonde aquele bagulho foi parar com você de quem você pegou, os cara te arrebentam, ainda mais se ele souber que os cara, os cara vão na casa assim já sabem quem que é. O cara chega e: oh é esse aqui Estive, ele falam bem assim cara, já chega e já aponta de dedo na tua cara; ô Estive, esse aqui pode amarrar, porque esse aqui vai dar uma volta de viatura com nós e já era os cara te põe no camburão te levam no escurão e você nem sabe aonde, já era cara. Te algemam, te jogam spray de pimenta na tua cara, pancada, choque, os cara louco. Mas isso aí cara... (Entrevista realizada com Palhaço em 28 de Junho de 2012)

A honra para os adolescentes se estrutura a partir da lealdade em relação ao tráfico, logicamente, quem resiste às práticas exercidas pelos policiais é considerado 'alguém de respeito'. Feffermann (2006) aponta que os moradores de áreas periféricas (onde a infra-estrutura e os serviços são precários) estão sob uma grande vulnerabilidade social e como consequência, estão mais suscetíveis a situações de privações de direitos e desrespeito. A autora alerta, que essas condições não podem

ser tomadas como definidoras para que essas pessoas pratiquem crimes, mas podem facilitar a expansão de setores ilegais da sociedade, como o tráfico de drogas e a exploração sexual, por exemplo.

O estudo de Chimin (2006) aponta que a vulnerabilidade é diferenciada entre adolescentes do sexo masculino e feminino. A mesma diferenciação ocorre em pesquisa de Budny (2009) ao evidenciar que no universo das adolescentes do sexo feminino em conflito com a lei na cidade de Ponta Grossa - Paraná, a intensidade no número de infrações como atos de agressão, lesão corporal e 'vias de fato', é maior nas meninas com mais de quatorze anos de idade. Essa autora, ainda revela que infrações relacionadas ao tráfico de drogas, homicídios e porte de armas, se apresentam com maior intensidade no universo masculino, do que no feminino.

Oliveira e Nappo (1998), em pesquisa realizada na cidade de São Paulo com usuários de crack apontam que para a metade das mulheres entrevistadas naquela ocasião, a prática da prostituição foi utilizada em troca de crack. Uma das categorias encontradas pelos autores foi relacionada a prostituição compulsória, onde homens negociavam favores sexuais de suas esposas à traficantes (em troca de crack). A pesquisa ainda aponta a atividade sexual entre homens, mas como ressaltam Oliveira e Nappo (1998) a recompensa frequentemente era na forma de dinheiro, pois

não havia um valor fixo para o programa e tampouco pontos de prostituição. A prática de sexo oral foi a mais comum, tendo em vista que segundo os entrevistados, era a modalidade sexual que menos comprometeria sua sexualidade (OLIVEIRA E NAPPO, 2008, p. 668).

Para os sujeitos dessa pesquisa as evocações relacionadas a sexualidade surgem de maneira periférica, principalmente em diferenciações de gênero. O gráfico apresentado no início da seção (referente ao corpo) aponta que 6,7% das evocações estão relacionadas à sexualidade; a prostituição surge em meio a essa categoria. De maneira geral, as evocações estão organizadas em dois eixos principais, no primeiro, a prática de roubo é associada aos adolescentes do sexo masculino e a prostituição ao sexo feminino, tal qual a pesquisa de Oliveira e Nappo (1998). Já o outro eixo, faz uma diferenciação por gênero no tratamento dado por policiais na rua. Algumas falas também indicam a presença de mulheres que

comandam as ‘bocas’²². O que podemos visualizar abaixo.

... as menina é mais se prostituí pra fumar na BR, lá na vila mesmo conhecia duas que fumavam, não, tinha três assim cara, tinha altas que fumavam junto comigo assim as vezes [...] se pegar a menina com pedra vai pra pancada também só que é mais doce né cara, não arrebenta, mas eles dão umas cassetada assim nessas parte assim, só nessas parte, aqui assim no joelho, eles não dão pancada na cara, tapa, mas eles dão só nos osso assim que dói bem, puxa cabelo (Entrevista realizada com Palhaço em 28 de Junho de 2012)

Em 1999 o Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes (CECRIA) em importante relatório publicado sobre a exploração sexual infanto-juvenil no Brasil, já apontava que na região sul do Brasil a exploração sexual comercial de crianças e adolescentes estava relacionada as “redes de narcotráfico; tráfico de crianças e prostituição nas estradas” (CECRIA, 1999, p.20). Claro que não podemos tomar uma fala para caracterizar um grupo, a intenção é apontar que esses fenômenos surgiram a partir de algumas falas dos sujeitos dessa pesquisa, foram vivenciados por eles. O tema da exploração sexual envolvendo crianças e adolescentes já foi objeto de pesquisa²³ junto ao Grupo de Estudos Territoriais (GETE). A fluidez da exploração sexual é bastante grande, aliás, o próprio fenômeno se estrutura a partir dessa fluidez e conforme apontado por Nabozny (2008), ainda se constitui um desafio para o conhecimento geográfico e importante campo de pesquisa para diversas áreas do saber.

Este capítulo evidenciou que o uso do crack não possui uma espacialidade simples, mas ela é complexa e multiescalar. Os espaços de maior cotidianidade como a casa e a vila estão fortemente vinculados ao uso da droga, a escala do corpo é evocada pelos adolescentes como um espaço que é conquistado e negociado. Suas construções discursivas criam imaginações geográficas inusitadas, paradoxais e complementares entre si e trazem à tona suas relações de poder móveis e desiguais. A partir das falas, organizadas em relação ao espaço que estavam associadas e distribuídas em categorias discursivas, foi reconstruído um fragmento do cotidiano, ilícito, uma geografia ilícita, a geografia dos adolescentes

22 Locais de venda de crack e outras drogas.

23 Nabozny, Almir. “A complexidade espacial da exploração sexual comercial infanto-juvenil feminina: entre táticas e estratégias de (in)visibilidade”. Dissertação sob orientação da Prof. Dra. Joseli Maria Silva e foi realizada em 2008, junto ao GETE.

usuários de crack. Contudo, a temporalidade trabalhada nesse capítulo é a anterior ao tratamento realizado na comunidade terapêutica. As evocações relacionadas ao futuro ou ao próprio tratamento serão trabalhadas no próximo capítulo.

CAPITULO III

O MUNDO DO POSSÍVEL E A POLÍTICA DA ESPACIALIDADE

O fio condutor deste capítulo é responder o seguinte questionamento: de que forma os adolescentes usuários de crack em tratamento na comunidade terapêutica representam suas espacialidades? Depois da construção teórica arbórea e apresentação do fenômeno no primeiro capítulo, da caracterização dos sujeitos da pesquisa e as escalas espaciais de sua vivência cotidiana, no segundo. Agora, é preciso compreender como funciona o tratamento/correção na vida dessas pessoas e as representações de mundo que fazem ‘pós-correção’ – objetivo da primeira seção. Já a segunda, problematiza a conceitualização de espaço/espacialidade, que é tencionada pelas práticas espaciais dos adolescentes do sexo masculino usuários de crack. Nesse momento, as ideias de rizoma e mapa de Gilles Deleuze e Félix Guattari são fundamentais na elaboração de uma proposição no sentido de operacionalizar a ideia de espaço “espiado”.

1 - Os Corpos Desviantes, o Poder Disciplinador e o Retorno para o Mundo Após o Tratamento

A Comunidade Terapêutica e a importância do tratamento surgiram de forma bastante evidente nas entrevistas e não poderia eu, como pesquisador, omiti-las, mesmo que influenciadas por fatores como o local de realização da entrevista (Comunidade Terapêutica) ou o fato dos adolescentes estarem em tratamento naquele espaço e logo, ser o espaço mais recentemente vivenciado. De qualquer forma, muitas evocações fazem uma diferenciação entre a vida anterior e a posterior ao tratamento; o que se espera do futuro, da vida fora da instituição.

Os adolescentes estão na comunidade terapêutica sob determinação da Juíza da Vara da Infância ou encaminhados pelo Conselho Tutelar²⁴. Os adolescentes são encaminhados ao tratamento na Comunidade Terapêutica pela Vara da Infância, como substituição da medida socioeducativa, quando esse adolescente comete algum ato infracional.

A Comunidade Terapêutica, sendo uma parceria público/privada, é gerenciada

²⁴ Com base no inciso VI do art. 101 do ECA que possibilita a “inclusão em programa oficial ou comunitários de auxílio, orientação e tratamento a alcoólatras e toxicômanos” como uma medida protetiva.

por uma entidade que recebe recursos do poder público municipal. Quando os adolescentes entram na comunidade, passam a viver em regime de liberdade restrito, recebendo apenas visitas dos familiares.

O tratamento é baseado em três aspectos: Amor, Deus e Trabalho. A duração é de entorno de nove meses, compartimentado em grupos de estadia na casa – 3 meses. Portanto, somente após determinado tempo é que os adolescentes podem sair da comunidade e visitar a família em casa, essa possibilidade também é estabelecida em relação ao seu comportamento.

Para Goffman (1961), o principal aspecto dessas instituições, as quais ele chama de Instituições Totais (Instituições de Fechamento) é o de ruptura com os elementos básicos da vida cotidiana. Primeiramente, as relações vão ocorrer no mesmo local, sob uma única autoridade e; por segundo, o participante realiza suas atividades diárias com outras pessoas, todas tratadas da mesma forma e obrigadas a fazerem as mesmas coisas. Em terceiro, todas as atividades são estabelecidas em horários padronizados, o que difere bastante da vida social. Já na instituição, os meninos experimentam um novo mundo e são expostos a novas possibilidades de agenciamentos; o que antes poderiam fazer em qualquer horário, da forma como queriam, agora não podem, são regulados, medidos e classificados. Na Comunidade Terapêutica precisam cumprir determinadas exigências para poder retornar a sociedade, uma delas e talvez a principal é não ser mais considerado um dependente químico. Portanto, essas instituições atuam na correção.

Michel Foucault (1996), em seu célebre livro intitulado *Vigiar e Punir* ajuda a compreender essa situação ao analisar as transformações das práticas penais na França, no período que compreende a Época Clássica ao século XIX. O problema principal, investigado em meio a estas transformações, foi o papel de centralidade que a prisão assumiu na penalidade moderna (principal prática penal atualmente) em detrimento de outras antes utilizadas como o suplício ou castigo, que funcionavam de forma simbólica e exemplar em relação aos outros. Foucault aponta que, com a prisão, a pena passou a ser voltada para o corpo e a alma do condenado, no sentido de discipliná-lo. Além disso, o autor procura mostrar que as práticas disciplinares utilizadas nas instituições prisionais alcançam “além-muros” e se estabelecem como tecnologias de poder que se espalham pela sociedade ocidental como um todo, replicadas em escolas, hospitais, fábricas ou em Comunidades Terapêuticas, por exemplo.

Foucault (1996) diferencia estilos penais contrapondo a prisão moderna e os regimes absolutistas, anteriores a Revolução Francesa, cada um próprio de uma época. No antigo regime, o poder era exercido a partir de punição, onde os delitos considerados como ilícitos ao poder do soberano eram penalizados corporalmente. O suplicio foi uma prática executada nesse período e ocorria em forma de espetáculo, em lugares públicos, cujo objetivo principal era demonstrar a força do soberano contra aqueles que ousassem o desafiar. Essa demonstração está relacionada aos procedimentos técnicos do suplício, onde o sofrimento produzido era passível de medida, apreciação e classificação. Mas o suplicio também se assumia enquanto um ritual simbólico, pois procurava marcar o corpo da vítima com violência e de forma explícita, ostentando a infâmia do criminoso, ou do crime cometido, procurando mostrar o poder do soberano.

Já as tecnologias de poder exercidas pela prisão moderna são técnicas de controle e sujeição do corpo, impondo, sobre ele, docilidade, numa relação de utilidade ou não utilidade. Os locais onde os corpos são inseridos e fechados, cada qual tem um lugar a ocupar, o tornando útil em alguma função que lhe é atribuída, como por exemplo, determinado trabalho a ser realizado. Além disso, nesses locais, existe uma hierarquização explícita aliada a um controle das atividades desenvolvidas pelos internos ao longo do dia, portanto cada corpo tem uma função e ocupa um lugar na escala hierárquica geral e assim cada horário é controlado em relação às atividades que podem ou não ser desenvolvidas.

Após a Revolução Francesa, surge o que o autor chama de a sociedade disciplinar, onde o exercício do poder vem com a preocupação de vigiar e disciplinar. O poder disciplinar é voltado ao adestramento/correção dos corpos e para se estabelecer, Foucault (1996) aponta três mecanismos: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e o exame. O primeiro - a partir do olhar, é a vigilância e induz o corpo adestrado a se sentir vigiado permanentemente, onde o poder é exercido como sendo um poder panóptico²⁵ e que para Foucault (1996) permanece até os dias atuais, uma vez que este poder consiste em vigiar e controlar todos os indivíduos pelo Estado. Já a sanção normalizadora é a própria instituição da norma no ser, na maneira de ser do corpo, da sexualidade, no sentido de punir corpos e

²⁵ O Panóptico é um tipo de prisão onde as celas são distribuídas ao redor de uma única torre de vigilância, onde o vigia não pode ser visto, portanto a presença/ausência do vigia é que estrutura o poder.

comportamentos desviantes. Por fim, o exame é por onde se pode classificar e diagnosticar, e que, a partir do olhar do médico²⁶, é possível qualificar e punir os corpos e aplicar o controle e a normalização do que é desviante.

No capítulo anterior, vimos que a composição da instituição familiar ganha estruturas diferenciadas para os meninos usuários de crack, a composição da família não seguiu o padrão de Pai, Mãe e Irmãos e em muitas vezes a figura desse pai ou dessa mãe estavam ausentes. Mas a instituição de tratamento busca reconstituir essa família nuclear, isso faz, inclusive, parte do tratamento. Os três dispositivos apontados por Foucault (1996) constituem nas tecnologias de poder e são aplicáveis a instituições especializadas no controle, mas também naquelas consideradas sociais, como a família.

No livro intitulado *Microfísica do Poder*, Foucault (1979), a partir de hospitais e prisões, define o poder como um feixe de relações que se distribui de forma mais ou menos organizada e que tem uma estrutura de forma mais ou menos piramidalizada e por fim, é mais ou menos coordenado. Os mecanismos de poder são exercidos ao lado do aparelho de Estado. O autor mostra que são elaboradas certas ‘verdades’ para dominar a sociedade e estas ‘verdades’ obedecem a fins econômicos, intelectuais, políticos, entre outros. E uma destas é a de que o uso de drogas é ruim e precisa ser combatido com internações, para que essas pessoas sejam corrigidas e retornem a normalidade. O poder jurídico passa a dar o molde para o esquema do poder panóptico, criando e legitimando as regras que serão replicadas em instituições e sujeitos, definindo seus destinos. A escola e a família são, então, modeladas a fim de seguir um padrão, os profissionais são formados a partir de modelos idealizados. A sociedade disciplinar passa a ser estruturada a partir de ganhos e perdas a partir de determinados agenciamentos com base num esquema de punição – recompensa. Neste modelo, o poder é invisível e quão mais invisível mais forte é sua influência nos corpos, que serão modelados em instituições como a família, a escola, o exército, a fim de seguir uma função. Aqueles que fugirem a essa padronização e aqueles que não adestrarem suas mentes e seus corpos serão considerados desviantes. Estes são encaminhados a instituições disciplinares como prisões, hospitais e comunidades terapêuticas para serem tratados, mas também,

²⁶ Foucault em outro livro, intitulado de ‘*O nascimento da clínica*’ problematiza a questão do olhar do médico com mais ênfase

em uma perspectiva do Estado de higienização das áreas de obsolescência nas cidades, chamadas de 'cracolândias'. Contudo, Deleuze (1988) argumenta que as sociedades contemporâneas não seriam mais propriamente sociedades disciplinares, mas sim sociedades de controle, onde os dispositivos normalizadores e disciplinares seriam substituídos por novas tecnologias de supervisão e controle dos corpos.

As leituras de mundo dos adolescentes em tratamento na comunidade terapêutica são diferenciadas e são construídas a partir de uma experiência única. Duncan (2004) entende que a paisagem pode ser lida por vários grupos de formas distintas, sendo isso possível pela "intertextualidade". Nessa abordagem, a paisagem seria entendida como um sistema de significados e práticas que se transformam historicamente, que recebem e transmitem significados, assim como a linguagem - visível na forma de texto, mas que contém sub-textos invisíveis. Compartilha-se dessa abordagem, mas como Silva (2002) alerta, "as interpretações das informações dependem dos sujeitos que atuarão no processo de recepção e interiorização da informação que por sua vez é determinado e determinante dos valores culturais" (SILVA, 2002, p. 190) e não somente da materialidade da paisagem.

Como vimos no ser-na-paisagem de Dardel (2011), é impossível tirar o *ser* da paisagem, as representações que fazemos são em relação ao mundo, ancoradas no mundo, no espaço, ou como Bergson (1997) denuncia: é o próprio mundo. Se mudarmos o espaço, as representações e os agenciamentos possíveis passam a ser outros, porque as espacialidades que compõe a vivência das pessoas não são passíveis de totalização. Muitas espacialidades co-existem em temporalidades diferentes, possuem lógicas outras. Quando olhamos pra realidade, ou para um recorte de realidade, o que vemos é um amontoado de estruturas, práticas e pessoas que em primeira apreensão podem parecer desconectadas, mas estão todas de alguma forma relacionadas, seja no olhar do pesquisador ou na própria vivência. O exemplo disso é o próprio tráfico de drogas em relação aos meninos, estruturado em redes mundiais, coexistindo com a trajetória dos meninos que atuam no ponto mais interior dessa grande rede: o consumo direto ou a venda. Além disso, existem ainda, todas as pessoas que moram nas periferias tomadas pelo tráfico, cuja lógica pode ser recente em relação a alguns moradores mais antigos, mas hoje influencia no modo de vida de todas as pessoas, no acesso que elas têm a

determinados espaços.

O sujeito se encontra em meio a múltiplos cruzamentos momentâneos na hora da entrevista, para poder elaborar as representações que faz do mundo. Se na fenomenologia o ser constrói representações 'do mundo' para Bergson (1997) as próprias representações são 'o mundo', construído, elaborado e praticado. Isso porque os símbolos conseguem evocar a presença mesmo com a ausência, uma vez que eles significam outra coisa. Eles criam a realidade, as coisas podem ser criadas infinitamente e ainda continuar com referenciais, porque é justamente a referência aos acontecimentos que garante a natureza criativa da atividade simbólica.

Mesmo os meninos em tratamento em uma instituição fechada, disciplinar ou de controle, suas representações podem ser "inovadoras que reajam a esses critérios estabelecidos, criando contrapropostas, contra-ideologias e movimentos de resistência às representações oficializadas (CORIOLANO, 2001, p. 212)". As representações difundidas na sociedade de maneira hegemônica onde os adolescentes usuários de crack são vítimas, passivos e assim cooptados pelo tráfico de drogas são, pois ao mesmo tempo em que são utilizados pela estrutura do tráfico de drogas, são ativos em suas práticas.

As evocações relacionadas a Comunidade Terapêutica (39 evocações) estão divididas em seis categorias, a maioria delas (43%) estavam relacionadas ao tratamento, 24% eram vinculadas a religiosidade, ou melhor ao discurso religioso difundido na instituição e replicado pelos meninos, 15 % foram em relação ao pós-tratamento, ao retorno a realidade. Já 12% das evocações se referiam as relações de poder na instituição, onde os sujeitos transitavam na margem ou no centro delas, em relação aos outros internos e em relação aos educadores. 3% das evocações são relacionadas a lembranças da vida anterior ao tratamento e outros 3% se referem a atos de violência física com outros internos.

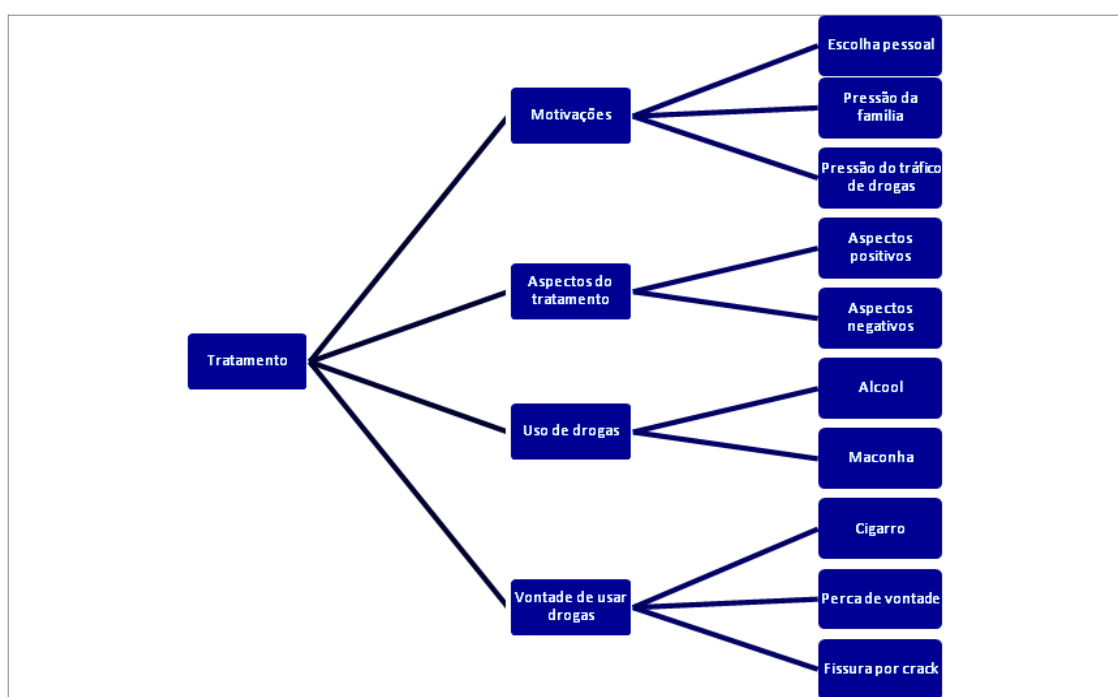
Os esquemas apresentados nessa seção não são hierárquicos e organizados em percentuais como no capítulo anterior, a própria escrita é plana e apresenta totais relacionados às evocações. É uma mudança de olhar e de objetivo, que agora não é mais relacionar as categorias discursivas aos espaços vivenciados pelos adolescentes usuários de crack, mas sim evidenciar o que compõe cada categoria discursiva. O que está em jogo aqui é a elaboração que os meninos fazem do

passado, presente e futuro. As evocações que de uma forma ou outra estavam relacionadas a isso totalizaram 98 e foram organizadas da seguinte maneira:

- Passado: Vida anterior ao tratamento, corpos desviantes, usuários de crack;
- Presente: O tratamento, a instituição, poder religioso-moral-disciplinador, correção dos corpos desviantes;
- Futuro: Após o tratamento, os corpos corrigidos, o controle praticado, a vigilância.

As evocações relacionadas a vida anterior ao tratamento estão organizadas a partir do seguinte esquema:

Figura 2 – Esquema geral das evocações relacionadas ao tratamento



Foram 23 evocações distribuídas nos quatro eixos, sendo que a categoria que aponta aspectos positivos do tratamento foi a mais evocada (seis evocações). Contraditoriamente, as evocações relacionadas aos aspectos negativos foram a segunda categoria mais evocada, com quatro evocações. Sete evocações estão relacionadas às motivações pela procura do tratamento, e destas, três se referem a pressões vinda de familiares, três delas por vontade própria e uma por indicação dos próprios traficantes. Quanto a vontade de usar drogas, foram totalizadas quatro

evocações: duas apontando para a vontade de usar cigarro; uma delas expressando a 'fissura' – vontade extrema de usar crack, e na última a perda de vontade de usar drogas aparece. Por fim, na comunidade terapêutica, o uso de drogas surge de maneira oculta ao controle dos educadores, pois uma evocação apontou para o uso de álcool em gel diluído em água e outra para o consumo de maconha em uma oportunidade.

Em relação a vida anterior ao tratamento as evocações foram distribuídas em cinco eixos temáticos, totalizando 18 evocações: perspectiva de futuro enquanto estavam inseridos no tráfico de drogas (1 evocação); (auto)imagem construída anteriormente ao tratamento (6 evocações); preocupação em relação ao sofrimento vivenciado pela mãe (2 evocações); lembranças negativas (6 evocações) e; arrependimento (1 evocação). Nessas evocações é possível visualizar dois eixos centrais, o primeiro mostra a imagem que os próprios adolescentes elaboram de seus corpos antes do tratamento - mendigo (1), viciado (4) e bandido (1), evidenciando a lógica de correção que as instituições disciplinares aplicam sobre os internos. O que é replicado ao segundo eixo principal de evocações, que se referem às lembranças negativas que ficaram da vida que levavam antes de ingressar na instituição.

As evocações relacionadas ao pós-tratamento foram as mais lembradas, totalizando 32 evocações, marcadas pelas preocupações com o retorno a antigas espacialidades, o que já foi evidenciado nos capítulos anteriores. Quase a metade dessas preocupações estão relacionadas a recaída (15 evocações) e não ter uma ocupação (9 evocações) é a categoria mais lembrada, isso porque os adolescentes quando não encontram oportunidades acabam procurando sustento econômico no tráfico de drogas, que não por acaso se estabelece nas áreas onde esses meninos moram, as periferias. Ainda relacionado ao medo de recaída, as amizades são apontadas (2) como causa, assim como a família (1) e a própria vontade de usar (2). No segundo eixo, as evocações estão relacionadas a um futuro positivo (14 evocações) imaginado como: um bom trabalho (3), casa própria (2), uma família composta por esposa e filhos (3) e uma situação financeira estável (1), e que para se alcançar esse futuro é preciso enfrentar os antigos espaços (4), o mundo (1), numa perspectiva de batalha. Duas evocações apontam que após o tratamento será muito difícil abandonar o uso de cigarro (2) e de maconha (1), porque as lembranças referentes ao uso do crack estarão lá, guardadas nos sujeitos, serão sempre

confrontadas num agenciamento virtual não concreto (Deleuze e Guattari, 1995) que fogem da materialidade, ela pode ser controlada, mas irremediavelmente estará lá esperando para ser ativada. Pois o tratamento, por mais que procure corrigir, disciplinar o corpo e a mente não consegue apagar lembranças.

Além das evocações apresentadas acima, outras 25 estavam relacionadas ao discurso religioso absorvido pelos adolescentes e replicados na entrevista. Essas evocações também foram organizadas a partir da perspectiva de passado (corpos desviantes, usuários de crack), presente (poder disciplinador, tratamento) e futuro (controle exercido pela vigilância). Abaixo podemos ver como essas evocações estão estruturadas a partir de um esquema geral.

**Figura 3 – Esquema geral das evocações relacionadas ao discurso religioso:
passado, presente e futuro**



Em cada eixo (em vermelho) de evocações, a dualidade ‘Deus-Diabo’ do discurso religioso dissipado na instituição é replicada pelos meninos na hora da entrevista. O tratamento é considerado como uma benção divina (1) ou uma vitória (1) e a partir de sua conclusão é possível alcançar a salvação (4 evocações) e uma mudança de vida (5). A prática da não violência passa a ser bem vista aos olhos de Deus (2), entretanto os internos que estão a pouco tempo na instituição têm dúvidas (1) em relação a isso. A vida anterior onde os corpos eram desviantes e considerados como viciados, bandidos ou mendigos, é o que caracteriza o segundo eixo de evocações cortadas pelo discurso religioso difundido na instituição que está organizado em duas categorias principais. A primeira reúne evocações sobre o uso do crack (2 evocações) e a segunda está diretamente relacionada a representações da vida anterior (3 evocações). Podemos observar que o uso do crack está relacionado a um mau caminho determinado pelo Diabo, que é a entidade culpada pela vida anterior ao tratamento, associada ao pecado e a ausência de Deus. Ausência em termos, pois a evocação que relaciona a vida anterior ao pecado também alerta que Deus está sempre em vigilância.

No pós-tratamento, após a correção do corpo desviante viciado em drogas, é preciso um enfrentamento com a realidade (2 evocações) onde estariam as coisas do Diabo, conforme apontaram as evocações; mas por outro lado, Deus estará vigilante quando os adolescentes saírem da instituição (2 evocações). A religião assim surge como uma necessidade (1), onde o final do tratamento é considerado uma vitória de Deus (1) sobre o mal – Diabo. As falas abaixo são paradigmáticas em relação a essa diferenciação entre o passado (desvio da norma), o presente (tratamento/correção) e o futuro (vigilância/controle).

o bagulho é bagulho do demônio né cara, quanto mais cê ganha mais você pá, bagulho do diabo mesmo cara, louco né cara. O cara nem vê, quando você vê já ta fumando, mesmo que não queira, depois que você dá uma bola já era, você fica o dia inteiro ainda fumando (Entrevista realizada com Palhaço em 28 de Junho de 2012)

Tipo, não só pra mim mas pra todos né cara, é uma fonte de vida né cara aqui, porque, não só nossa né, tipo de interno que ta aqui vivendo, mas pra nossa família né, representa uma fonte de vida né, uma esperança entendeu; Porque sei lá né, tem família que não tem né cara; Tem pessoa que ta lá na esperança de... Igual tem mãe lá que ta chorando né: nossa meu filho ta lá, não sei aonde e tal; Né, daí igual lá minha mãe, minha mãe nossa, ela chorava e tal por causa de mim, porque eu tava na rua né; Quando ela ficou sabendo

daqui né, o semblante dela já mudou né cara, ela já se sentiu bem de boa né: ó tem uma esperança ainda né cara; (Entrevista realizada com Cavernoso em 05 de Maio de 2012)

Porque não tem nem pecadinho nem pecado, você peca ali um pecado e vai continuar sendo pecado não tem essa de um bocadinho só que eu vou fazer ali, é um pecado e não adianta você querer fazer uma coisa escondido que Deus vai tá vendo, sair daqui vou fumar um cigarrinho escondido ninguém vai ver, mas nada fica em oculto diante dos olhos de Deus que Deus tá vendo tudo que você tá fazendo, que nem essa conversa que nós tamo fazendo, tá vendo tudo o que nós tamo fazendo, porque eu creio em Deus, creio em Deus porque eu já bati de frente quando eu quase morri, nossa eu me vi descendo lá de cima deu até pra mim ver meu corpo aqui em baixo, sem mentira, Deus nossa é um testemunho grande que eu tenho, Deus falou: oh vou te dar uma chance, eu não via ele só ouvia a voz, vou te dar um chance se você não mudar, daí eu tive mais uma nova chance de vida, nasci de novo e to aí agora vou mudar (Entrevista realizada com Véio em 28 de Junho de 2012)

A vida anterior ao tratamento passa a estar relacionada ao pecado - desvio da normalidade, a partir do tratamento/correção é possível retornar a sociedade, porém a vigilância/controle estará sempre lá. Contudo, essa linearidade não existe. Nesta pesquisa não vamos entrar a fundo na questão da religiosidade em si. Como dito no capítulo anterior, as elaborações discursivas dos sujeitos - na entrevista, para este trabalho é o que basta, porque o interesse não é em entender a religiosidade e sim como a experiência do tratamento (baseado na religiosidade) constrói novas representações e possibilita novos agenciamentos.

A partir da entrevista de 'Véio', o esquema visto acima, ganha novos elementos, porque ele é um dos internos com maior número de passagens pela instituição - quatro. Não acredito que aconteça uma teatralização da correção disciplinar no sentido de os meninos mentirem, porque como Foucault (1988) nos alerta, o poder pode ser exercido de qualquer parte, de todos os lados, num feixe de relações. Alguns meninos demonstram uma grande habilidade de jogar com o esquema desvio-disciplina-controle, a partir de certos agenciamentos que acontecem na rua e não na religião. A vigilância olha para os corpos desviantes na rua e os aparelhos de Estado como as Polícias e o Conselho Tutelar recolhem estes meninos em instituições no sentido de discipliná-lo para que não cometa o desvio novamente. 'Véio', contudo, incorpora a disciplina, mas quando retorna a rua, seja por fuga ou alta terapêutica, volta a cometer o desvio. Quando isso ocorre, novamente o olhar sempre atento da sanção normalizadora (FOUCAULT, 1996) age.

Os agenciamentos de 'Véio' podem ser vistos como subversivos, mas parece não ocorrer com muita consciência, uma vez que ele não detém um poder de enganar o controle, mas a partir de um encadeamento de situações consegue jogar com estes elementos, uma coisa leva a outra, de uma maneira mais ou menos des governada. Entretanto, a fala passada de 'Véio' considera que Deus estava sempre lá, observando a sua vida anterior ao tratamento cheia de pecados.

Michel Foucault (1988), em *'História da sexualidade 1: a vontade de saber'*, aponta que a partir da Revolução Francesa o ocidente conheceu novos mecanismos de poder. O que antes era um direito sobre os corpos e as coisas, de manter ou exterminar a vida, se apresenta, agora, como um poder que se exerce, que gestiona o estabelecimento da vida, que a controla e a regula. Este poder está no "nível da vida, da espécie, da raça e dos fenômenos" (FOUCAULT, 1988, p.150) da população, onde são mortos somente aqueles que de fato ofereçam perigo biológico sobre a vida dos outros. Como esse autor coloca, "pode-se dizer que o velho poder de *causar* a morte ou *deixar* viver foi substituído por um poder de *causar* a vida ou *devolver* a morte" (Ibid, p.150).

O poder sobre a vida para Foucault (1988), está estruturado em dois polos que estão relacionados as próprias origens do poder. O primeiro se desenvolveu a partir do século XVII e objetivou um corpo como máquina, procurando seu adestramento e caracterizando disciplinas anátomo-políticas. Já o segundo, teria surgido na metade do século XVIII e objetivou o corpo como espécie, mecânico e biológico. Aqui os estudos sobre sua proliferação foram fertilizados, procurando compreender aspectos relacionados a duração da vida, saúde e demografia em geral. Estes controles reguladores estabeleceram uma bio-política da população. Para Foucault (1988), a instalação dessas duas formas de poder (anatômica e biológica) é caracterizada como a principal função de poder investido sobre a vida, pois não mais interessam corpos mortos, mas sim a administração dos vivos. Este controle ocorre a partir das instituições disciplinares trabalhadas anteriormente, nasce aí o que Foucault (1988) chama de a era do 'Bio-poder'.

Fugindo da ideia estrutural de que o Estado é uma mão invisível que paira sobre as pessoas e entendendo que o poder regulatório é exercido pelos aparelhos do próprio Estado como as polícias, por exemplo, realmente 'Véio' está sendo observado e adestrado por um Estado que procura 'ajudá-lo', o colocando em instituições disciplinares como a comunidade terapêutica. De qualquer forma,

reafirmo que não estou dizendo que 'Véio' está mentindo sobre suas experiências religiosas, mas parar de usar crack é outra coisa, bem diferente.

Na rua, 'Véio' é livre do controle até que um policial ou um conselheiro tutelar o encontre utilizando drogas ou dormindo nas ruas. É quando a roda de possibilidade gira novamente. Além disso, quando na comunidade terapêutica, 'Véio' assim como os outros meninos, podem simplesmente fugir da instituição. Mas 'Véio' entre idas e vindas já esteve na instituição por mais de nove meses, o que seria o período total de tratamento. Isso demonstra que a posição de vítima que comumente é associada a essas pessoas pode ser revista e subvertida, uma vez que a vida é uma série de acontecimentos, possíveis ao devir. Há uma enorme gama de possibilidades abertas, sempre em jogo, em relação às estruturas regulatórias que olham e examinam (no sentido de classificar, nomear, diagnosticar) estes corpos desviantes.

Judith Butler (2000) desenvolve a ideia de corpos abjetos, onde o abjeto está justamente nas

zonas "inóspitas" e "inabitáveis" da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do "inabitável" é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito. Essa zona de inabitabilidade constitui o limite definidor do domínio do sujeito; ela constitui aquele local de temida identificação contra o qual — e em virtude do qual — o domínio do sujeito circunscreverá sua própria reivindicação de direito à autonomia e à vida (BUTLER, 2008, p.112).

Mais especificamente, Butler (2008) utiliza o termo 'abjeto' quando se refere às pessoas que não usufruem dos mesmos direitos daquelas que são consideradas como sujeitos. Essas pessoas estão nas zonas invisíveis e inabitáveis da vida social e é a partir dessa matriz segregadora que os seres abjetos são produzidos, simultaneamente com aqueles considerados sujeitos, um só existe em função do outro. O uso do crack vai permanecer para sempre com os meninos dessa pesquisa, podem passar várias vezes pelas instituições disciplinares, mas quando retornarem para as ruas, o crack estará lá nos 'mocós'²⁷, nas 'bocas'²⁸, nas 'quinas'²⁹ e nas

²⁷ Local escondido, não é um espaço público, mas também não é um espaço privado.

²⁸ Locais onde as drogas são vendidas.

²⁹ Áreas de moradia.

‘quebradas’³⁰ onde circulam. Isso ficou evidente, quando encontrei um menino que não participou das conversas gravadas alguns meses depois, tínhamos trocado algumas conversas desinteressadas. Perguntei a ele sobre os meninos que entrevistei, se estavam bem e a resposta foi que apenas ele e ‘MVBill’ ainda estavam ‘de pé’³¹ e que todos os outros tinham ‘caído’³².

2 - O Espaço ‘Espiado’ dos Adolescentes Usuários de Crack como uma Proposta de Operacionalização da Ideia de Espacialidade

Quando nos debruçamos ao mundo e tentamos o entender a partir de fragmentos, temos alguns problemas e Iná Elias de Castro (1992) fala de dois deles: epistemológico e operacional/metodológico. Epistemológico porque existe uma contradição filosófica, o fenômeno define a escala de análise ao passo que a própria escala conforma nosso olhar para o fenômeno. Dessa contradição resulta os dois próximos, operacional e metodológico, porque a escolha do recorte empírico da pesquisa está relacionada ao que se pretende entender da realidade, dependendo da escala de análise certos elementos podem não ser visíveis, ocorre uma incompatibilidade entre fenômeno analisado e recorte usado.

Conforme nos lembra Rose (1997), o conhecimento, seja qual for, é sempre posicionado e situado e depende das pessoas que o produzem. A autora alerta para o que seria cair em uma suposta neutralidade dos pressupostos científicos para com os fenômenos. No campo da Geografia Feminista, a Rose (1997) debate estes temas utilizando de metodologias reflexivas, no sentido de assumir uma postura crítica e não cair na neutralidade. Rose (1997) alerta para a interpretação que o pesquisador faz dos dados que recorta da realidade, que o sujeito pesquisador faz do sujeito pesquisado. Essa parte do texto é um mapa ainda por terminar, é uma apreensão da realidade. A partir da corporalidade do uso de crack absorvida do contato entre pesquisador e sujeito pesquisado na construção dessa pesquisa, tivemos a possibilidade de iniciar essa reflexão não linear e definitivamente aberta, no sentido de operacionalizar a ideia de espacialidade.

³⁰ Vila onde se mora.

³¹ Que ainda não tinham recaído no uso de crack e outras drogas.

³² Usado crack novamente.

O debate sobre a política da espacialidade surge com Dorren Massey (2008) em *'Pelo Espaço'*. Nesse livro a autora parte de um incômodo vindo da conceitualização do espaço e propõe pensá-lo de uma forma diferente, fazendo alguns questionamentos iniciais:

- No modo como a história de descoberta dos continentes é contada, está enraizada a ideia de conquista do espaço. Espaço enquanto uma extensão pela qual podemos viajar descobrir e talvez, conquistar. Isso, claro, remete a certas implicações e a primeira é que estamos falando de uma superfície que se estende de forma contínua. Essa forma de conceber o espaço nos leva a pensar que existe uma superfície a priori que recebe os fenômenos sociais 'sobre' ela, portanto, as pessoas, os grupos e os lugares são silenciados por essa estrutura e que não é um movimento inocente, porque a história é contada por outros e não por aqueles que estavam do lado de lá; o 'objeto' fica sem sua versão da história. O alerta de Massey é principalmente para que não pensemos o espaço apenas como superfície, mas sim como meio.
- Uma história sobre a inevitabilidade da globalização é contada por Estados, intelectuais e grandes corporações; mas essa história é aquela forma específica (capitalista neoliberal) de globalização, onde se combina a possibilidade (desigual) de livre movimento do capital financeiro com o controle do trabalho. Mas de qualquer forma, esse fenômeno é contado como inevitável. Os diferentes países fora do grupo dos vinte mais ricos são considerados como atrasados, em desenvolvimento, ou ainda, emergentes, tal qual nossa 'Pátria Amada Brasil'. Mas que por acaso, podem seguir o caminho aberto pelo Ocidente e um dia chegar lá, quem sabe. Contudo, a globalização não é uma força da natureza (como a gravidade, força a que estamos irremediavelmente condenados) e sim um grande projeto, onde existem alternativas diferentes a essa perspectiva de mundo fadado a dominação. Isso nos faz crer que essa meta-narrativa é a única, que ainda existem países inteiros no chamado terceiro mundo, subdesenvolvidos, querem que acreditemos que somos diferentes, numa perspectiva de inferioridade, atrasados e assim, nossas trajetórias, histórias e costumes próprios são reduzidos a mera defesa frente a força dominante. Essa perspectiva meta-narrativa castra as multiplicidades do espaço, as

“heterogeneidades contemporâneas do espaço. Reduz coexistências simultâneas” (MASSEY, 2008, p. 24). Assim, Massey (2008) propõe ampliarmos nossa imaginação, de uma única narrativa, para a multiplicidade de trajetórias existentes, pois isso pode nos levar para novas conceituações de tempo e espaço.

- Num mundo cada vez mais globalizado, conectado, o lugar (local) ganha novos valores simbólicos associados a esfera política da vida cotidiana, constituindo uma espécie de refúgio contra as forças dominadoras da globalização, que de uma forma ou outra, cedo ou tarde, vão quebrar as muralhas do lugar e invadi-lo. Comumente, lugar têm sido conceitualizado de forma diferente de espaço, sendo cada um uma coisa. Massey (2008) questiona essas dualidades e aponta para o exercício de não fazer a distinção entre lugar (sentido, vivido e cotidiano) e espaço (localização).

Imaginar o espaço como uma superfície onde as coisas acontecem e são localizáveis; pensar a história contada pelos outros como sendo a oficial e; separar lugar de espaço é para Massey (2008), formas de castrar o desafio colocado pela espacialidade (que muitas vezes não é pensada), porque são práticas; são negociações cotidianas e globais; são nas palavras de Massey (2008) “engajamentos implícitos de espaço” (MASSEY, 2008, p.26) que podem chegar a entendimentos de mundo numa escala mais ampla, são enfim, espacialidades. As trajetórias que podem parar, enquanto outras continuam, numa multiplicidade coexistente, confluem em temporalidades diferentes, nem melhores nem piores, nem abaixo nem acima. Massey (2008) considera as perspectivas acima como imagens fracassadas de espaço, intencionais ou não no sentido de que fogem aos desafios do espaço, porque não abordam as multiplicidades e as temporalidades que naquele momento confluem. Essa pesquisa, mais especificamente este capítulo, imagina o espaço a partir dessas perspectivas alternativas, constrói uma imagem do espaço alternativa, aquela dos usuários de crack, o ‘espaço espiado’, numa perspectiva de prática espacial.

O comportamento ‘espiado’ já foi explicado no capítulo anterior. Aqui, utilizamos essa analogia para construir uma imagem de mundo elaborada pelos adolescentes usuários de crack no momento da entrevista. Essa elaboração é utilizada porque em muitos momentos, durante a entrevista, surgiram falas no

sentido de apontar que a vivência dos meninos é sempre em um estado de alerta, é uma 'cabreragem'³³ como apontado por 'Palhaço'. O mundo 'espiado' é uma multiplicidade coexistente de fenômenos que possuem temporalidades diferentes, mas que a partir de determinados agenciamentos confluem de forma simultânea.

O auge dessa simultaneidade é o uso de crack, pois se cruzam nesse momento. De um lado, a vontade de ter um momento de prazer, a transgressão da normalidade, ganho de respeito perante os grupos aos quais fazem parte. Por outro, coexistindo o medo de ser pego pelo olhar atento da normalidade (aparelhos de Estado), com a vontade de usar novamente iniciada pela dependência. Mas para usar novamente, precisa de dinheiro e que para obtê-lo vai fazer o que for necessário. Já em outro plano temporal, agindo, estão o tráfico de drogas (que se estabelece nas periferias das cidades) e os programas governamentais de combate ao uso (numa estratégia de higienização dos espaços urbanos obsoletos). São os corpos que sentem os efeitos do crack, é o corpo que transgride a norma e precisa ser disciplinado para retornar a sociedade de controle. Mas o corpo não é algo exterior e sem vida, nos fazem pensar isso, mas é justamente pelo corpo a ser controlado que a subversão é possível, porque são performances, como vimos na seção anterior.

Para Butler (2000), a *performatividade*, não é em si um ato programado, mas existe em função da replicação da normalidade, não se trata de uma teatralização, mas na medida em que a *performatividade* é prática (no presente) ela pode mentir sobre as condições em que foi replicada, podendo assim, subverter a normalidade. Para essa autora,

sua aparente teatralidade é produzida na medida em que sua historicidade permanece dissimulada (e, inversamente, sua teatralidade ganha certa inevitabilidade, dada a impossibilidade de uma plena revelação de sua historicidade) (BUTLER, 2000, p.121).

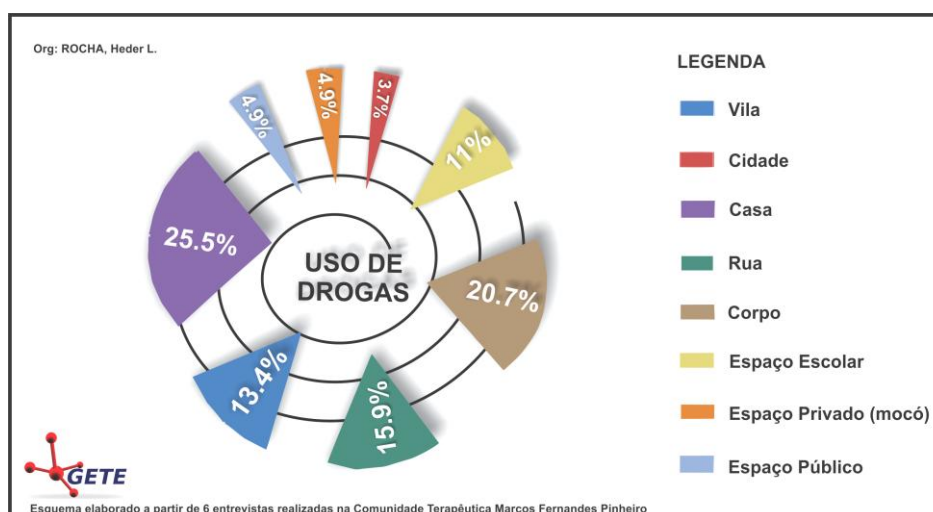
Entretanto, isso não ocorre a partir de uma consciência de... Ou um poder de... Mas sim como consequência, mais ou menos consciente, porque é um encadeamento de situações que levam a determinado acontecimento, onde é exigido um agenciamento possível naquelas condições. Assim, usar crack pode ser necessário ou desnecessário, entrar para o tráfico de drogas pode parecer a melhor opção no leque de possibilidades daquele momento.

³³ Sensação de perseguição, medo de ser descoberto pelos outros, seja, policiais, família, colegas.

No sentido de construir um mapa não definitivo e aberto, onde alguns agenciamentos podem ser visualizados, uma teia de relações é organizada a partir de alguns fenômenos que coexistem em temporalidades diferentes e que positivamente influi na vivência desses meninos. Um esquema geral foi elaborado a partir das entrevistas com os meninos, onde a violência, o uso de drogas, o roubo, a morte, o tráfico de drogas, a recaída e as relações de poder são espacialidades que constituem uma elaboração de mundo alternativa, diferente das que vem sendo replicadas pela Geografia brasileira, conforme visto no primeiro capítulo. Esta seção traz, para o discurso científico, as espacialidades instituídas pelo uso de crack e o mundo 'espiado' dos adolescentes usuários de crack do sexo masculino.

A multiplicidade das experiências dos adolescentes usuários de crack que vivenciam os 'espaços espiados', levou à necessidade da organização de elementos que superasse a ideia de escala espacial hierarquizada, mas que possibilitasse um esquema múltiplo e plurilocacional do grupo. A estrutura discursiva construída a partir da entrevista trouxe algumas categorias importantes como uso de drogas, relações de poder, tráfico de drogas, morte, roubo, violência e recaída. Cada uma das categorias discursivas está calcada em determinadas espacialidades, conforme pode ser visualizado na sequência de figuras 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10. Cada categoria está relacionada a espaços que são mais ou menos significativos na vivência dos adolescentes, assim, por exemplo, na categoria 'uso de drogas' a casa aparece como significativa, enquanto na categoria 'tráfico de drogas' a vila ganha importância e assim por diante. A figura abaixo explora a vinculação do 'uso de drogas' e suas espacialidades.

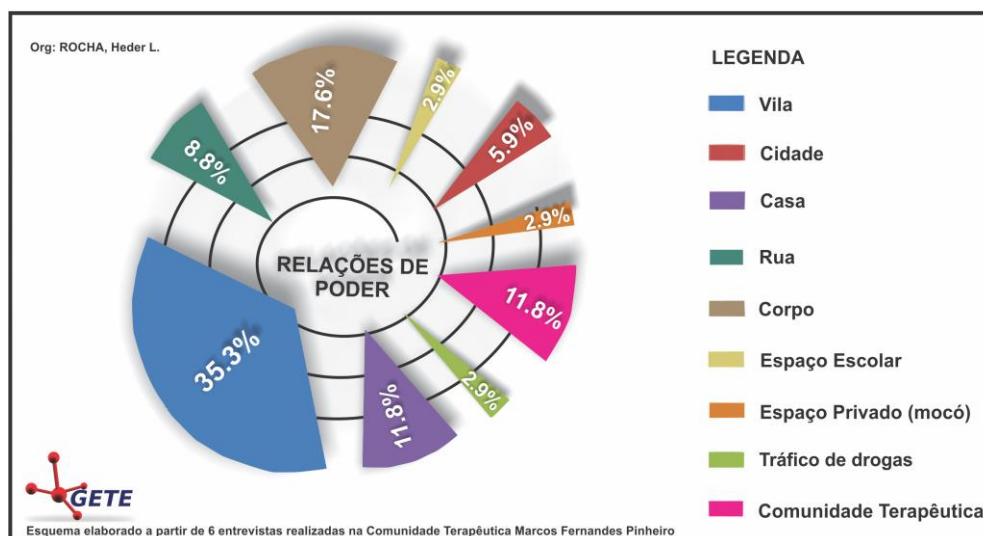
Figura 4 – Espacialidades do uso de crack



O uso de drogas é pulverizado em muitos espaços. Na casa e no corpo, na rua e na vila, na escola e nos mocós, no espaço público e na cidade, as drogas estão em toda parte e mesmo assim, seu uso é considerado como desvio, patologizado pelo exame, observado pela normalidade e adestrado por instituições disciplinares, nas palavras de Foucault (1996), enfim, ele é controlado. Na instituição da família (na casa – espaço privado), ocorrem coisas obscuras, pois este espaço é lembrado em todas as categorias de evocações, é cortado por todos os fenômenos do mapa. Na casa a multiplicidade é exercida, pois o tráfico de drogas, a morte, os roubos, a recaída, a violência e as relações de poder coexistem simultaneamente com os laços familiares, laços que podem ser dar de maneiras muito diferentes como visto no capítulo anterior.

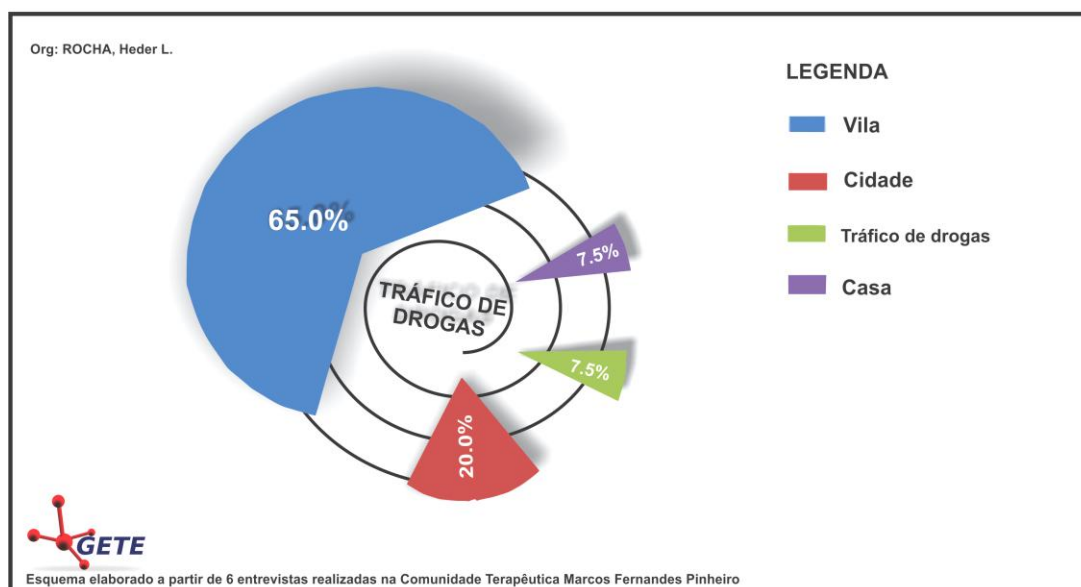
A casa é o espaço mais lembrado em relação ao uso de drogas (25,6%), mas o corpo surge também de forma central, com 20,7% das evocações. O espaço escolar (11%) e os 'mocós' (4,9%) aparecem nas evocações associados as relações de poder, o que não ocorre por acaso, uma vez que as instituições, como a casa e a escola, são cortadas por tencionamentos quando exercem a disciplina. Já os 'mocós' são os espaços de uso do crack e outras drogas, é o próprio espaço desviante que serve a outros interesses, um mocó pode ser um terreno baldio, uma casa qualquer, pode ser uma rua, uma esquina, uma moita. As relações de poder atravessam muitos espaços, assim como o uso de drogas, porque como vimos anteriormente, o poder é um feixe de relações que pode ser exercido em qualquer direção, em qualquer espaço. Abaixo podemos ver a que espaços os tensionamentos de poder estão relacionados.

Figura 5 – Espacialidades e relações de poder



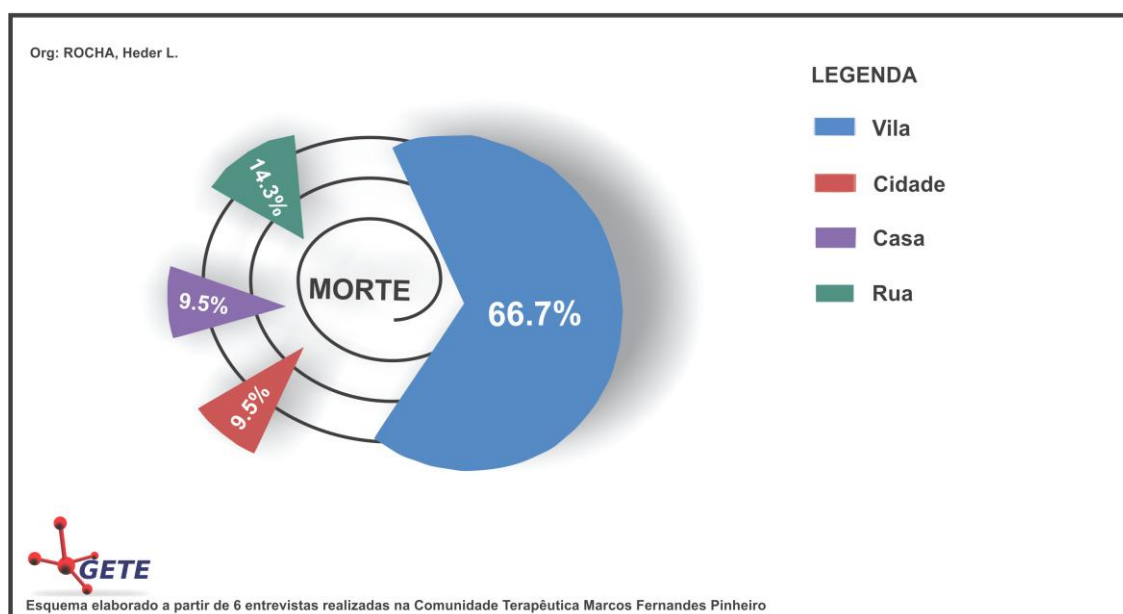
Os espaços do corpo (17,6%), da escola (2,9%) e dos ‘mocós’ (2,9%) surgem, somente, associados às relações de poder e ao uso de drogas. O que é central nas relações de poder é que elas são estabelecidas na vila, com 35,3% das evocações. Algumas instituições associadas às relações de poder, como a Comunidade Terapêutica (11,8%) e a casa aparecem com a mesma porcentagem. As razões para isso ocorrer, foram amplamente trabalhadas na seção anterior, onde os espaços da rua e da cidade surgem também cortados por relações de poder. Contudo, quando mapeamos as relações de poder, o próprio tráfico de drogas surge como um espaço. Essa questão já foi problematizada anteriormente, mas aqui é interessante perceber que o tráfico de drogas aparece apenas em dois momentos, o primeiro relacionado às relações de poder (2,9%), já o segundo momento surge quando o tráfico de drogas é entendido enquanto um espaço associado ao um fenômeno maior. Isso ocorre porque o tráfico de drogas não segue uma lógica arbórea de duplicação, ele se estabelece de forma rizomática, quase que subterraneamente aos olhos dos aparelhos de Estado. Ele possui pontos, mas é uma grande rede de temporalidades não mapeáveis e confluentes. O local onde é vendido o crack (‘boca’) recebe a droga de outro lugar e essa distribuição é realizada a partir de um esquema de logística complexa que atende a uma temporalidade, já o uso e a venda direta de crack pelos adolescentes acontecem em outro tempo. Acontecem no tempo entre uma pedra e outra, entre a vontade de fumar e os agenciamentos realizados para que essa vontade seja satisfeita. O tráfico de drogas também é a multiplicidade. Abaixo podemos visualizar os espaços relacionados a esse fenômeno.

Figura 6 – Espacialidades do tráfico de drogas



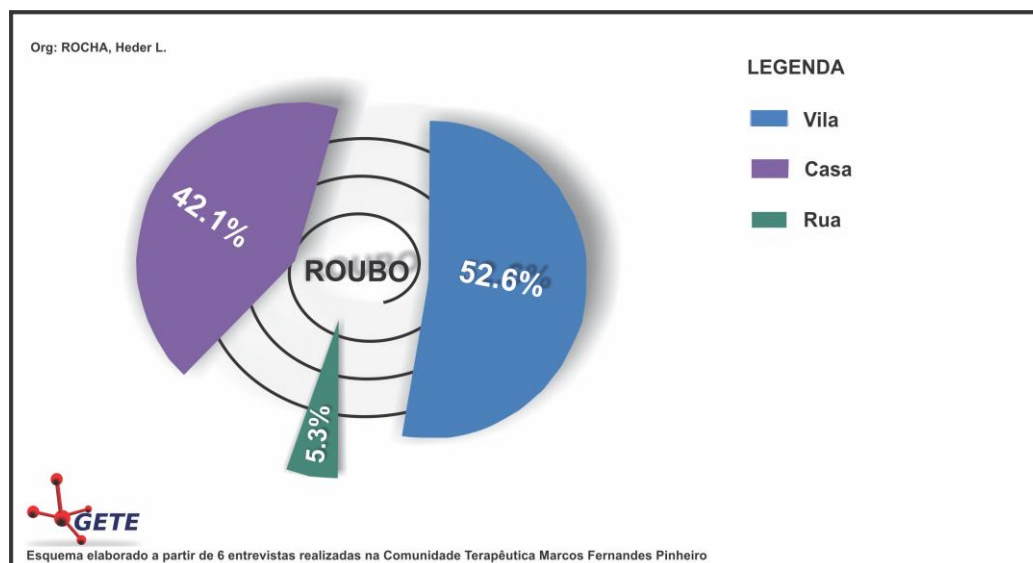
O tráfico de drogas se estabelece principalmente na vila, mas está presente na cidade como um todo e nas casas. A vila já foi alvo de reflexões no capítulo anterior, mas a multiplicidade deste espaço é inesgotável, porque é lá que as coisas acontecem, é nela onde estão os amigos, ela própria é a 'quebrada' de cada dia. Não existe possibilidade de ir para o centro da cidade sem passar pela vila, por outro lado, não podemos retornar para a casa sem antes entrar na vila. Nela todos são anônimos, pois saem dos espaços privados para o que não é um espaço público, porque todos, de uma forma ou de outra, conhecem os moradores. A vila é o meio, é o próprio rizoma de Deleuze e Guattari (1995), é aberta, pode sofrer modificações, mas será sempre a vila nossa de cada dia, aquilo que existe entre. Ela, portanto, começa a surgir como algo importante nas espacialidades, porque quando adicionamos a morte em nosso mapa, eis que a vila surge novamente como o espaço mais associado. Morte enquanto fenômeno, risco e prática. Em relação à ausência de vida, ou presença - de um corpo morto. Abaixo podemos ver que a morte surge relacionada à vila, principalmente.

Figura 7 – Espacialidades da morte



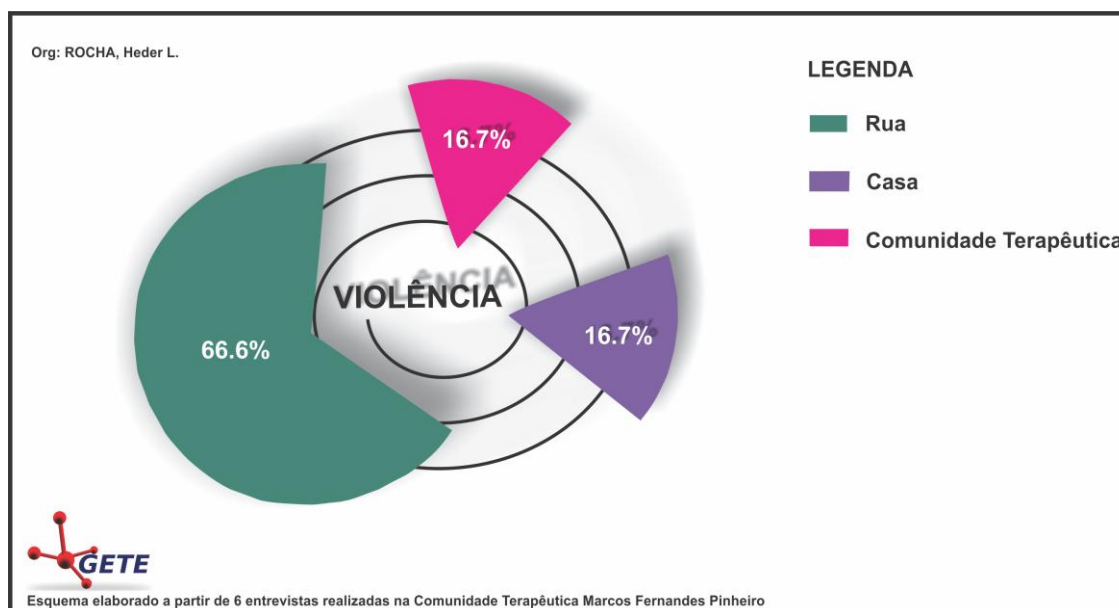
A morte surge também associada à rua, a casa e a cidade, essa ultima a partir de agora não será mais lembrada, surge apenas nas espacialidades já trabalhadas. Em contrapartida, a rua só não está presente de forma direta (pelas evocações) em relação ao tráfico de drogas, mas se entendermos que a vila é composta por ruas e casas, a rua é também um espaço bastante importante nas espacialidades. A morte ou a estruturação do risco de morte é bastante importante em relação ao que se espera do futuro. Como vimos anteriormente, se esperam muitas coisas do futuro e essa virtualidade está relacionada com a expectativa de se viver, por isso, essa pesquisa caminha de forma integrada com outro trabalho, já mencionado em nota de rodapé. Se a casa é pouco lembrada em relação à morte, para outros acontecimentos ela é fundamental, é onde, por exemplo, a maioria dos roubos acontece seguindo duas linhas principais de evocações: a casa dos pais e a casa dos outros, aquelas d'vila. Abaixo podemos ver os espaços onde o roubo pode ser praticado.

Figura 8 – Espacialidades do roubo



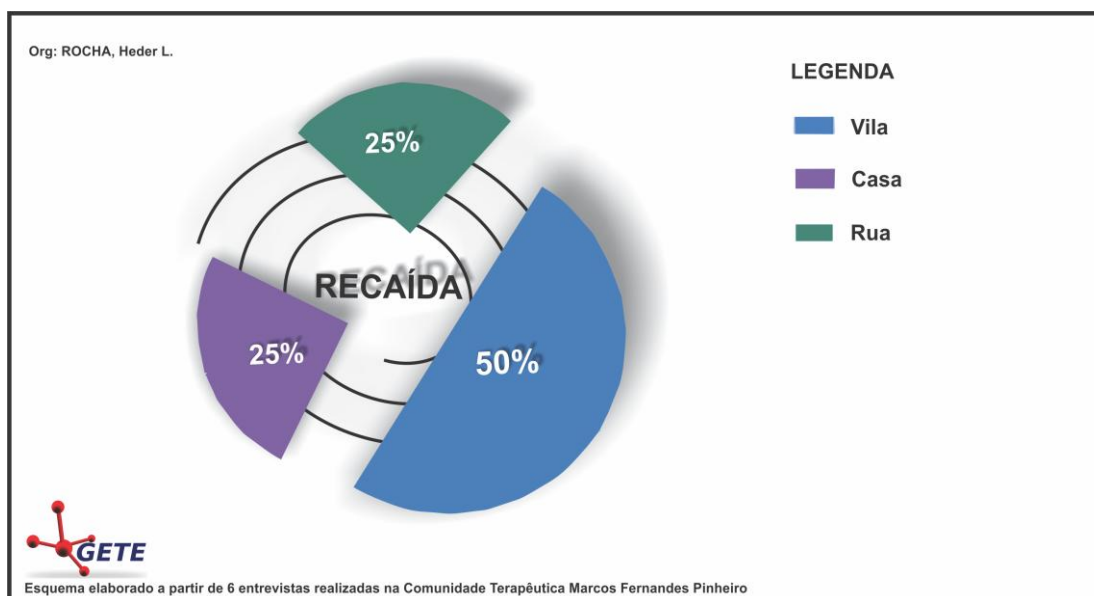
Se a prática do roubo pouco acontece na rua, o uso da violência é ativado principalmente nesse espaço (Figura 9). Na verdade, na rua, a grande maioria das evocações está relacionada à violência (66,7%), mas quando visualizamos esse quadro não podemos pensar que os meninos são violentos, pelo contrário. Quando observamos como essa porcentagem é criada, fica claro que o uso de violência é um agenciamento pouco utilizado como prática, porque na maioria das evocações que compõe a categoria violência, ela é sofrida (66,7%), principalmente a partir de policiais. A violência também compõe o cotidiano em 22,2%, mas aqui está relacionada aos outros. Por fim, em apenas 11,1% das evocações, a violência é praticada, principalmente como agenciamento no tráfico de drogas quando na cobrança de dívidas, no que é conhecido como um ato de ‘acelerar’ a pessoa com dívidas e está relacionada principalmente a morte – enquanto prática. Abaixo é possível observar como a violência surge nas entrevistas.

Figura 9 – Espacialidades da violência



A comunidade terapêutica surge relacionada apenas à violência e às relações de poder. Na instituição o uso da violência ocorre em relação aos outros internos como uma forma de imposição de respeito, mas também, para com os educadores, como visto anteriormente. Se na rua é onde a violência ocorre em maior porcentagem, principalmente como prática de policiais, obviamente que a vila não será evocada, pois a rua está na vila. É na vila onde, inclusive, alguém pode tanto nos defender em conflitos quanto nos inserir no tráfico de drogas, é onde a recaída ao uso de drogas pode ser facilitada por amigos, colegas e conhecidos. Assim, o mapa ganha uma forma onde a centralidade tende não para um fenômeno, mas sim para uma escala do cotidiano, para um espaço que é feito de espaços. É uma centralidade sugerida, é onde a multiplicidade coexiste. Na vila é onde começa o uso de drogas e é onde o desvio tem seu pontapé inicial, justamente porque são áreas onde os aparelhos de Estado não conseguem manter uma vigilância total. Nas periferias urbanas, a normalidade é desviada durante o primeiro uso de crack e contraditoriamente para onde os corpos disciplinados e dóceis, corrigidos após o tratamento, são devolvidos.

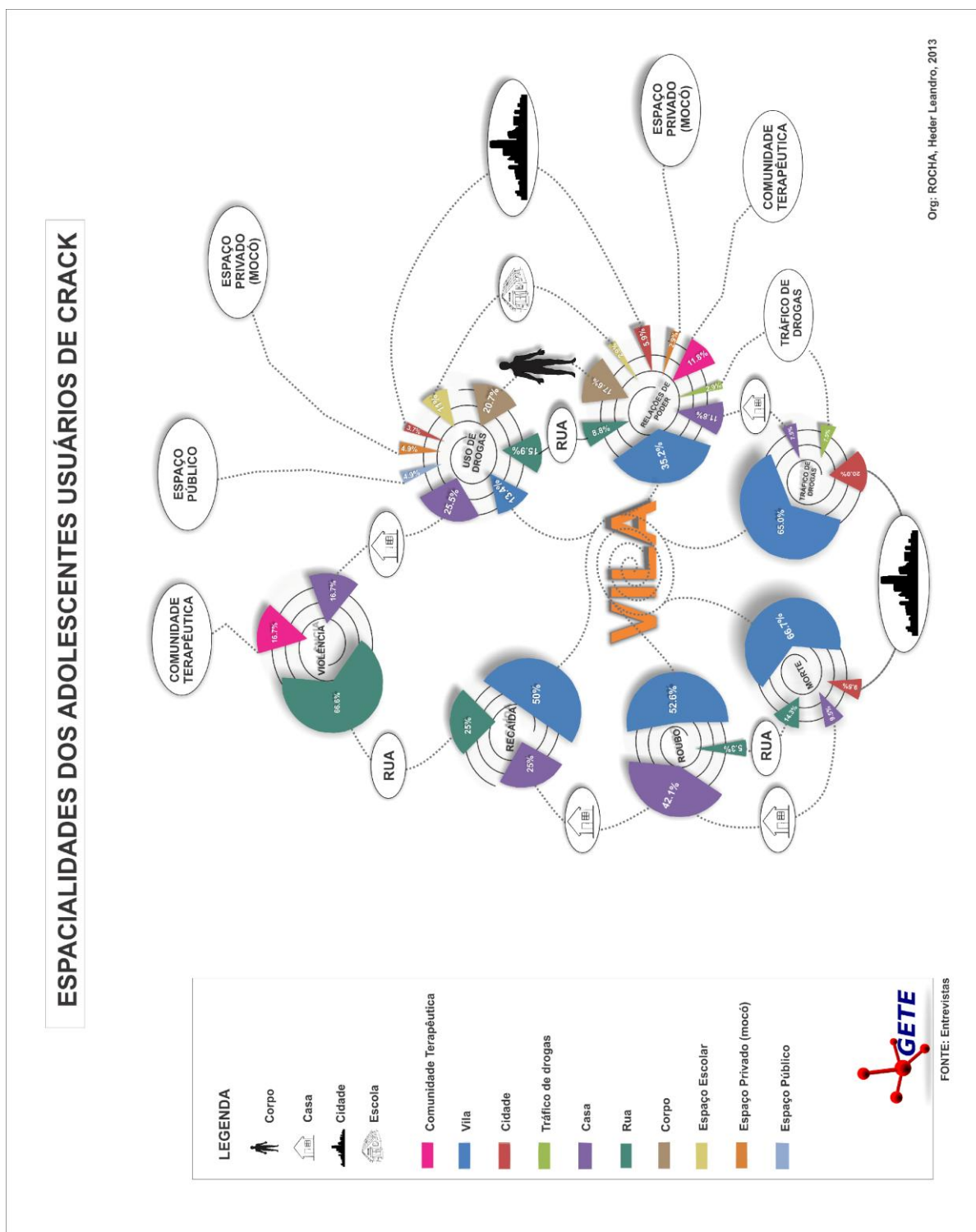
Figura 10 – Espacialidades da recaída



A engrenagem do uso de crack começou a trabalhar nove meses antes. Ocasionalmente, quando surgir a oportunidade de uso após o tratamento, estes corpos teoricamente reajustados provavelmente vão desviar a normalidade novamente, porque tendem a isso, porque não podem ser 'consertados'. Somos justamente a partir de experiências, de espacialidades, mesmo que elas mudem sua configuração vão permanecer virtualmente, até porque as drogas estão em todos os cantos de nossa sociedade, mascaradas como lícitas e ilícitas, é quase que uma disputa, um esforço cotidiano de resistência, para aqueles que um dia foram considerados como viciados.

Aqui, a abordagem deixa de ser no sujeito ou no objeto, passa a ser na multiplicidade, o sujeito deixa de existir de forma una - material ou subjetiva, porque está em meio a uma confluência de fenômenos que se constroem em temporalidades diferentes. Esse mundo agora ganha vida própria, não é mais apenas o sujeito, mas sim o mundo que ele criou durante a entrevista, o mundo 'espiado'.

Figura 11 – Mapa das espacialidades vivenciadas pelos adolescentes



A fluidez e o trânsito espacial representado foram inspirados na ideia de 'rizoma', porque não há uma hierarquia determinista entre as espacialidades, mas sim uma interdependência que se faz continuamente a partir das experiências

relatadas pelos adolescentes. As figuras que detalham as categorias discursivas e a sua relação com o espaço acabam por constituir uma síntese das espacialidades dos usuários de crack, aqui chamado de mapa (Figura 11).

O mapa das espacialidades vivenciadas pelos adolescentes do sexo masculino usuários de crack, possui uma centralidade espacial discursiva que é a vila. A vila condensa boa parte das vivências e compõe as categorias que foram evocadas em seu discurso, entretanto, este mapa deve ser visualizado de forma processual, relacional e interdependente. Cada categoria evocada traz uma experiência vivenciada pelos adolescentes e estão simultaneamente em todas as escalas. Uma escala se destaca no fenômeno especificamente relatado: a vila.

Este capítulo foi dividido em dois momentos distintos entre si, diferentes pelo objetivo a que foram pensados para responder e diferentes em termos de linguagem e de escrita que na segunda parte foi acelerada, elaborada a partir de um desencadeamento que apontou para uma centralidade, uma confluência. Apontou para algo que possibilita o relacionamento de todas as partes vistas acima, cada uma delas interligada compondo um mundo, uma complexidade. São brotos que crescem em meio a uma estrutura de ruas, casas e pessoas. Um mundo 'espiado', 'cabreiro', onde é necessária 'acelerar' a concepção de espaço para entender o mundo desses sujeitos, dos adolescentes usuários de crack. Além disso, este capítulo construiu outras imagens de forma que não conta uma história, mas sim, apresenta um mundo que é identificado como ilícito, é aquele dos meninos usuários de crack que estão sendo tratados, limpos e purificados na Comunidade Terapêutica, por serem corpos desviantes. Esse mundo é impossível de ser apreendido em sua totalidade, mas pode ser mapeado, justamente porque é um mundo aberto a diversas possibilidades, é um mundo construído pelos meninos que tive o prazer de conhecer.

Este capítulo evidenciou que os adolescentes usuários de crack são disciplinados em instituições cujo método religioso-moral é baseado em elementos que antes não faziam parte de suas vivências. Estes elementos são coisas novas associadas a uma espécie de cura, sendo a própria correção. A partir dos corpos tratados, corrigidos e limpos do uso de drogas, dá-se a possibilidade de retorno a sociedade, como uma conquista possibilitada pela instituição, onde daqui para frente serão controlados e vigiados para que não retornem ao uso, o que comumente pode

ocorrer, pois como visto, a lembrança do crack estará sempre presente em suas memórias, como um agenciamento virtual.

As possibilidades de retorno a vida social são marcadas por preocupações com a recaída, principalmente em determinados espaços que irremediavelmente terão que vivenciar. O crack estando presente em todos estes espaços se transforma em algo a ser evitado, mas essa opção gera certos constrangimentos e pressões vinda dos outros, como amigos, por exemplo. As espacialidades são vivenciadas pelos sujeitos dessa pesquisa, em uma multiplicidade de escalas espaciais e temporais que aqui foi chamada de 'espiada', pois o comportamento relacionado ao uso do crack é assim chamado pelos meninos, associado à sensação de perseguição/fuga e ao mesmo tempo prazer/insegurança. O espaço 'espiado' então, é um constante acontecimento, é uma confluência de espacialidades que se estabelecem em temporalidades diferenciadas.

O uso e o tráfico de drogas, a morte e a violência, os roubos, o jogo de relações de poder e a recaída são práticas que se estabelecem espacialmente. Cada sujeito configura essas práticas espaciais de uma forma, agenciando certos elementos mais incisivamente que outros, contudo, todos eles coexistem em tempos diferentes, o roubo e tráfico de drogas, por exemplo, se estabelecem em temporalidades distintas, o roubo é momentâneo já o tráfico obedece a outra lógica. Mas de qualquer forma, todas coexistem na vila, na casa, na rua, no corpo, enfim, em todas as escalas espaciais vivenciadas pelos adolescentes homens usuários de crack.

CONCLUSÃO

O trabalho científico é uma prática que se exerce por formalidades. Toda estrutura dessa dissertação segue uma formalidade: introdução, desenvolvimento, conclusão. É somente a partir das exigências acadêmicas que essas considerações finais são feitas, considerações que reafirmam de maneira sintética o que foi dito durante o trabalho. Ao término das considerações são colocadas algumas possibilidades de pesquisa que surgiram no desenrolar deste trabalho que durante sua trajetória evidenciou a correlação entre o uso de crack por adolescentes do sexo masculino e as espacialidades vivenciadas e possíveis somente a partir do uso de crack, associado ao tráfico de drogas.

O processo investigativo é dividido em momentos e revelou que ao contrário das representações homogeneizantes que figuram os adolescentes como vítimas do tráfico de drogas, ou mais especificamente vítimas do crack, estes sujeitos se mostraram ativos, no sentido de buscar o uso do crack como uma possibilidade de transgredir a norma, procurando a ilegalidade, pois usar crack em algumas situações se mostra interessante. Ou ainda, entrar para o tráfico de drogas pode ser uma oportunidade de ganhar dinheiro, uma opção de sustento econômico. Contudo, ao fazer essa escolha as pessoas passam a ser considerados pela sociedade como desviantes e nessa perspectiva precisam ser corrigidos, limpos, tratados pelos aparelhos de Estado.

Para construir um panorama de como o tema do uso do crack tem se colocado como um desafio científico foi realizado um levantamento no banco de teses e dissertações da CAPES entre os anos de 1987 a 2010. A busca foi realizada com as seguintes palavras-chave: crack, cracolândia, dependência química e tráfico de drogas. A partir dessas categorias, foram computadas teses e dissertações que tinham como tema central as categorias eleitas. Foi detectado que essa temática é uma lacuna científica a ser preenchida em todas as áreas de conhecimento. Na Geografia, contudo, tal lacuna se apresenta com um tamanho maior, já que o tema não fez parte do foco de interesse neste campo científico. De maneira geral, surgem duas tendências verificadas pelos dados levantados sobre a produção científica em torno dos assuntos procurados: as áreas de maior intensidade de pesquisas estão vinculadas aos aspectos da psicologia, o que traz uma forte carga de análise voltada ao sujeito em seu caráter individual. A outra é a ausência dos temas 'tráfico de

drogas', 'dependência química', 'crack' e 'cracolândia' na área da geografia, mais especificamente o 'crack'. Essa ausência está pautada na pequena tradição discursiva geográfica no trato dos sujeitos e seu cotidiano, assim, a presente pesquisa é um rompimento com o silêncio a fim de construir um diálogo necessário e urgente na sociedade brasileira e no discurso geográfico.

A realização deste trabalho só foi possível a partir das entrevistas que foram realizadas na própria instituição, possível graças a uma parceria entre o GETE e a organização então responsável pela gestão da Comunidade Terapêutica, sendo que somente após seis meses de aproximação com o grupo é que as entrevistas foram realizadas. O momento da entrevista foi único, emocionante e alguns meninos ao lembrar de histórias do cotidiano não conseguiram segurar as lágrimas. Na entrevista os adolescentes criam uma representação de mundo, uma expressão da relação entre sujeito e mundo, ou melhor, tal qual defende Bergson (1997), essas representações são 'o' mundo criado e não apenas representações 'de' mundo. Pois o que garante a criação desse mundo é a referência dos acontecimentos, é a ancoragem com o espaço. Por isso elas podem ser reformuladas infinitamente.

As entrevistas foram estruturadas em categorias discursivas, onde cada evocação ou fala foi organizada - primeiramente - a partir do espaço onde estavam ancoradas (quando havia uma ligação direta ou indireta a determinado espaço/espacialidade). As principais referências espaciais foram: vila, casa, rua, cidade, tráfico de drogas, espaço escolar, espaços privados (mocós), Comunidade Terapêutica e Igreja. O tráfico de drogas se refere à rede do tráfico de drogas que se estabelece em escala regional de atuação, envolvendo cidades e Estados. Do total de evocações 33% foram consideradas como sem vínculo espacial direto, porque tratavam de valores, ideais, vontades em relação ao futuro, entre outras coisas, mas de forma direta não citavam espaços. De qualquer forma elas foram utilizadas no terceiro capítulo onde foi problematizada a construção de mundo pós-tratamento que os adolescentes elaboraram.

A pesquisa evidencia que o crack faz parte do cotidiano de muitos adolescentes moradores de áreas periféricas na cidade de Ponta Grossa, uma cena que se repete nas periferias de muitas cidades brasileiras. O uso de drogas por jovens tem sido associado ao aumento da criminalidade urbana, mas essa pesquisa aponta para outra situação: a violência não está associada diretamente ao uso de crack, mas sim como um agenciamento necessário na lógica do tráfico de drogas,

em cobranças de dívidas ou relacionada a obtenção de dinheiro para a compra de drogas, não necessariamente em uma linearidade violência-uso-tráfico. A violência não é praticada somente pelos meninos no tráfico de drogas, mas também pela polícia. Então se associarmos a violência urbana ao uso ou tráfico de drogas, podemos associá-la a polícia: cidades onde o policiamento é mais ostensivo a violência urbana associada a adolescentes será maior. Não! A violência surge de forma fluída e relacionada a elementos identitários, é praticada para obtenção de respeito junto a outros grupos da cidade, na lealdade e na afirmação da masculinidade, como uma performance. A honra para os adolescentes se estrutura a partir da lealdade para com o tráfico, logicamente quem resiste às práticas exercidas pelos policiais é considerado alguém de respeito.

Contudo, nessas práticas os adolescentes podem ser enquadrados em atos infracionais, cuja punição é em relação ao ato e não a sua motivação. Os atos infracionais cometidos por crianças e adolescentes devem receber uma sanção social chamada de 'medida socioeducativa' que visa reeducar a criança para o convívio em sociedade, porque conforme argumenta Silva (2007) as pessoas consideradas crianças e adolescentes pelo ECA são consideradas 'penalmente inimputáveis', mas devem ser responsabilizadas pelos atos cometidos, conforme sua faixa etária. O ECA, no Brasil é um marco na transformação da antiga concepção da criança e do adolescente como ser tutelado pelo adulto para a concepção de que tais sujeitos são detentores de direitos e estabelece faixas etárias para determinação dos sujeitos desse grupo social. São consideradas crianças, pessoas com idade menor de 12 anos e adolescentes, pessoas maiores de 12 e menores de 18 anos, este último recorte é o utilizado nessa pesquisa, que evidencia a dificuldade em relação a estabelecer essas classificações etárias. Porque, tal qual Hopkins (2007), a idade aqui é uma construção social que varia de acordo com períodos históricos, ou mesmo em diferentes espacialidades. Os sujeitos dessa pesquisa tencionam essas classificações com suas vivências e a idade passa a ser um importante elemento identitário no jogo das relações de poder existentes nas espacialidades vivenciadas. Onde os meninos transitam na margem e no centro das relações de poder, assim como visto em Rose (1993).

Mas não é apenas a idade que estrutura as espacialidades dos adolescentes do sexo masculino usuários de crack. Idade, sexualidade e corporalidade são defendidas diariamente e se 'cruzam' nos sujeitos em intersecções (Valentine, 2007)

distintas. Ora ser homem é importante, mas ser um adolescente homem ou um menino é negativo. Por terem uma idade menor os adolescentes são colocados a margem no esquema do tráfico de drogas, mas quando novos elementos surgem (dinheiro, por exemplo) essa posição muda e eles passam a ocupar o centro. Usar drogas ou estar no tráfico de drogas é sinônimo de respeito e em outro momento é antônimo de respeito.

O próprio corpo nesse contexto ganha outra interpretação, passa a ser prática (McDowel, 1999) relacionada ao uso de crack, uma corporalidade ‘cabreira’, ‘espiada’ como os próprios meninos definem. Ser homem - ou mulher, ou simplesmente ser, tal como Butler (2000) considera é uma prática, a prática de reiterar, de fazer, é *performance*. O gênero passa a ser entendido como performático e essa concepção foi adotada neste trabalho. Porque como visto as práticas violentas surgem como performances no sentido de obter respeito de outros grupos e no próprio grupo. Ser homem é não entregar os colegas aos policiais, ou a outros grupos rivais, está relacionado à honra. Já um homem ‘jaguára’ é associado a um estuprador, aquele em que não se pode confiar de nenhuma maneira e quem é amigo de ‘jaguará’, ‘jaguára’ o é. A ideia de masculinidade é entendida aqui como um elemento importante que compõe a vivência dos adolescentes em suas relações com o espaço, em suas espacialidades.

Ao usar crack os meninos são considerados como viciados, desviantes da norma perante aos aparelhos de Estado. São enviados a instituições de tratamento onde são disciplinados/corrigidos/limpos. Essas instituições são consideradas por Goffman (1961) como ‘instituições totais’ cujas características são diferenciadas da vida social, já para Foucault (1996) essas instituições são disciplinares e sua lógica foi replicada por toda a sociedade: em escolas, hospitais, famílias. Para os sujeitos dessa pesquisa a ‘Casa’ (espaço familiar – privado) é relacionada a diversas categorias, mas a principal é o uso de drogas, além do uso surgem categorias como violência, tráfico de drogas, roubo e a própria recaída ao uso de drogas surge associada a casa. Como foi evidenciado durante a pesquisa, a composição da instituição ‘Família’ ganha estruturas diferenciadas para os meninos usuários de crack, não seguindo o padrão de Pai, Mãe e irmãos, pois na maioria das vezes a figura do pai ou da mãe estavam ausentes. Contudo, a instituição busca reconstituir aquela ideia hegemônica de ‘Família’ a partir do tratamento, tal qual observado em Ornat (2008) quando trabalhou com a instituição do território de prostituição travesti

em Ponta Grossa – PR.

A Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiros (para crianças e adolescentes do sexo masculino) é a única instituição pública que recebe os meninos na cidade de Ponta Grossa para tratamento, é gerenciada na forma de uma parceria público-privada por uma ONG de cunho religioso, que durante a realização das entrevistas era o Esquadrão da vida *teen*, vinculado a Igreja Cristã Presbiteriana. O tratamento desenvolvido é baseado em três pilares fundamentais: Amor, Trabalho e Deus, cuja duração é de entorno de nove meses, compartimentado em grupos de tempo de estadia na casa (geralmente três meses). Somente após determinado tempo de tratamento é que os adolescentes podem sair da comunidade e visitar a família em casa, essa possibilidade também é estabelecida em relação ao seu comportamento. Na instituição os meninos são expostos a novas regras, precisam cumprir determinadas exigências para poder retornar a sociedade, a principal delas é não ser mais considerado um dependente químico.

Usar crack ou entrar para o tráfico de drogas pode ser entendido como necessidades ou se demonstrar pouco interessante. Depende do leque de possibilidades existentes naquele momento da vida dos meninos. Essa multiplicidade de experiências vivenciadas nos 'espaços espiados' supera a ideia de escala espacial hierarquizada e exige um esquema múltiplo e plurilocacional que de inteligibilidade ao grupo. As espacialidades vivenciadas pelos adolescentes usuários de crack foram sendo constituídas pelo discurso por eles produzido. Cada categoria está calcada em espaços mais ou menos significativos para os adolescentes, o 'uso de drogas' surge relacionado ao espaço familiar, a casa, enquanto que no tráfico de drogas a vila surge com importância central e assim por diante. Para operacionalizar a fluidez das vivências espaciais, nos inspiramos na ideia de rizoma e mapa de Deleuze e Guattari (1995) porque as vivências espaciais coexistem, em uma interdependência continua a partir das próprias experiências, não de forma hierárquica ou determinante, mas confluindo no tempo-espaço de forma aberta ao possível. A Figura 11 é uma síntese das espacialidades dos usuários de crack e apresenta uma centralidade espacial discursiva que é a vila. A vila condensa boa parte de sua existência e compõe as categorias que foram evocadas em seu discurso.

As representações construídas pelos meninos na instituição podem ser inovadores e subversivas ao tratamento e imaginar o espaço a partir dessas

perspectivas, é construir uma ideia alternativa do espaço geográfico, aquela dos usuários de crack. Para criar essa imagem o conceito de espaço 'espiado' foi construído partindo das falas dos meninos, no sentido de apontar que suas vivências espaciais são exercidas em um estado de alerta, de fuga. O mundo 'espiado' é uma multiplicidade de fenômenos que coexistem em temporalidades distintas, a partir de determinadas práticas. O ponto culminante dessa simultaneidade é o uso de crack, pois nesse momento é a vontade de se obter prazer, a transgressão da normalidade, o ganho de respeito perante os grupos aos quais fazem parte, é também, o medo de ser pego pelo olhar atento da normalidade (aparelhos de Estado), é a dependência e as práticas infracionais necessárias para obtenção de dinheiro. Já em outro plano, agindo, está o tráfico de drogas se estabelecendo nas periferias das cidades, ou ainda, os programas governamentais de combate ao uso e tráfico.

REFERÊNCIAS

ADORNO, S.; BORDINI, E. B. T.; LIMA, R. S. de. Adolescentes e as mudanças na criminalidade urbana. **São Paulo em Perspectiva**, v. 13, nº 4, 1999.

ARIÈS, P.. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1973

BACHELARD, G. **The poetics of Space**. New York: Orion Press. 1974.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BERGSON, H. **Essai sur les donnés immédiates de la conscience**. Paris: PUF, 1997, 184p.

BERQUE, A. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: elementos da Problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.) **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.

BORGES, J. L. **História universal da infância**. 5ª ed. São Paulo: Globo, 1989.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUTLER, J. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In LOURO, G.L (Org.). **O Corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, 176 p.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Agenda da Comissão Intergestores Tripartite de Maio de 2009 . **Plano Emergencial de ampliação do acesso ao tratamento e prevençãoem álcool e outras drogas** PEAD 2009-2011 . Disponível em portal.saude.gov.br/portal/.../plano_emergencial_tratamento.pdf. Acesso em 18 de junho de 2011.

BRASIL. SENAD - Secretaria Nacional Antidrogas, Gabinete de Segurança Institucional - Presidência da República. **II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país**. São Paulo: CEBRID - Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas Psicotrópicas, 2006.

BUDNY, G. **Espaço como componente do ato infracional das meninas adolescentes em conflito com a lei em Ponta Grossa – PR**. Ponta Grossa, 2009. Monografia. Universidade Estadual de Ponta Grossa. 2009, 63 p.

CAMPOS, A. **Do quilombo à favela: a produção do “espaço criminalizado” no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CAPRA, F. **Sabedoria incomum: Conversas com pessoas notáveis**. Editora CULTRIX, São Paulo, 1995.

CASSIRER, E. **Filosofia das formas simbólicas I – A linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CEPAL. Panorama Social de América Latina 1999-2000. Agenda Social. **Las drogas em America Latina**. Disponível em: www.eclac.org/publicaciones/xml/2/4422/Capitulo_VI_2000.pdf. Acesso em 18 de junho de 2011.

CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. **O espaço como componente da vulnerabilidade aos atos infracionais desenvolvidos por adolescentes em conflito com a lei em Ponta Grossa – PR**. 2009. (Mestrado em Gestão do Território) Programa de Pós-graduação em Geografia, UEPG, Ponta Grossa - PR.

CORIOLOANO, L. N. M. T. O Real e o imaginário nos espaços turísticos. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2001.

DUNCAN, J. S. **The city as text: the politics of landscape interpretation in the Kandy Kingdom**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução de Werther Holzer. Editora Perspectiva. São Paulo, SP. 2011.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano 2: Artes de fazer**. Traduzido por Ephraim Ferreira Alves. 3ª Ed. Editora Vozes, Petrópolis, RJ. 1998.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988, 144p.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Ed. 34, Rio de Janeiro, 1995.

FEFFERMANN, M. **Vidas arriscadas: O cotidiano dos jovens trabalhadores no tráfico**. Editora Vozes, Petrópolis, RJ. 2006.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Edições Graal, São Paulo, SP. 1988.

_____. **L'Ordre Du discours**, Leçon inaugurale ao Collège de France.

Tradução de Edmundo Cordeiro, Éditions Gallimard, Paris, 1971.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, Vozes, 1996, 13ª ed.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. Ed. Perspectiva, São Paulo, 1961.

HOPKINS, P. E. Young people, masculinities, religion and race: new social geographies. **Progress in Human Geography**, v. 31, n. 2, 2007, p. 163-177.

MAYOL, P. O Bairro. In: CERTEAU, M. de. GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, Cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996, 372 p.

MCDOWELL, L. **Gender, Identity and Place. Understanding Feminist Geographies**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999, 248 p.

MASSEY, D. B.; KEYNES, M. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. **Revista de Pós Graduação em Geografia da UFF**. Niterói, RJ. UFF/EGG, 2004 – ano 6 – nº12.

MASSEY, D. B. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Trad. Hilda Pareto Maciel; Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Trad. de Carlos Alberto Ribeiro de Moura, 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NABOZNY, A. **A complexidade espacial da exploração sexual comercial infanto-juvenil feminina: entre táticas e estratégias de (in) visibilidade**. Ponta Grossa, 2008. (Mestrado em Gestão do Território) Programa de Pós-graduação em Geografia, UEPG, Ponta Grossa - PR.

ORNAT, M. J. **Território da prostituição e instituição do ser travesti em Ponta Grossa – Paraná**. Ponta Grossa, 2007. (Mestrado em Gestão do Território) Programa de Pós-graduação em Geografia, UEPG, Ponta Grossa - PR.

OLIVEIRA, L. G. de; NAPPO, S. A. Caracterização da cultura de crack na cidade de São Paulo: padrão de uso controlado. **Rev. de Saúde Pública**, 2008, p. 664-671.

PIROTTA, K. C. M. A Construção Sócio-Histórica da Adolescência e as Políticas Públicas. In: **BIS – Boletim do Instituto de Saúde**, Nº 40 – Dezembro de 2006.

ROSSI, R. **“Malucos da quebrada”: territórios urbanos na complexidade espacial cotidiana dos adolescentes homens em conflito com a lei em Ponta Grossa – Paraná.** 2010. (Mestrado em Gestão do Território) Programa de Pós-graduação em Geografia, UEPG, Ponta Grossa - PR.

ROSSI, R.; CHIMIN JUNIOR, A. B. Periferias pobres e masculinidades: uma discussão sobre espaço e elementos identitários dos adolescentes em conflito com a lei. In: **Geografias Subversivas: discurso sobre espaço, gênero e sexualidades** / organizadora Joseli Maria Silva. – Ponta Grossa, PR: TODAPALAVRA, 2009.

ROSE, G. Feminism & Geography. **The limits of Geographical Knowledge.** Cambridge: Polity Press, 1993. 205 p.

SÁ, C. P. de. **Sobre o núcleo central das representações sociais.** Petrópolis: Vozes, 1996.

SANTOS, J. C. F. **O álibi Cultural: Novas formas para a Valorização e Reprodução do Espaço na Metrópole Contemporânea.** (Dissertação) São Paulo, 2010.

SILVA, J. M. **A verticalização de Guarapuava (PR) e suas representações sociais.** Rio de Janeiro, 2002, 322 pg. (Tese de Doutorado). Orientação: Dr. Roberto Lobato Corrêa, UFRJ: PPGG, 2002.

SILVA, L. H. A. **A marca da violência e a reincidência na medida socioeducativa.** 2007. Dissertação de Mestrado. Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007.

SILVA, M. L. O. e S. **O controle sócio-penal dos adolescentes com os processos judiciais em São Paulo: entre a ‘proteção e a punição’.** 2005. Tese de doutorado. Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2005.

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** Tradução de Livia de Oliveira. Editora DIFEL. São Paulo, 1983.

VALENTINE, G. Theorizing and Researching Intersectionality: A Challenge for Feminist Geography. **The Professional Geographer**, vol. 59, nº1, p. 10-21, 2007).

ZALUAR, A. Teleguiados e chefes: juventude e crime. In: RIZZINI, I (Org.) **A criança no Brasil hoje.** Rio de Janeiro: Ed. Universitária Santa Úrsula, 1993.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2011: os jovens no Brasil.** Instituto Sangari, São Paulo. Brasília: Ministério da Justiça, 2011.

ANEXOS

Apêndice 1

Estrutura do Banco de dados (ApacheOpenOffice 3.4.0-2012)

Id	Nome		
Evocação	Espacialidade		
Período da vida	Elemento		
Sujeito Relação			Intensidade
Texto Evocação			

Apêndice 2

ROTEIRO DE ENTREVISTA DIRIGIDO COM ADOLESCENTES USUÁRIOS DE CRACK

Data / Local

1- IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Nome fictício:

Idade:

Local de moradia:

Com quem vive:

Quem identifica como responsável:

Escolaridade:

Renda familiar:

Ocupação dos responsáveis:

2-O perfil de uso do crack entre os adolescentes de baixa renda.

- ✓ Com que idade você teve a primeira experiência com o crack?
- ✓ Com quem usava o crack? (em grupo amigos/sozinho/com a família)
- ✓ Onde e como ocorreu?
- ✓ Há antecedentes familiares de uso de drogas ou o crack?
- ✓ Como você classifica sua relação com o crack? (dependência/prazer)
- ✓ Quais as motivações que levaram ao experimento do crack?
- ✓ Quais são as sensações que você tem no momento do uso?
- ✓ Quais são as sensações que você tem após o uso do crack?
- ✓ Antes do uso do crack, houve uso de outro tipo de droga e quais foram em ordem de uso, associando a idade?
- ✓ Há uso simultâneo de outras drogas durante o período de uso do crack?
- ✓ Qual a evolução da frequência do uso do crack antes da internação?
- ✓ Compare a sensação do uso do crack em relação às outras drogas (se houve uso de outras)
- ✓ O que levou você à procura de tratamento? Quantas vezes tentou o tratamento? Quais os locais que você recorreu? Onde encontrou suporte?

3- A vivência temporal/espacial cotidiana dos adolescentes dependentes químicos do crack.

- ✓ Onde o crack esteve acessível para você?
- ✓ Como adquiria o crack para o uso?
- ✓ Quais as relações de troca que ocorria para obtenção do crack?
- ✓ Quais ações infracionais foram cometidas para ter acesso ao crack?
- ✓ Quais as relações de amizade / interesse/ negócios possibilitaram o acesso ao crack? (vizinhança / outras áreas da cidade/ outros espaços privados)
- ✓ Qual é frequência de sua vivência com a presença do crack em sua área de moradia? (ou sociabilidade)
- ✓ Identifique áreas da cidade que o crack está presente e acessível.
- ✓ Identifique locais em que você está impossibilitado do acesso ao crack (locais de proteção)

4- As formas de representação das espacialidades vividas pelos usuários de crack.

1. Como você representa sua casa e como as pessoas da sua casa vêem você?
2. Como você representa sua área de moradia e como seus vizinhos vêem você?
3. Como você representa a cidade e como as pessoas da cidade vêem você?
4. Como você representa as áreas que você teve acesso ao crack? Como as pessoas que usam o crack junto com você vêem você? Como você representa as pessoas que vendem o crack e como eles vêem você?
5. Como você imagina seu futuro?

5- A ONG no processo de reorganização da vida do usuário de crack?

- O que a ONG representa?
- O que é o tratamento para você e como você imagina suas relações depois do tratamento?

5- Avaliação livre

Apêndice 3**AUTORIZAÇÃO DA JUÍZA DA VARA DA INFÂNCIA PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA****Requerimento s/nº**

Trata-se do pedido formulado pelo-mestrando HEDER LEANDRO ROCHA, visando autorização para que na qualidade de mestrando em Gestão de Território da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, possa ter acesso aos dados referentes à Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes, visando a realização de trabalho de conclusão de mestrado.

Autorizo o acesso aos dados solicitados (que deverão ser disponibilizados pela Comunidade Terapêutica), desde que em períodos previamente acordados com a entidade de modo a não atrapalhar o andamento dos serviços.

Fica consignada a ressalva de que os dados colhidos, relativos à identidade e vida pessoal dos infantes e adolescentes, não sejam utilizados para a pesquisa, observando-se rigorosamente o sigilo que norteia os respectivos processos.

Ciência à acadêmico e Comunidade Terapêutica com cópia desta decisão.

Após, archive-se em pasta própria.

Ponta Grossa, 09 de janeiro de 2012.

NOELI SALETE TAVARES REBACK
Juíza de Direito

(Tia)

DATA DE RECEBIMENTO

Recebi nesta data estes autos da MM. Juíza de Direito.
Dou Fé.
Ponta Grossa, 11 / 01 / 2012.

R